

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ALEMÃ**

**COLOCAÇÕES VERBAIS NO ÂMBITO DOS CONTRATOS
SOCIAIS E ESTATUTOS: ESTUDO CONTRASTIVO
ALEMÃO/PORTUGUÊS**

Eurides Avance de Souza

**São Paulo
2003**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ALEMÃ**

**COLOCAÇÕES VERBAIS NO ÂMBITO DOS CONTRATOS
SOCIAIS E ESTATUTOS: ESTUDO CONTRASTIVO
ALEMÃO/PORTUGUÊS**

Eurides Avance de Souza

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Língua Alemã, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Eva Maria Ferreira Glenk

**São Paulo
2003**

ABSTRACT

Collocations are phraseological combinations that are characterized by systematic and significant co-occurrence of certain lexical elements. In the case of verbal collocations, these elements are verbs and nouns. These combinations often differ from one language to another. They also have a specific formation in each language. Therefore the production of such combinations depend on the previous linguistic experience with the combinations. If that does not occur, there is the risk of literal translation that is not adequate or natural. As the lexicographical works contain only the isolated meaning of words, they are frequently not enough to help on the production or translation of this kind of lexical combination. For this reason the phraseological glossary is the best way to deal with this type of lexical formation, which contains ready-made word combinations.

The present work was first idealized to establish the theoretical bases for the development of a verbal collocations glossary in the area of memorandum and articles of association/incorporation of the companies in Portuguese and German. Besides that it intends to deal with the analysis of the syntactic, semantic and pragmatic aspects involved in its application.

This study is not limited to the analysis of isolated collocations, it also focuses their relationships with their contexts, their valence and other elements that characterize the script in which it is applied.

KEY-WORDS: phraseology, verbal collocation, memorandum and articles of association, incorporation of the companies, theoretical bases for the development of a glossary

ZUSAMMENFASSUNG

Die Kollokationen sind phraseologische Verbindungen, die durch die systematische und signifikante Kookkurrenz bestimmter lexikalischer Elemente gekennzeichnet sind. Im Fall der verbalen Kollokationen sind diese Elemente die Verben und die Substantive. Diese Verbindungen sind von Sprache zu Sprache sehr verschieden. Sie sind also spezifische Kombinationen jedes Idioms.

Die Produktion einer solchen Kombination verlangt eine vorherige linguistische Erfahrung mit der betreffenden Kollokation, ohne die nur eine wörtliche Übersetzung zustande kommt, die weder geeignet noch brauchbar ist. Da die lexikografischen Werke normalerweise nur die isolierte Bedeutung eines Wortes enthalten, reichen sie meistens nicht aus, um in der Produktion oder Übersetzung dieser Art lexikalischer Kombinationen zu helfen. Deshalb ist das phraseologische Glossar das beste Werk, um diese vorgeformten Wortverbindungen zu behandeln.

Diese Arbeit zielt darauf ab, die theoretische Grundlage eines Glossars verbaler Kollokationen im Rahmen der Gesellschaftsverträge und Statuten auf Portugiesisch und Deutsch zu erstellen. Sie behandelt die syntaktischen, semantischen und pragmatischen Aspekte der Kollokationen, welche für ihre Verwendung wichtig sind. Sie beschränkt sich aber nicht nur auf die Analyse der isolierten Kollokationen, sondern untersucht auch deren Beziehung zum Kontext, um ihre Valenz festzustellen und weitere Elemente zu bestimmen, die das *Script* charakterisieren, in dessen Rahmen die Kollokationen aktualisiert werden.

SCHLÜSSELWÖRTER: Phraseologie, verbale Kollokationen, Gesellschaftsverträge, Statuten, theoretische Grundlage eines Glossar

SUMÁRIO

1	Introdução	3
1.1	Objetivo e justificativa do trabalho	3
1.2	Metodologia	5
2	Pressupostos teóricos	7
2.1	Visão panorâmica da fraseologia	7
2.2	Caracterização e delimitação do âmbito de estudo da fraseologia	11
2.3	Armazenamento de fraseologismos na memória lingüística e problemas para o falante não-nativo e para o tradutor	17
2.4	Modelos teóricos do tipo de fraseologismo denominado <i>colocação</i>	21
2.4.1	Definições gerais de colocação e definição aplicável às colocações manifestas em textos de contratos sociais e estatutos	21
2.4.2	Tipologia	28
2.4.3	Emprego na língua geral e nas linguagens de especialidade e dificuldades oferecidas	33
2.5	Lexicologia, terminologia e fraseologia	36
2.6	Da tarefa da lexicologia contrastiva	38
2.7	A fraseologia e sua relação com alguns tópicos da lingüística textual	41
2.8	Da questão da equivalência	47
2.8.1	Observações preliminares	47
2.8.2	Dos tipos de equivalência	49
2.8.3	Fatores textuais envolvidos na busca de equivalências	52
3	Estabelecimento do <i>corpus</i>	
3.1	Parte teórica	55
3.1.1	Definição: o que é um <i>corpus</i> ?	55

3.1.2	Tipos de <i>corpora</i>	56
3.1.3	Justificativa de utilização: importância do uso de <i>corpus</i> na pesquisa lingüística contrastiva, na tradução e na lexicografia	56
3.2	Parte prática	59
3.2.1	Conteúdo e estrutura do <i>corpus</i>	59
3.2.2	Perfil dos textos constitutivos do <i>corpus</i> : contratos sociais e estatutos	59
3.2.3	Manuseio do <i>corpus</i> . Programas de busca. <i>Concordância</i>	61
3.2.4	Crerérios para a seleção das colocações	63
4	Conclusões da parte teórica	65
5	Análise funcional, sintática, semântica e lexicológica dos dados	67
5.1	Observações preliminares	67
5.2	Sobre a tipologia textual	68
5.2.1	Considerações gerais	68
5.2.2	Da função textual dos textos em análise	74
5.2.3	Do estilo dos textos	76
5.2.4	Das diferenças estruturais dos textos estudados	79
5.3	A ficha terminológica	83
6	Contexto, colocações e recorte de sentido específico. O problema dos dicionários	127
7	Considerações finais	132
8	Referências bibliográficas	135
9	Apêndices	145

“as palavras isoladas são apenas uma ficção lingüística”
(Malinowski)

1 Introdução

Nossa pesquisa de mestrado ocupar-se-á da tarefa de elaborar um apanhado teórico amplo sobre a fraseologia, até afunilar-se no estudo das colocações.

Faremos, num segundo momento, um levantamento das colocações verbais presentes em textos de contratos sociais e estatutos, nos idiomas português e alemão, de modo a confrontar os dois idiomas e analisar as diferenças morfossintáticas e semânticas existentes entre eles, visando ao estabelecimento de bases para a confecção de um glossário de colocações verbais manifestas nesse tipo de texto.

O objetivo, justificativa e metodologia desse trabalho estão abaixo descritos.

1.1 Objetivo e justificativa do trabalho

O objetivo de nossa pesquisa é desenvolver um estudo sobre as unidades fraseológicas presentes em textos de contratos sociais e estatutos, nos idiomas alemão e português. Iremos nos restringir apenas ao estudo do tipo de fraseologismo denominado colocação (apenas as verbais). Feito o embasamento teórico, passaremos a uma análise morfossintático-semântica e lexicológica de dados. Esta reflexão e análise, feitas a partir do desenvolvimento de uma ficha terminológica, visam à elaboração de um glossário bilíngüe de colocações verbais dessa área, tarefa esta que será desenvolvida posteriormente à conclusão desta dissertação.

O impulso que nos estimulou a desenvolver este trabalho foi o fato de, atuando já há alguns anos com tradução na área jurídica, enfrentarmos muitas vezes grandes dificuldades para traduzir expressões fraseológicas. Isto porque os dicionários jurídicos e de economia de alemão/português – português/alemão, disponíveis no mercado, registram apenas vocábulos isolados ou, no máximo, algumas combinações vocabulares simples, geralmente as binárias, como *contrato social*, *direito tributário*, *execução provisória*. Já outros agrupamentos de maior complexidade, como os de substantivos com verbos, p. ex., *impetrar mandado de*

segurança, conferir plenos poderes, auferir lucros não são contemplados nesses dicionários ou, quando são, isto ocorre de uma maneira desordenada, aparecendo ora no verbete do verbo ora no do substantivo.

É este um dos fatores que distingue a fraseologia aplicada a um âmbito técnico da terminologia, pois ao passo que esta última se atém quase somente ao estudo de unidades nominais, a fraseologia dedica-se ao estudo de combinações lexicais mais complexas, como as formadas por verbo e substantivo, dentre outras. Frise-se que as poucas unidades verbais apresentadas nas obras terminológicas registram apenas o sentido do verbo, não informando com que tipo de substantivos ele se combina.

A fraseologia da língua geral já representa uma “pedra no sapato” do tradutor, pois pode levá-lo a cometer muitos enganos. Vide o exemplo de frases simples como *escovar os dentes, passar no exame, pegar uma doença*, cuja tradução para o alemão não pode ser formulada mediante a simples tradução literal de seus integrantes¹. Na área técnica lhe é ainda mais difícil sair ileso das armadilhas lingüísticas preparadas por combinações usuais de palavras. Uma circunstância agravante a se considerar é que muitas vezes não conhecemos a fraseologia de uma área técnica nem mesmo em nosso próprio idioma materno. Esse fator pode levar o tradutor a incorrer no erro de traduzir livremente uma expressão fraseológica para a qual já existe, em seu idioma materno, uma composição fixa, oferecendo, portanto, uma redação inadequada e imprópria, que não corresponde ao linguajar específico utilizado na área. O tradutor pode também, por desconhecimento, banalizar uma expressão, ao utilizar inconscientemente uma combinação que se situe em um nível de linguagem abaixo da combinação do texto original.²

Dessa forma, tendo em vista essas dificuldades, pretendemos elaborar este trabalho, que além de fazer um breve compilado sobre a fraseologia, visa a fincar as bases teóricas para a elaboração do glossário. Estamos certos de que o glossário a ser elaborado servirá a tradutores que, ao realizarem traduções de contratos sociais e estatutos, necessitam encontrar equivalências fraseológicas entre os dois idiomas, bem como ao público que lida com a área comercial, necessitando redigir contratos e encontrar igualmente as equivalências lingüísticas em ambos os idiomas.

¹ Os equivalentes em alemão são: *sich die Zähne putzen, die Prüfung bestehen, sich eine Krankheit zuziehen*.

² Esclareça-se que do ponto de vista ético, o tradutor pode, respeitando o pedido de quem solicitou a tradução e tendo em vista o público-alvo, evitar a utilização de expressões técnicas, banalizando-as. Esta atitude, porém, deve ser consciente e proposital e não fruto de equívoco.

Como bem ilustra GLENK (2002b), nem o português é uma língua estrangeira bastante aprendida por falantes alemães nem o estudo da língua alemã é comum entre os falantes de português, o que acarreta também a escassez de dicionários e demais obras lexicográficas com esse par de idiomas.

Não obstante, as relações comerciais entre o Brasil e os países de língua alemã, já largamente estabelecidas, continuam ampliando-se e tornam cada vez mais necessárias ferramentas que facilitem a boa comunicação entre os falantes e agentes comerciais de ambos os idiomas.

Além dessa contribuição à classe dos tradutores e demais produtores de texto, pretendemos preencher, ainda que parcialmente, uma lacuna no estudo científico, pois até onde temos conhecimento, não existe no Brasil nenhum estudo científico de fraseologia contrastando os idiomas alemão e português, ao menos no nível específico das colocações³.

Também acreditamos que o desenvolvimento dos estudos fraseológicos pode auxiliar na didática e ensino de vocabulário de língua estrangeira, conforme veremos no item 2.4.3.

1.2 Metodologia

O percurso metodológico a ser seguido consistirá em traçar, em primeiro lugar, um panorama global da fraseologia, constituído de um breve histórico da evolução dessa ciência, seguido da caracterização e delimitação de seu objeto de estudo. Passaremos, a seguir, a uma descrição de alguns modelos teóricos de colocações, a fim de apresentar as definições e tipologia existentes. Abordaremos, então, a questão das colocações na língua geral e nas linguagens de especialidade. Ao final desta abordagem teórica, verificaremos o que dizem os estudiosos sobre a análise lexicológica contrastiva.

Traçado esse panorama global da fraseologia, passaremos à descrição do estabelecimento do *corpus*, composto de textos de contratos sociais e estatutos, bem como à

³ Saliente-se o trabalho de CAMARGO, Sidney (1996), cuja pesquisa está voltada para a análise contrastiva alemão-português e para aspectos da linguagem convencional e idiomática, abordando as expressões idiomáticas.

Há também o trabalho que está sendo desenvolvido pelo Prof. Herbert Andreas Welker, da UnB (texto eletrônico, v. referências bibliográficas). O dicionário de verbos alemão-português, em elaboração pelo professor, contém alguma fraseologia, não focalizando, porém, especificamente as colocações, ainda que algumas estejam ali presentes.

extração das ocorrências de colocações verbais, norteados por critérios que discriminaremos mais adiante.

Com as ocorrências em mãos, procederemos à análise de dados, efetuada concomitantemente à reflexão sobre a ficha terminológica, necessária à confecção do glossário.

Esta análise, que será uma análise morfossintático-semântica e lexicológica das colocações, visará à verificação da pertinência da inserção de certos campos na ficha terminológica. Visto que as formações sintáticas do alemão e do português são muito diferentes, pretendemos avaliar se será necessário incluir, na ficha terminológica, um campo sobre a forma nominalizada das colocações e informação sobre a valência das mesmas. Também iremos averiguar a existência ou não de relação de sinonímia entre as colocações e as particularidades relevantes de cada uma, que não poderão deixar de constar da ficha terminológica.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Visão panorâmica da fraseologia

A fraseologia é uma ciência relativamente jovem no Ocidente, tendo se desenvolvido pronunciadamente na União Soviética e, segundo GRÉCIANO (2000:t.e.⁴), alcançado o Ocidente via Leipzig e Zurique.

Segundo FLEISCHER (1997:5), uma das figuras que mais influenciou o desenvolvimento da fraseologia foi o lingüista Charles Bally que, em 1909, publicou a obra *Traité de stylistique française*. Esta obra dá o impulso inicial aos estudos de fraseologia, na medida em que aborda questões do âmbito dessa ciência, procurando inclusive oferecer às combinações de palavras uma certa classificação. Bally tenta estabelecer a distinção entre “séries phraséologiques” (grupos fixos de palavras sem idiomática) e “unités phraséologiques” (grupos fixos de palavras com idiomática). FLEISCHER (1997:5) afirma que foi, porém, com os trabalhos de Vinogradov, datados de 1946 e anos seguintes, que a fraseologia conseguiu se estabelecer em meio às ciências lingüísticas da União Soviética como uma subdisciplina autônoma.

BURGER et al. (1982:1) expõe que a partir do impulso de Bally e da conseqüente incrementação da pesquisa fraseológica comandada pelos lingüistas soviéticos, na década de 40, a discussão sobre as tarefas e limites da disciplina não pararam de crescer. Relata, ainda, que posteriormente o interesse pelas questões fraseológicas, nos Estados Unidos e na Europa, também foi aguçado e que tal discussão foi conduzida sobretudo em correlação com as discussões teóricas em torno da gramática gerativa.

Outros lingüistas também prestaram suas contribuições, ainda que de forma indireta, para fixar os pilares dessa ciência lingüística. Sobre a forma como cada um deles contribuiu, é interessante ver o quadro sinóptico, abaixo reproduzido, que ALVAREZ (2000:93) desenvolveu, e no qual esboça, em linhas gerais, como alguns autores como SAUSSURE, POTTIER, LYONS, FILLMORE⁵, dentre outros, abordaram questões de fraseologia.

⁴ t.e. = texto eletrônico (dados na bibliografia)

⁵ Visto reproduzirmos aqui a cópia exata do quadro elaborado por ALVAREZ (2000), não pudemos inserir, ao lado de cada um dos autores nele mencionados, a data da obra da qual foram extraídas as idéias expostas no quadro, vez que esse dado não consta do mesmo. Por essa razão, somente pudemos relacionar em nossas referências bibliográficas os autores que constavam uma única vez na bibliografia de ALVAREZ.

QUADRO RESUMO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCIPAIS AUTORES QUANTO AOS FRASEOLOGISMOS (ALVAREZ, 2000)

Autores	Propostas
Saussure	faz ênfase nas relações sintagmáticas e paradigmáticas na constituição dos agrupamentos.
Bally	retoma as noções de Saussure e introduz a noção de índices exteriores (estabilidade, impossibilidade de inserção e/ou substituição dos elementos da unidade); índices interiores (sentido dado pelo conjunto dos elementos e não pelo sentido isolado de cada um deles).
Pottier	identifica os diferentes graus de fixidez dos elementos constituidores dos fraseologismos. A relação fixa entre lexemas é defendida por Pottier como integração, isto é, um movimento de lexicalização, a passagem de uma sintaxe livre, original, criada no momento da comunicação, para uma sintaxe em vias de fixação que pode chegar à memorização total.
Casares	também faz ênfase nos diferentes graus de fixação e acredita que deve existir uma flexibilidade no sentido da fixidez na estrutura dessas unidades. Foi o primeiro a apresentar uma classificação das locuções.
Fiala	descreve as relações que existem entre as unidades fraseológicas e o texto de ocorrência (aspectos lingüísticos e discursivos). Não estabelece as diferenças entre o termo fraseologia e o conceito de unidade fraseológica. Acredita que as unidades fraseológicas podem constituir-se de uma parte fixa e outra variável formando paradigmas.

Fillmore	fala da construção lingüística fixa convencional que inclui vários tipos de expressões formulares como frases fixas, clichês, gírias, provérbios e outras fórmulas de polidez.
Lyons	caracteriza os fraseologismos (o autor utiliza a nomenclatura de idiomatismos) como enunciados estereotipados, aprendidos como um todo indecomponível sem perda da relação que as partes mantêm entre si.
Chafe	utiliza também a nomenclatura de idiomatismo para denominar os fraseologismos. O autor hipotetiza sobre como aconteceu a passagem do sentido literal ao idiomático, ou seja, segundo ele, num dado momento da história de uma língua ocorreu uma alteração chamada pelo autor de idiomatização, que levou à criação de uma nova unidade semântica, neste caso, uma unidade fraseológica.
Danlos	descreve os fraseologismos como expressões congeladas, pois considera que os elementos constituintes da expressão formam uma unidade semântica a partir do seu significado global.
Zuluaga	classifica as unidades fraseológicas em dois grupos: as que podem constituir por si mesmas enunciados completos (enunciados fraseológicos), isto é, não precisam de um contexto verbal imediato para constituir uma expressão de sentido completo no discurso; as que exigem contexto verbal imediato (locuções).
Wotjak	Apresenta uma tipologia das unidades fraseológicas classificadas de acordo com a estrutura formal (função gramatical ou sintática, categoria gramatical) e aspectos semântico-funcionais. Desta forma, os tipos de unidades

fraseológicas, segundo o autor, seriam as adjetivas, as nominativas, as verbais, as participiais e as pronominais. Do ponto de vista semântico, o autor destaca a micro-estrutura semântica dessas unidades, o fato de não equivaler o combinatório de seus componentes ao significado unitário metafórico e idiomático das unidades fraseológicas; o significado total ou parcialmente idiomático das unidades fraseológicas, ou seja, se existem elementos delas que conservam seu significado literal. O autor também presta atenção à função comunicativa das unidades fraseológicas, classificando-as em usuais, socializadas e ocasionais, manifestações únicas com significado idiomático.

Carneado & Tristá

utilizam de forma genérica o termo fraseologismo para nomear as expressões idiomáticas. As autoras classificam as expressões a partir do critério sintático-estrutural agrupando-as em: verbais, reflexivas, propositivas, com participio hecho (*sic*), conjuntivas, nominais, adjetivais, adverbiais, com os pronomes *la* ou *las*.

Tristá

agrupa os fraseologismos em dois tipos: aqueles em cuja estrutura interna se encontra um elemento indicador da natureza idiomática da expressão (vide Wotjak) e aqueles que não trazem em sua estrutura interna nenhum indicador, neles não se observa discordância léxica, semântica ou gramatical que possa distingui-los das combinações livres, o que não acontece com o primeiro grupo.

2.2 Caracterização e delimitação do âmbito de estudo da fraseologia

Temos, pois, assentado que a fraseologia é uma área de pesquisa situada dentro da lingüística, mais especificamente, dentro da lexicologia, e voltada à investigação de combinações lexicais fixas ou semifixas, ou seja, combinações lexicais que não admitem variações e combinações lexicais que – dentro de uma limitação - admitem certas variações.

Delimitar com precisão esse espectro de combinações não é tarefa fácil, já que existe certa dificuldade em determinar o que de fato é fraseológico.

Segundo BURGER et al. (1982:1),

‘será fraseológica uma combinação de duas ou mais palavras quando (1) as palavras formem uma unidade não totalmente explicável por regularidades de combinação sintáticas e semânticas, e quando (2) a combinação de palavras na comunidade lingüística seja usual, assim como um lexema’.⁶

Posteriormente, o próprio BURGER (1998:11) reformula um pouco esse conceito, afirmando que se configuram como fraseologismos as expressões que se compõem de mais de uma palavra, sendo que tais palavras não tenham sido colocadas juntas apenas para aquela ocasião, mas que se trate de uma combinação conhecida pelos falantes da língua, no caso o alemão, exatamente naquela combinação (eventualmente com algumas variantes), de forma semelhante a como esses falantes conhecem as palavras.⁷

⁶ A fim de facilitar a leitura, optamos por traduzir para o português as citações estrangeiras extensas. Contudo, para não passar a errada impressão de que o autor escreveu em português, absteremo-nos de utilizar as aspas tradicionais (“”), optando por sinalizar com aspa simples (‘’) os trechos por nós traduzidos. Ainda assim, transcrevemos sempre o trecho original em nota de rodapé, como a seguir: “*Phraseologisch ist eine Verbindung von zwei oder mehr Wörtern dann, wenn (1) die Wörter eine durch die syntaktischen und semantischen Regularitäten der Verknüpfung nicht voll erklärbare Einheit bilden, und wenn (2) die Wortverbindung in der Sprachgemeinschaft ähnlich wie ein Lexem, gebräuchlich ist.*”

⁷ Literalmente, Burger assim o formula:

“*Erstens bestehen sie [die Verbindungen] aus mehr als einem Wort, zweitens sind die Wörter nicht für dieses eine Mal zusammengestellt, sondern es handelt sich um Kombinationen von Wörtern, die uns als Deutschsprechenden genau in diesen Kombinationen (eventuell mit Varianten) bekannt sind, ähnlich wie wir die deutschen Wörter (als einzelne) kennen.*”

Complementa, então, essa definição, enumerando as características básicas que uma determinada combinação lexical deve apresentar para ser classificada como fraseológica. São elas:

- (1) Polilexicalidade (*Polylexikalität*): os fraseologismos compõem-se de mais do que uma palavra;
- (2) Fixidez (*Festigkeit*): conhecemos os fraseologismos exatamente na combinação de palavras em que se apresentam;
- (3) Idiomaticidade (*Idiomatizität*): em sentido geral, abrange as particularidades semânticas específicas que distinguem os fraseologismos de outras ligações livres de palavras. Indica que os componentes formam uma unidade que não é totalmente explicável por regras sintático-semânticas.

O autor analisa o aspecto da idiomaticidade em três níveis: idiomatismo, semi-idiomatismo e não idiomatismo.

Ao nível maior de idiomaticidade, qual seja, aquele em que o sentido do todo é completamente diferente do sentido literal de cada uma das palavras do fraseologismo, BURGER deu o nome de *Idiom* (idiomatismo), por exemplo, *Öl ins Feuer giessen* (pôr lenha na fogueira). Ao nível de idiomaticidade em que parte dos componentes pode ser entendida em seu sentido literal e parte, no sentido figurado, ele chamou de *Teil-Idiom* (semi-idiomatismo), por exemplo, *der blinde Passagier* (passageiro ‘cego’ = passageiro clandestino). Em português, teríamos como exemplo *mercado negro*. Quando não houver idiomaticidade, ou seja, quando todas as palavras do fraseologismo puderem ser entendidas em seu sentido literal, então tratar-se-á de uma *Kollokation* (colocação), por exemplo, *sich die Zähne putzen* (escovar os dentes).

Percebemos, portanto, que embora BURGER cite a idiomaticidade como um traço característico dos fraseologismos, elenca em sua classificação as colocações, que segundo ele são combinações que não apresentam esse traço.

Além disso, nas classes especiais de fraseologismos, BURGER inclui o que chama de *phraseologische Termini* (termos fraseológicos), que, na prática, se consubstanciam como colocações provenientes de áreas técnicas como *Dividende ausschütten* [economia] (distribuir

dividendos), *ein Tor schießen* [futebol] (marcar um gol), nas quais também está ausente o traço da idiomaticidade⁸.

FLEISCHER (1997:3) utiliza o termo *Phraseologismus* (fraseologismo) como o genérico de toda e qualquer combinação fixa de palavras de diferentes tipos.

Segundo ele, a germanística trata a fraseologia como uma subdisciplina da lexicologia. ‘Isto se justifica sob a ótica de que os fraseologismos, como unidades do vocabulário, podem, em princípio, ser pesquisados e descritos da mesma forma que as palavras, como unidades vocabulares.’⁹

Na obra citada, p. 68, FLEISCHER enumera os critérios a partir dos quais se analisa se uma combinação é fraseológica ou não. São eles: idiomaticidade, estabilidade, lexicalização e reprodutibilidade¹⁰.

FLEISCHER não formaliza uma definição de idiomaticidade, restringindo-se apenas a apresentar exemplos que comprovam que há vários graus dela.

Quanto à estabilidade, ele a analisa em uma relação direta com a idiomaticidade, dizendo que:

‘Relacionado à idiomaticidade está o fato de que, via de regra, se colocam limites muito mais estreitos quanto à troca de componentes de uma combinação fraseológica do que de uma combinação sintática livre. Em muitos casos, tal troca não é possível de forma alguma, pois ocorre uma estabilidade léxico-semântica. O sentido global do fraseologismo está associado à combinação de cada elemento lexical concreto.’¹¹

⁸ A questão da idiomaticidade será mais profundamente abordada no item 2.4.1.

⁹ “*Das ist berechtigt unter dem Gesichtspunkt, dass Phraseologismen als Einheiten des Wortschatzes prinzipiell in ähnlicher Weise untersucht und beschrieben werden können wie die Wörter als Wortschatzeinheiten.*” (Fleischer, 1997:10)

¹⁰ Desconhecemos se a terminologia da lingüística, em língua portuguesa, dispõe de um outro termo para significar a “possibilidade de ser reproduzido”. Não localizamos o termo e, portanto, optamos pela tradução literal do termo alemão, já que *reproduzibilidade* é palavra dicionarizada, no português.

¹¹ “*Mit der Idiomatizität hängt es zusammen, dass dem Austausch der phraseologischen Komponenten in der Regel weit engere Grenzen gesetzt sind als in einer freien syntaktischen Wortverbindung. In vielen Fällen ist ein solcher Austausch überhaupt nicht möglich; es liegt eine lexikalisch-semantische Stabilität vor. Die Gesamtbedeutung des Phraseologismus ist an die Kombination einzelner konkreter lexikalischer Elemente gebunden.*” (Fleischer, 1997:36)

Apesar dessa abordagem, FLEISCHER (1997:51) pondera que mesmo em combinações não idiomáticas pode haver forte estabilidade fraseológica, de tal forma que a separação dos elementos não é possível.

É no campo da estabilidade que FLEISCHER (1997:44) situa o princípio da “determinação na fraseologia” (*Determination in der Phraseologie*) - expressão emprestada a Dobrovól’skij - que reza que a ligação estável entre os lexemas de uma combinação faz com que a ocorrência de um torne “previsível” (*prädiktabel*), a ocorrência de outro (s), dada a frequência relativa e, portanto, significativa, da co-ocorrência.

Aqui, abriremos um parêntese na explanação da teoria de FLEISCHER para citar KJELLMER (1991:112), autor que também assinala o caráter de previsibilidade das colocações, nela se detendo de forma demorada. Esta previsibilidade não ocorre em função de características semânticas dos elementos que as compõem, mas devido à frequência com a qual os elementos aparecem juntos. KJELLMER distingue tipos diferentes de previsibilidade em função dos tipos distintos de combinações. Pode haver, segundo ele, uma previsibilidade em ambas as direções, de forma que o primeiro elemento da combinação sugira de antemão o segundo e o segundo também o primeiro (para este tipo, não conseguimos encontrar um exemplo no português); a previsibilidade pode ser apenas do segundo elemento (p. ex., em português, teríamos que o verbo *envidar* prevê o substantivo *esforços*, porém *esforços* não prevê *envidar*); e, finalmente, a previsibilidade pode ser somente do segundo elemento em relação ao primeiro (p. ex. em *velha coroca*, *coroca* prevê *velha*, mas *velha* não prevê automaticamente *coroca*).

Ressaltamos aqui que a previsibilidade somente pode ser considerada na análise monolíngüe, já que, como está calcada no aspecto pragmático da língua, pressupõe um elevado grau de familiaridade com o idioma, o que só ocorre ocasionalmente com o falante não-nativo.

Também gostaríamos de frisar que mesmo na perspectiva monolíngüe, a previsibilidade pode não ocorrer, se estivermos atuando dentro de um domínio específico, já que as colocações das linguagens de especialidade nem sempre são acessíveis ao cidadão comum.

Retornando a FLEISCHER, temos ainda a questão da lexicalização e da reprodutibilidade (*Reproduzierbarkeit*), que são processos interligados. FLEISCHER (1997:62) usa o termo *Lexikalisierung* (lexicalização) com a acepção de armazenamento no léxico

(*Speicherung im Lexikon*). Uma vez armazenados no léxico esses “blocos frásticos pré-fabricados” (*vorgeformte Satzstücke*), o falante não mais precisará produzi-los novamente, no momento da elaboração de seu discurso, mas apenas “reproduzi-los” de forma automática, na medida do grau de desenvolvimento da competência lingüístico-comunicativa individual. Vide item 2.3.

Assim, para FLEISCHER, estando presentes, na combinação, todos os elementos acima, então estaremos no campo designado por ele como “centro” da fraseologia.

Se faltar uma ou duas das características mencionadas, o terreno será o da “periferia” da fraseologia.

Nessa posição periférica, FLEISCHER situa aquelas combinações que, embora não apresentem o traço da idiomaticidade e sejam compreensíveis em seu sentido literal, são constituídas de elementos que possuem entre si um grau de “determinação” muito mais elevado do que o de elementos de uma combinação livre qualquer; e isto devido à freqüência de sua co-ocorrência e do uso. Designa-as *Nominationsstereotype* (estereótipos de nomação) e cita como exemplo *den Anker lichten*, expressão da linguagem da marinha, para a qual o idioma português tem o equivalente fraseológico *levantar âncora*.

PALM (1997), em sua obra introdutória sobre a fraseologia, fala do *status* atual dessa ciência. Segundo ela, nos últimos anos, os estudos fraseológicos têm se concentrado principalmente em duas áreas temáticas: a fraseologia contrastiva, que compara duas ou mais línguas e a fraseologia complexa ou lexicográfica, onde são objetos das observações científicas os dicionários fraseológicos monolíngües e os dicionários para tradução. Também se constitui como conteúdo da fraseologia atual, segundo a autora, a pesquisa sobre a função dos fraseologismos nos diferentes tipos de textos como literários, técnicos e de propaganda.

A autora estabelece, ainda, a distinção entre fraseologia em sentido estrito e fraseologia em sentido amplo. A fraseologia em sentido estrito englobaria apenas os frasemas¹² (fraseolexemas, lexemas de grupos de palavras, expressões idiomáticas, locuções fixas). Já no âmbito da fraseologia em sentido amplo, a autora inclui também provérbios e citações, acrescentando que já existe uma subárea distinta, a paremiologia, cujo objeto é o estudo dos provérbios.

¹² “*Ein Phrasem hat die Minimalstruktur einer Wortgruppe, d.h. es besteht aus mindestens zwei Einheiten des lexikalischen Systems, Lexemen (Wörtern)*”. (Palm, 1997:2)

Tradução: Um frasma tem a estrutura mínima de um grupo de palavras, ou seja, compõe-se de, no mínimo, duas unidades do sistema lexical, lexemas (palavras).

Para ALVAREZ (2000:70), “os fraseologismos são unidades lexicais múltiplas que apresentam vários graus de transparência semântica que vão de uma maior transparência à total opacidade”.

Preceitua que “se examinarmos a sistematicidade das unidades fraseológicas teremos de analisar os seus traços semânticos e estruturais, isto é, os traços que caracterizam o princípio de organização das unidades fraseológicas e do seu significado. Por essa razão, o problema da sistematicidade está vinculado à definição dos tipos de unidades fraseológicas.”

ALVAREZ (2000) fez um compilado exaustivo sobre a teoria fraseológica, abordando os mais variados tipos de fraseologismos. Já o tipo sobre o qual nos debruçaremos é aquele designado pelos lingüistas como *colocação* e será mais especificamente analisado no item 2.4.

O fato é que, dada a complexidade dos fatores que determinam a combinabilidade de lexemas e tendo em vista a grande multiplicidade de agrupamentos lexicais fixos ou relativamente fixos existente nos repertórios das línguas, uma delimitação precisa e minuciosa do objeto de estudo da fraseologia é tarefa que extrapola os limites deste trabalho, ficando aqui apenas esboçada.

Dessa forma, resumindo tudo o que foi visto neste item, podemos dizer que a fraseologia se dedica ao estudo de combinações lexicais que apresentam como características a polilexicalidade, a fixidez, a lexicalização, a reprodutibilidade e a idiomaticidade. Vimos, também, que não é preciso que todas essas características concorram simultaneamente, já que podemos delimitar um “centro” da fraseologia, no qual se situam as combinações que apresentam esses traços, e uma “periferia”, onde estão localizadas as combinações que apresentam somente alguns deles.

Ressalte-se, ainda, que essas características não são muito restritivas, além de requererem relativização. Isto porque polilexicalidade significa mais do que um lexema, ou seja, engloba desde agrupamentos binários (p. ex. “torcedor roxo”) até frases extensas (p. ex. “quem com ferro fere, com ferro será ferido”), ou até mesmo textos, como as canções ou as orações (cf. GLENK: 2002).

Quanto à idiomaticidade, um conceito sobre o qual nos deteremos mais à frente, vimos que há vários graus dela. Sendo assim, as combinações podem ser totalmente idiomáticas, parcialmente idiomáticas ou não-idiomáticas.

Afirmar categoricamente que uma certa expressão está ou não lexicalizada é difícil e complexo, já que aquilo que pode estar armazenado no léxico de um indivíduo de uma classe

ou grupo social pode não fazer parte do léxico de um outro indivíduo pertencente a outra classe.

A reprodutibilidade é também algo dependente da competência lingüística do falante e, portanto, difere de indivíduo para indivíduo.

Em relação à fixidez, veremos que também pode ser relativa, já que em certas combinações algumas variações são possíveis.

2.3 Armazenamento de fraseologismos na memória lingüística e problemas para o falante não-nativo e para o tradutor

Do ponto de vista cognitivo, as expressões fraseológicas são retidas em nossa memória lingüística como uma unidade, de tal forma que – no momento da produção textual – as resgatamos e expressamos de forma automática, exatamente na ordem de palavras em que é usual e conhecida ou com pequenas variações.

Assim, se pretendemos comprar uma toalha de banho, procuraremos uma loja que venda roupa de “cama, mesa e banho” e não de “mesa, cama e banho”. Da mesma forma, dizemos que alguém vive “aos trancos e barrancos” e não aos “barrancos e trancos” e assim por diante.

Como esses segmentos encontram-se arquivados em nossa memória lingüística como um bloco, a ordem das palavras que os compõem permanece inalterada. Além disso, a ocorrência de um de seus termos, em determinado contexto, como vimos em 2.2, torna previsível¹³ a ocorrência do outro.

Segundo PALM (1997:90), há hoje consenso quanto ao fato de os fraseologismos pertencerem aos atos automáticos no processo de produção lingüística. Automático, explica, é o ato de reproduzir unidades lingüísticas sem interposições cognitivas.

Vários outros autores corroboram essa afirmativa. A título de ilustração, arrolamos alguns comentários tecidos sobre esse assunto:

¹³ Acentuamos que essa “previsibilidade” não ocorre com o falante estrangeiro, ou somente ocorre ocasionalmente, já que sua vivência com a língua é restrita.

‘O fraseologismo é ‘armazenado’ mentalmente como unidade, tal qual uma palavra. Ele pode ser evocado e produzido como um todo.’¹⁴ BURGER (1998:17)

‘O fato de os fraseologismos, como construções de grupos de palavras, serem geralmente ‘assumidos’ como unidades lexicais complexas, no processo da expressão, e não serem formados novamente e de forma original a cada vez, é uma característica decorrente da idiomatidade e/ou da estabilidade.’¹⁵ FLEISCHER (1997:64)

‘Estas combinações de palavras cunhadas e pré-prontas, existentes no acervo lingüístico, precisam, no processo do discurso, apenas ser reproduzidas. Elas se comportam (...) como as unidades menores e independentes da língua, potencialmente portadoras de sentido isolado, as palavras.’¹⁶ SCHMIDT, apud FLEISCHER (1997:63)

‘Pesquisas em lingüística aplicada demonstraram que os falantes nativos freqüentemente memorizam combinações de palavras pré-prontas. Eles geralmente têm uma certa predisposição para armazenar essas combinações como um todo, razão pela qual há largo uso de colocações lexicais na linguagem do dia-a-dia.’¹⁷ COWIE, apud FONTENELLE (1994:48)

¹⁴ *Der Phraseologismus ist mental als Einheit ‘gespeichert’ ähnlich wie ein Wort, er kann als ganzer abgerufen und produziert werden.*

¹⁵ *Dass Phraseologismen als Wortgruppen-Konstruktionen im Prozess der Äusserung in der Regel nicht jedesmal neu und originell gebildet, sondern als komplexe lexikalische Einheiten ‘übernommen’ werden, ist ein abgeleitetes Merkmal, das sich aus Idiomatizität und/oder Stabilität ergibt.*

¹⁶ *Diese im Wortbestand der Sprache bereits fertig vorhandenen geprägten Wortverbindungen brauchen im Prozess der Rede nur reproduziert zu werden, sie verhalten sich (...) wie die kleinsten selbständigen, potentiell isolierbaren bedeutungsträger der Sprache, die Wörter.*

¹⁷ *Research in applied linguistics has shown that native speakers often memorize ready-made word combinations. They usually have some predisposition to store these combinations as wholes, which accounts for the pervasiveness of lexical collocations in everyday language.*

Vimos, assim, que vários autores concordam que o armazenamento de fraseologismos na memória lingüística do falante nativo é efetuado em blocos, ativados automaticamente. O mesmo, porém, não acontece com o falante estrangeiro ou tradutor que, aprendendo a língua fora de seu ambiente natural, em situações discursivas artificiais, fica muitas vezes privado do aprendizado das combinações usuais do idioma.

Isto causa problemas, pois ainda que o falante estrangeiro possa se abster de utilizar expressões idiomáticas ou provérbios da língua estrangeira (abstenção esta que o tradutor, aliás, não pode fazer), já que não os possui em sua integralidade em sua memória lingüística, não tem como evitar o uso de outras combinações simples do dia-a-dia, como *prestar atenção, desempenhar um papel, manter distância, ferver água, fazer a barba, chamar o elevador* etc.

O fato é que, uma vez que não dependem de simples regras composicionais, visto que compõem o repertório de frases convencionalizadas da língua, tais expressões oferecem grande dificuldade ao falante não-nativo e ao tradutor, pois não permitem uma tradução literal de seus componentes¹⁸. Elas extrapolam o âmbito de seus conhecimentos gramaticais e de vocabulário, e dependem de uma experiência lingüística prévia e do grau de familiaridade que tenham com a língua em questão.

Talvez, se o falante não-nativo tiver uma vivência e experiência na língua estrangeira de grandes proporções, possa também reter em sua memória lingüística, tal qual o falante nativo, à força da repetição, algumas unidades fraseológicas da L₂. Ainda assim, ser-lhe-á impossível ter familiaridade com as múltiplas e diferentes expressões provenientes das mais diversas e corriqueiras situações comunicativas. Isto sem mencionar as provenientes das linguagens de especialidade.

O problema da produção dessas expressões reside no fato de que, no momento de elaborar combinações que não lhe são familiares, o falante não-nativo/tradutor terá uma tendência a recorrer às estruturas de sua própria língua materna para dar corpo às expressões que deseja produzir no idioma estrangeiro. Isto muitas vezes traz resultados desastrosos, dado

¹⁸ Muitas vezes ocorre também de essas expressões serem formadas a partir de verbos semanticamente fracos, sendo portanto impróprio falar-se em tradução literal ou não de um elemento que admite múltiplas significações e, conseqüentemente, múltiplas traduções. Nesses casos, a significação global da expressão somente é dada por uma combinação específica do verbo semanticamente fraco com um substantivo, que será de fato o portador do sentido. Para esses casos, o dicionário bilíngüe se mostra muitas vezes ineficiente, já que não traz todas as possibilidades de combinação do verbo e seus respectivos equivalentes para cada uma dessas diversas combinações.

que cada língua seleciona elementos distintos para fazer as diversas combinações. Assim, em alemão não se *escova* os dentes, mas se *limpa*, não se *chama* o elevador, mas se *vai buscar*¹⁹, não se *faz* uma pergunta, mas se *coloca*²⁰ uma pergunta. Afora a questão da especificidade de certos verbos, como, no português, *calçar*. Sua ocorrência em uma combinação faz prever a ocorrência de um tipo de calçado (*sapatos, botas, sandálias etc.*) ou de *luvas*. Isto não ocorre no alemão, que não dispõe de um verbo tão específico para a expressão desse mesmo conteúdo, e utiliza o verbo *anziehen* para se combinar com qualquer tipo de calçado ou de peça do vestuário; assim, enquanto, em português temos *calçar os sapatos* e *vestir a roupa*, em alemão temos *die Schuhe anziehen* e *die Kleidung anziehen*. O contrário também é verdadeiro: muitas vezes é o idioma alemão que dispõe de um verbo específico, que prevê automaticamente uma certa combinação ou um pequeno espectro combinatório, sendo que o português utiliza um verbo de sentido menos específico para configurar a combinação que expressará o mesmo conteúdo semântico.

Isto traz sérias complicações de ordem tradutológica, pois se não conhecemos a combinação, fatalmente teremos de arriscar e, como dito, tentaremos transferir as formas de nossa própria língua para a língua estrangeira. Em se tratando de tradução escrita, para a qual existe um tempo de elaboração textual, podemos recorrer aos dicionários. As obras lexicográficas, porém, ou trazem apenas verbetes de vocábulos isolados, ou no máximo, nas abonações, fazem constar um ou outro exemplo de combinações fraseológicas, geralmente muito insuficientes. Em relação aos verbos que se associam a vários substantivos diferentes, formando variadas combinações, com sentidos diversos, geralmente não consta, no dicionário, a catalogação de todas as combinações possíveis. Já as obras terminográficas dão conta de um domínio específico, sendo mais abrangentes na descrição do vocabulário daquele domínio. No entanto, além dos vocábulos, elas contêm, apenas, algumas combinações simples e oferecem algumas combinatórias do tipo *ativo circulante* [economia], *ação rescisória* [direito] etc. Estas combinações, porém, restringem-se ao nível sintagmático simples, que não envolve a relação “sujeito-predicado” ou “verbo-objeto”. Dessa forma, apenas consultando os verbetes acima, não sabemos o que fazer com *ativo circulante*: estabelecer, elaborar, fixar...? E com a *ação rescisória*: impetrar, interpor, intentar...?

¹⁹ O equivalente alemão para *chamar o elevador* é *den Aufzug holen*.

²⁰ O equivalente alemão para *fazer uma pergunta* é *eine Frage stellen*.

2.4 Modelos teóricos do tipo de fraseologismo denominado *colocação*

Se nos pautarmos pela descrição de FLEISCHER (1997:58), teremos que as colocações são formações fraseológicas que se encontram na periferia da fraseologia.

O lugar ocupado pelas colocações dentro do universo fraseológico é, porém, ainda um assunto controverso. Há autores, inclusive, que não consideram que as colocações façam parte da fraseologia, dado que seu nível de idiomatidade é geralmente baixo ou inexistente. Contudo,

“está claro que as tendências mais recentes nas pesquisas de ordem fraseológica situam as colocações dentro da esfera da fraseologia. A favor dessa posição se manifestaram autores como Béjoint & Reid no I Colóquio sobre Fraseologia e Terminologia na área de Tradução e Interpretação celebrado em Genebra em outubro de 1991. No I Simpósio Internacional de Lexicografia realizado em Leeds em abril de 1994 nove dos quatorze trabalhos apresentados (B. Alternberg, I. Mel’chuk, S. Granger, T. Fontenelle, F. Knowles, P. Howarth, L. Minaeva, A. P. Cowie e V. Teli et al.) versaram sobre distintos aspectos das colocações (...). As colocações, segundo esses autores, apresentam uma conexão clara com outros tipos de unidades fraseológicas através de características comuns compartilhadas: especialização semântica, estabilidade, institucionalização, variação ou frequência em diversos graus. Elas caracterizam-se pela alta frequência de coaparição de seus elementos integrantes.” (ALVAREZ, 2000:107)

2.4.1 Definições gerais de colocação e definição aplicável às colocações manifestas em textos de contratos sociais e estatutos

* [Segundo KRISHNAMURTHY (1997:33), o termo *collocation* foi cunhado por FIRTH, em 1951, no artigo intitulado *Modes of meaning*. Também HEID et al. (1991:6) informam que foi

o lingüista FIRTH quem introduziu o conceito *collocation* e *collocability*, ainda que não os tenha definido.]

* [BURGER (1998:50) sugere a utilização do termo *Kollokation* para todo o âmbito abrangido pelas combinações fixas de palavras, não idiomáticas ou de baixa idiomaticidade.]

* [TAGNIN (1998:41) apresenta a seguinte definição:

“Uma colocação é uma combinação lexical recorrente, não-idiomática, coesa, cujos constituintes são contextualmente restritos e de coocorrência arbitrária.”]

* [Na definição de MARTIN (1992:157), as colocações são grupos de palavras restritos o suficiente para não serem tidas como livres e transparentes o suficiente para não serem consideradas idiomáticas.] *

* [O que se percebe, pela leitura desses autores, é a prescrição da falta de idiomaticidade ou de sua baixa presença nas colocações.]

* [O fato é que o próprio conceito de *idiomático* é de difícil apreensão e ainda não está completamente delimitado e esclarecido dentro da lingüística.]

Nas acepções dos dicionários de língua geral, AURÉLIO e HOUAISS, *idiomático* é simplesmente aquilo que é relativo a ou próprio de um idioma.

O dicionário de lingüística de DUBOIS et al. (1973) não define *idiomático*, limitando-se a abordar, neste verbete, o que são *expressões idiomáticas*.

GREIMAS não traz em seu dicionário de semiótica a entrada para o termo *idiomático* ou termos afins.]

BURGER (1998:31) diz que o conceito *idiomaticidade* é interpretado de diversas formas, mas que em uma concepção ampla ele engloba de um lado as anomalias estruturais ligadas ao aspecto da fixidez e, de outro, as particularidades semânticas específicas que distinguem os fraseologismos de combinações livres de palavras.

* [TAGNIN (1989:83) define como *idiomático* “aquilo cujo sentido não é transparente, isto é, que não pode ser compreendido somando-se os sentidos individuais dos elementos que o compõem”.]

Se tomarmos, porém, o que BURGER (1998:32) cita como exemplo de idiomatismo, *Öl ins Feuer giessen*, e seu equivalente em português, *pôr lenha na fogueira*, temos que os

componentes do fraseologismo não podem ser entendidos em seu sentido literal, mas o todo acaba evocando uma imagem que pode apresentar um sentido razoavelmente transparente. Na expressão acima, é possível depreender-se que se trata de alimentar algo que já está acirrado. Isto poderia ficar ainda mais claro com a ajuda de um contexto. Tomemos, portanto, um contexto fictício, como por exemplo:

José está muito nervoso e preocupado por causa dos problemas financeiros que está enfrentando. Laura, sua esposa, em vez de tentar apaziguar os ânimos, ainda fica o tempo todo falando das contas que estão para vencer. Como sempre ela adora pôr lenha na fogueira.

A pergunta que se coloca é, portanto, sobre o que de fato pode ser considerado idiomático ou não-idiomático, transparente ou opaco em língua? Se analisarmos a questão numa perspectiva contrastiva bilíngüe, teremos dificuldade em definir esses conceitos. Isto porque o que pode ser totalmente transparente para um falante nativo, pode ser opaco ou ambíguo para um estrangeiro. Como exemplo, podemos citar uma outra expressão: *fazer a cama*.

Certamente, sem a contextualização, a frase fica ambígua mesmo para o falante nativo, portanto imaginemos um pequeno contexto desambiguador:

[*Hoje pela manhã, assim que se levantou, Maria fez a cama, trocou-se e saiu rapidamente.*]

Agora fica entendido que *fazer* está sendo empregado no sentido de *arrumar*. A dúvida é: será que um falante não-nativo também seria capaz de deduzir isto assim tão rapidamente? Até que ponto podemos aplicar as definições existentes do que seja idiomático à pesquisa contrastiva bilíngüe? Que perspectiva tomar para julgar o grau de transparência de um certo enunciado: a do falante da L₁ ou a do falante da L₂?

A questão idiomática foi também abordada pelo lingüista britânico SINCLAIR (1987:319-320). Ele pondera que há dois princípios diferentes de interpretação da forma como se constrói o sentido. Vejamos cada um deles:

- (1) O princípio da livre escolha (*the open choice principle*): segundo este princípio, existe uma larga escala de escolhas abertas, na língua, cujas restrições são apenas de ordem gramatical. Respeitadas as regras gramaticais, virtualmente qualquer palavra pode ocorrer;
- (2) O princípio idiomático (*the idiom principle*): efetivamente, as palavras não ocorrem aleatoriamente em um texto e apenas o princípio da livre escolha não é suficiente para regular as escolhas. O princípio idiomático preceitua que o usuário da língua tem acesso a um grande número de frases pré-construídas que constituem escolhas simples. Isto ocorre devido à tendência natural da economia ou motivado em parte pelas exigências da conversação em tempo real.

SINCLAIR afirma que nenhum dos dois princípios isolados é capaz de fornecer uma explicação satisfatória para a formação de sentido nas línguas e, assim, para as combinações lexicais.

✕ [Notamos que ele utiliza o termo *idiomático* não para representar a não-transparência de sentido, mas para qualificar um traço de peculiaridade da língua, para se referir a uma construção que não é regulada apenas pelas regras gramaticais, mas calcada no aspecto pragmático do idioma, ou seja, em seu uso.]

✕ [A nosso ver, o indivíduo, ao produzir um certo enunciado, faz escolhas livres de vocábulos, combinando-os a seu bel prazer, dentro de uma certa limitação semântico-sintática (e também pragmática – acrescentaríamos). Ao buscar, porém, os vocábulos de que precisa para fazer a montagem vocabular que dará expressão a seu pensamento, irá deparar-se com vocábulos que, por força do fator idiomático, já estão de antemão enlaçados a outros.]

Neste sentido, a colocação *tecer críticas* poderia ser considerada idiomática, pois se configura como uma combinação peculiar e própria ao idioma português. Diferentemente, em alemão se diz “exercer críticas” (*Kritik üben*), uma construção também peculiar ao idioma alemão.

Segundo HAUSMANN (1995:22), a idiomatidade nas colocações é mais uma questão de codificação, ao passo que nas expressões idiomáticas ela recai na decodificação.

TAGNIN (1998:38-39) explica que há divergências quanto à definição de colocação entre os estudiosos da Europa continental, mas que as teorias concordam que as colocações “não são idiomáticas porque, dentro da combinação, cada lexema mantém seu significado”.

Resta, porém, a dúvida: qual é de fato “o” significado de um vocábulo? O literal, o figurado, o metafórico...? Observamos que há vocábulos que apresentam uma tendência grande à monosssemia como, por exemplo, *urânio*, *esôfago* etc. Porém, outros apresentam diversos sentidos como, por exemplo, o verbo *tomar*. Na colocação *tomar deliberação*, podemos considerar que *tomar* manteve seu significado? Note-se que ela pode equivaler a *deliberar*, que é um verbo único. O mesmo se diga da colocação *fazer jus*, comutável por *merecer* e, ainda, *dizer respeito*, que em alguns contextos poderá ser substituída por *respeitar*, ou, ainda, a colocação *prestar fiança*, substituível por *afiançar*. Nesses casos, como determinar qual é o sentido primordial do verbo, para que se possa afirmar que está sendo utilizado em um sentido que diverge desse primeiro? Nota-se, por meio dos exemplos dados, que muitas vezes a semântica do verbo não pode ser analisada de forma isolada, mas que o recorte de sentido só pode ser calcado no conjunto dos lexemas, ou seja, o significado do verbo só se determina em função da combinação global.

Outro questionamento que se faz a respeito da questão do “significado” é: a maioria dos vocábulos apresenta um significado primordial ou primário, como no caso do verbo *lavar*, que evoca primeiramente a idéia de *arar a terra*. Porém, na colocação *lavar ata*, ele perde totalmente esse sentido primário e passa a significar *fazer*, *elaborar*, *redigir*. Este outro sentido, contudo, também está dicionarizado e, portanto, é também um significado “oficial” do verbo. Pergunta-se: a combinação é ou não idiomática? Manteve-se “o” significado do verbo?

Extraído de nosso *corpus* de alemão, podemos citar o exemplo do verbo *erstatten*. Esse verbo, quando ligado a *Kosten* (custos) e a substantivos relacionados a valores monetários, significa “reembolsar”, “restituir”. Porém, quando combinado com *Bericht* (relatório), ele quer dizer, “fazer”, “elaborar”. Ou seja, seu sentido muda completamente de uma combinação para outra. Pergunta-se: qual é de fato o sentido do verbo?

Frise-se que essa “maleabilidade” de sentido, ou seja, o fato de o verbo adquirir um sentido diferente em função de cada combinação específica com um substantivo, já foi sentida por lexicógrafos que elaboram dicionários bilíngües. Isto se reflete nos verbetes de vários verbos: o dicionário *Langenscheidt*, por exemplo, traz a entrada para o verbo, como por

exemplo o citado verbo *erstellen*, e relaciona suas combinações com substantivos, trazendo para cada uma o sentido adquirido pelo verbo.

Uma outra noção abordada por TAGNIN (1998:41) e incorporada à sua definição de colocação é a de *arbitrariedade*. Significa a falta de motivação semântica. Assim, não há razão semântica para que, por exemplo, uma pessoa que fuma muito seja denominada fumante *inveterado* em português, *heavy* (pesado) *smoker* em inglês e *starker* (forte) *Raucher* em alemão.

Também em algumas colocações verbais como *constituir advogado* ou *celebrar contrato*, não encontramos as razões semânticas que deram origem às combinações, seja porque são diacrônicas e não mais apreensíveis, seja porque sequer existem. Entretanto, não podemos afirmar o mesmo em relação a colocações do tipo *violar o contrato*, *suportar prejuízos*, *levantar balanço*, colocações típicas do âmbito de nossa pesquisa, das quais somos perfeitamente capazes de vislumbrar as razões semânticas que as originaram.

Creemos, portanto, que o caráter arbitrário – utilizado como o contraponto de semanticamente motivado – não é aplicável a toda e qualquer colocação, sobretudo àquelas provenientes de áreas técnicas, já que a motivação semântica é muitas vezes visível.

Impelidos, portanto, pelas exigências da pesquisa contrastiva restrita a um âmbito específico, sugerimos a seguinte definição, que julgamos aplicável às colocações manifestas nos textos de contratos sociais e estatutos:

Colocação é uma combinação recorrente de elementos lexicais, de sentido relativamente transparente, que apresenta uma certa peculiaridade na codificação de seus componentes e um eventual grau de variabilidade dos mesmos.

Optamos por relativizar a transparência de sentido, por entendermos que essa transparência é subjetiva e dependente do grau de competência lingüística do falante. Ressaltamos, ainda, que tal transparência apresenta graduação diferente de indivíduo para indivíduo dentro da mesma comunidade lingüística e, principalmente, quando é analisada na relação falante nativo/falante não-nativo. Também estamos levando em conta a procedência

da colocação, pois muitas colocações específicas, provenientes de áreas de especialidade, são semanticamente opacas para o cidadão comum, ainda que concebidas em sua língua materna.

A peculiaridade apresentada pelas colocações explica-se pela constatação de que os idiomas têm maneiras próprias de codificar os seus sentidos. Cada língua tem, assim, as suas particularidades. Tais particularidades podem estar calcadas no nível pragmático: em algum momento, um indivíduo utiliza uma certa colocação, que depois é reproduzida por um outro indivíduo da mesma comunidade lingüística e assim por diante, de forma que o uso da colocação vai se difundindo e se cristalizando. Podem também ser ditadas por questões semânticas diacrônicas, que se perderam ao longo do tempo, e que são ora presumíveis e ora completamente inimagináveis. Ocorre também que às vezes a motivação semântica é apreensível, como no mencionado caso de *violar o contrato*. Ainda que o verbo *violar* sugira uma primeira idéia de violência, ofensa e até de estupro, também apresenta a acepção de *infringir*. Dessa forma, a preferência por *violar*, nessa colocação, em detrimento de um sinônimo, como por exemplo, *violentar*, deve-se à convenção estabelecida pelo uso. Como as convenções diferem de uma língua para outra, caracterizam a peculiaridade de cada língua.

Tais convenções fixam os modos de expressão, definindo quais elementos lexicais podem efetivamente co-ocorrer. Ainda assim, como pudemos observar, e unindo-nos a ALVAREZ (2000:141), consideramos que a fixidez é *relativa*, visto que algumas colocações apresentam certa possibilidade de substituição lexical.

Neste ponto, gostaríamos de frisar que o potencial de combinabilidade das unidades lexicais é restrito e distinto de uma língua para outra. Desse modo, se tomarmos a linguagem dos contratos sociais, temos que, em português, o substantivo *custos* pode formar colocações tanto com o verbo *cobrir*, em *cobrir os custos* como com o verbo *arcar*, em *arcar com os custos*. Já no mesmo âmbito, o substantivo alemão *Kosten* somente se combina com o verbo *tragen*, em *Kosten tragen*²¹.

²¹ Ressalte-se que, extrapolando o âmbito de nosso *corpus*, constatamos a existência da expressão *Kosten decken*. Ela, porém, apresenta uma pequena diferença de sentido, sendo muitas vezes utilizada para significar *ser suficiente para os custos* (valência sintática diferente). Esta colocação, contudo, não apresentou uma ocorrência sequer em nosso *corpus*, não podendo, portanto, ser relacionada como uma expressão típica de nosso âmbito de pesquisa.

2.4.2 Tipologia

As colocações desdobram-se em vários tipos de combinações vocabulares. TAGNIN (1998:42) estabelece cinco tipos, a saber:

- 1) substantivo + substantivo;
- 2) substantivo + adjetivo;
- 3) substantivo + verbo;
- 4) adjetivo + advérbio;
- 5) verbo + advérbio

Vejamos detidamente cada um desses tipos:

◆ *Substantivo + substantivo* ou *substantivo + preposição + substantivo*

Encontram-se, neste grupo, os substantivos compostos do português, por justaposição, como *navio-escola*, *carro-bomba* etc., bem como as combinações que necessitam da preposição como elemento de ligação, como *carne de vaca*, *cartão de crédito* etc. Em alemão, correspondem aos chamados *Komposita*, substantivos resultantes da justaposição de dois substantivos, grafados como um vocábulo único. Ex.: *Schulschiff*, *Autobombe*, *Rindfleisch*, *Kreditkarte*.

Gostaríamos de ressaltar aqui o caráter convencional que essas combinações apresentam, sobretudo as especificadoras de unidades, cuja codificação é muitas vezes distinta nos idiomas analisados. Como exemplo, podemos citar *dente de alho*. Em alemão, o equivalente é *Knoblauchzehe* (dedo[do pé] de alho).

Na área dos contratos sociais, encontramos a presença massiva dos *Komposita*, que se consubstanciam como a forma nominalizada de colocações verbais. Assim de *das Kapital erhöhen* (aumentar o capital), vem o *Kompositum*, *die Kapitalerhöhung* (o aumento de capital), de *Beschluss fassen* (tomar deliberação) vem *die Beschlussfassung* (a tomada de deliberação) etc.

◆ *Substantivo + adjetivo* ou *adjetivo + substantivo*

Um exemplo claro desse tipo pode ser tomado a HEYLEN & MAXWELL (1994:299), que demonstram como os diferentes idiomas convencionam combinações diferentes para expressar um mesmo conceito. No caso, o conceito em tela, já utilizado como exemplo em item anterior, é o da pessoa que fuma muito, o “fumante inveterado”.

Em inglês, temos	<i>heavy smoker</i>
Em alemão,	<i>starker Raucher</i>
Em francês,	<i>grand fumeur</i>

Percebemos que cada um dos idiomas selecionou um adjetivo diferente para se unir ao substantivo *fumante*. Ainda que esses adjetivos possuam uma certa afinidade semântica, não poderíamos utilizar seu equivalente para efeito de tradução. Se procedêssemos a uma tal operação na direção alemão-português, de *starker Raucher* desastrosamente chegaríamos a *fumante forte*, o que absolutamente não se diz em português.

É por isso que, com ALLERTON (1990:29), concluímos que nem todo adjetivo pode ser combinado de forma natural com todo substantivo²². Observe-se que, na perspectiva monolíngüe, temos que o equivalente banalizado de *coqueluche* é *tosse comprida* e, embora os adjetivos *longa* e *extensa* possam ser considerados sinônimos de *comprida*, não poderíamos utilizar nenhuma dessas combinações para representar o mesmo referente.

É certo, porém, que algumas combinações admitem certo grau de variação e que, dentro de uma limitação, tenhamos alguma opção de escolha no eixo paradigmático. Podemos, por exemplo, dizer que algo se encontra em *grande escala* ou em *larga escala*. Note-se, ainda, que apesar de termos a opção de comutar *grande* por *larga*, fomos obrigados a respeitar a ordem de anteposição do adjetivo, ainda que a posição natural do adjetivo, em português, seja posterior ao substantivo, porque também esta ordem foi convencionalizada e sua alteração mudaria a semântica da expressão.

Nas áreas técnicas, as restrições combinatórias de colocações compostas por substantivo e adjetivo também se fazem notar. Como exemplo da linguagem jurídica do idioma alemão, temos as colocações *lebenslängliche Freiheitsstrafe* e *lebenslänglicher Niessbrauch*, cuja tradução para o português é *prisão perpétua* e *usufruto vitalício*. Note-se

²² Acrescentamos que essa observação é válida para todo tipo de colocação. Assim, não é qualquer verbo que se combina de forma natural com qualquer substantivo e assim por diante.

que embora o alemão tenha eleito o mesmo adjetivo, *lebenslänglich*, para compor ambas as colocações, o português convencionou adjetivos distintos.

◆ *Substantivo + verbo*

Desdobram-se em duas formas:

- *Substantivo + verbo*: em que o substantivo ocupa a posição de sujeito do verbo. Ex.: *o rio corre (der Fluss fließt)*; *a cláusula reza (die Klausel lautet)*;
- *Verbo + substantivo*: em que o substantivo é objeto do verbo. Há exemplos abundantes desse tipo tanto na língua geral como na de especialidade. Exemplos da língua geral: *aplicar/usar/empregar um método (eine Methode anwenden)*, *estabelecer um recorde (einen Rekord aufstellen)*, *frequentar a escola (die Schule besuchen)*.
Exemplos de colocações provenientes de linguagens de especialidade:
[economia] *emitir um cheque (einen Scheck ausstellen)*
[cartorial] *contrair matrimônio (eine Ehe eingehen/schliessen)*
[direito] *prolatar uma sentença (ein Urteil verkündigen)*

◆ *Adjetivo + advérbio* ou *advérbio + adjetivo*

Ex.: *gravemente ferido (schwer verletzt)*; *totalmente integralizado [econ.] (voll liberiert/eingezahlt)*

◆ *Verbo + advérbio* ou *advérbio + verbo*

Ex.: *funcionar plenamente (reibunglos/einwandfrei funktionieren)*; *pagar adiantado/antecipadamente (im Voraus bezahlen)*

Esta classificação das colocações, conforme se pode depreender dos exemplos arrolados, não se restringe a nenhum idioma específico, sendo, portanto, aplicável a vários.

Outra classificação, esta focalizando o espectro das colocações apenas do idioma alemão, é a de BURGER (1998). O autor não chega a uma sistematização tipológica formal, mas estabelece uma distribuição das colocações em três tipos:

- as “formações gêmeas” (*Zwillingsformeln*) não idiomáticas²³, representadas por agrupamentos totalmente regulares do ponto de vista sintático e semântico, característicos por sua fixidez. Trata-se de duas palavras da mesma classe ou da repetição da mesma palavra, unidas por uma conjunção ou preposição, formando um par lingüístico cristalizado.

Ex.: *gross und stark* (grande e forte)

dick und fett (forte e gordo)

Kaffee und Kuchen (café e bolo)

Em português, podemos encontrar também representantes desse tipo em:

pão com manteiga

par em par

cara a cara

TAGNIN(1998) as classifica como binômios.

- “estruturas com verbos funcionais”²⁴ (*Funktionsverbgefüge*), consubstanciadas como a associação de um substantivo deverbal e um verbo semanticamente fraco (e eventual preposição).

Ex.: *zur Entscheidung kommen* (chegar à decisão)

in Anspruch nehmen (recorrer a)

in Kenntnis setzen (colocar a par)

²³ Segundo o autor, há também “formações gêmeas” idiomáticas, como no caso de *gang und gäbe* (“carne-de-vaca”, no sentido de coisa muito comum), e semi-idiomáticas, como *klipp und klar* (“muito claramente”, “que não dá margem a dúvidas”).

²⁴ Adotamos a tradução oferecida por DAL BELLO (1987) para *Funktionsverbgefüge*.

Em português, temos inúmeros exemplos desse tipo de formação colocativa, que, entretanto, não são tratados à luz de um conceito genérico.

Ex.: *colocar em execução*
entrar em desespero
pôr à venda

Conforme ressalta DAL BELLO (1987:13-14), tais estruturas, por formarem uma unidade semântica, podem muitas vezes ser substituídas pelo verbo pleno correspondente. Nos exemplos do português, acaso efetuássemos tal substituição, teríamos então *executar*, *desesperar-se* e *vender*. Procedendo-se, porém, a tal operação, perderíamos o caráter aspectual que o verbo funcional confere ao enunciado, empobrecendo o sentido. Além disso, é de se observar que às vezes a substituição não apenas empobrece o sentido, ao omitir um processo, como pode alterá-lo drasticamente: *Ele quer pôr a casa à venda* é comutável por *Ele quer vender a casa*, porém, *Ele pôs a casa à venda* é totalmente diferente de *Ele vendeu a casa*.

Além das “estruturas com verbos funcionais”, BURGER cita ainda outros tipos de ligações verbais como *die Initiative ergreifen* (tomar a iniciativa) e *Geld abheben* (sacar dinheiro), dentre outras, as quais diferem das “estruturas com verbos funcionais”, já que não apresentam verbos semanticamente fracos²⁵, não contêm obrigatoriamente substantivos deverbais nem formam uma unidade semântica, comutável por um verbo único. A essas colocações, porém, BURGER não oferece uma designação própria, limitando-se a afirmar que são formulações que têm preferência em detrimento de outras, sem fundamentos semânticos reconhecíveis.

²⁵ Note-se que o verbo *ergreifen* é bem mais específico que “tomar”, o que faz com que BURGER afirme que ele não é semanticamente fraco.

2.4.3 Emprego na língua geral e nas linguagens de especialidade e dificuldades oferecidas

Por todos os exemplos vistos até aqui, fica evidente que as colocações são de uso comum e obrigatório na linguagem do dia-a-dia, consubstanciando-se como formulações peculiares para a expressão de certos conteúdos semânticos.

Ressaltamos em 2.3 que graças a esse caráter peculiar, é difícil a um falante não-nativo/tradutor produzir uma colocação na língua estrangeira, se não conhecê-la anteriormente ou se não tiver familiaridade com ela, já que a combinabilidade de seus integrantes ocorre de forma convencional, ditada pelo uso.

Outro agravante desse problema é a questão dos dicionários, que pouco ou nada ajudarão na busca da construção mais adequada. Em pesquisa que empreendemos em dicionários de língua geral, para localizar os equivalentes em língua alemã de colocações portuguesas como *doar sangue, suprir (as) necessidades, tomar coragem*²⁶, não logramos êxito algum. Somente o uso de *corpora* nos foi instrumento de valia.

Isto demonstra que o ensino do vocabulário da língua estrangeira requer também um tratamento fraseológico, de forma que o aprendiz possa fixar e automatizar os grupos fixos ou semi-fixos de palavras, sobretudo as colocações, de maneira global.

No Brasil, no ensino da língua alemã, os professores ressaltam que o aluno, ao aprender um substantivo, deve memorizar seu gênero e seu plural. Quanto aos verbos, frisam que as regências não coincidem com as do português e que, portanto, devem ser decorados junto com os casos que regem e eventuais preposições. Também enfatizam a importância de se memorizar os verbos irregulares e suas alterações morfológicas, em função da pessoa e do tempo verbal.

Se a língua fosse regida apenas pelo princípio da livre escolha, estaria perfeito. Mas a peculiaridade oferecida pelo princípio idiomático faz com que apesar de dominar esses conhecimentos, o aluno de língua estrangeira ainda assim não seja capaz de produzir frases simples de língua geral de maneira natural, já que desconhecendo as combinações peculiares do idioma, produz frases não usuais e insólitas (embora gramaticalmente bem formadas).

²⁶ Os equivalentes em alemão são: *Blut spenden, den Bedarf decken, Mut fassen*, respectivamente.

GRÉCIANO (2000: t.e.) acredita que o desenvolvimento dos estudos fraseológicos conduzirá a uma reorientação radical da didática de línguas. Frisamos que essa reorientação já é uma exigência pungente.

O fato é que a utilização das colocações na língua geral confere naturalidade à linguagem. Ao utilizá-las no idioma estrangeiro, sentimos que estamos falando a língua de forma “correta”, como um falante nativo o faria.

Já em relação à linguagem de especialidade, a utilização das colocações muitas vezes não é apenas uma questão de manutenção da naturalidade mas sim uma necessidade da situação. Alguns atos jurídicos dependem de formulação lingüística precisa e específica para poderem ser executados. KJAER (1992:52) exemplifica que, em um processo penal, um réu somente pode ser condenado por cometer *schwere Körperverletzung* (lesão corporal grave) se na petição constar exatamente esta expressão. Se, porventura, constar *grobe Körperverletzung* (lesão corporal forte/brutal) caberá ao juiz definir a pena aplicável, já que a lei não prevê pena para esta ação.

O uso das colocações dentro de um âmbito técnico pode ser também determinado por hábito e praxe.

LAINÉ et al. (1992:5) ressalta que ‘todas as línguas de especialidade privilegiam certas combinações lexicais’²⁷.

HEINEMANN/VIEHWEGER (1991:166-167), estudando tipologia textual, concluem que em correlação com o tipo de texto que está sendo elaborado existe um “modelo de formulação” (*Formulierungsmuster*), que regula as escolhas lexicais, as combinações lexicais e as construções sintáticas mais adequadas e cabíveis ao tipo de texto em questão.

Segundo os autores:

‘A ativação de tal modelo ajuda o produtor do texto no ‘preenchimento’ rápido e adequado de estruturas textuais.

(...)

De especial interesse, porém, para esse modelo de formulação são as associações de unidades lexicais características e construções sintáticas típicas. Elas são

²⁷ ...toute langue de spécialité privilégie certaines combinaisons lexicales.

atribuídas a uma especial **noção colocacional** do participante da comunicação, um conhecimento de associações freqüentes que se repetem e da combinabilidade de unidades lexicais. Visto que as experiências que conquistamos no confronto com o ambiente social são armazenadas em nossa consciência de forma complexa (...), sua ativação ocorre também freqüentemente da mesma forma, em combinações sintagmáticas fixas.’²⁸ (grifo nosso)

Dessa forma, ao ativarmos um determinado modelo textual, iremos ativar não apenas palavras relacionadas ao contexto daquele modelo, como também formações típicas como as colocações. Isto explica por que o uso das colocações, na linguagem de especialidade, é tão automático e como este processo contribui também para o princípio da economia, já que poupa o tempo de uma nova reelaboração textual a cada vez.

Podemos afirmar mesmo que as linguagens de especialidade de certa forma prescrevem o uso de colocações específicas, que funcionam como “marcas características”, *charakteristische Signale* na terminologia de HEINEMANN/VIEHWEGER (1991), sinalizadoras do tipo de texto no qual estão inseridas.

Constata-se, portanto, que a produção/tradução de um texto em linguagem de especialidade requer também conhecimentos colocacionais nem sempre de fácil obtenção, seja pela insuficiência informativa dos dicionários, seja pela dificuldade de acesso a outros textos da mesma área temática.

Além disso, e aumentando ainda mais o montante das dificuldades, nem sempre é possível aplicar o princípio da analogia ou basear-se na intuição. Analisemos esta questão a

²⁸ *Die Aktivierung solcher Muster hilft dem Textproduzenten bei der schnellen und doch adäquaten “Ausfüllung” der Textstrukturierungen.*

(...)

Von besonderem Interesse aber für solche Formulierungsmuster sind charakteristische Verknüpfungen von lexikalischen Einheiten und typische syntaktische Konstruktionen. Sie lassen sich auf ein spezielles Kollokationswissen der Kommunikationsteilnehmer zurückführen, ein Wissen über häufig wiederkehrende Verknüpfungen und Verknüpfbarkeiten lexikalischer Einheiten. Da Erfahrungen, die wir in der Auseinandersetzung mit der sozialen Umwelt gewonnen haben, in unserem Bewusstsein in komplexer Form gespeichert werden (...), erfolgt auch deren Aktivierung vielfach in derselben Form, in festen syntagmatischen Verbindungen.

partir de um exemplo extraído de nosso *corpus*, o das colocações *dar parecer* e *emitir parecer*. Notamos, aqui, que o verbo *dar* comuta com *emitir*. Isto, porém, não permite intuir que, em outras combinações, isto também seja possível. Basta verificar que *emitir ações* não comuta com *dar ações*.

Assim, o fator que determina ser possível a troca do verbo que se combina com o substantivo, no primeiro par de colocações, mas não no segundo, é a arbitrariedade.

O mesmo é válido para a perspectiva bilíngüe: o fato de o verbo *emitir* ser traduzido por *ausgeben* em *emitir ações* não permite deduzir que ele também possa ser traduzido por *ausgeben* em *emitir parecer* (e de fato não pode, já que a colocação é construída com o verbo *einräumen*).

2.5 Lexicologia, terminologia e fraseologia

Antes de adentrarmos na análise da lexicologia contrastiva, gostaríamos primeiramente de fornecer um panorama geral e bem resumido da lexicologia, da terminologia e da fraseologia, todas elas áreas afins.

De acordo com BARBOSA (1990:153-156), a lexicologia é um dos ramos da lingüística e ocupa-se do estudo científico do léxico. Não se confunde com a lexicografia, que é a prática de elaboração de dicionários. Já a terminologia é um conjunto de palavras técnicas ou científicas que constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área de conhecimento. Enquanto prática terminológica (ou terminográfica), consiste na produção de termos e/ou obras que os armazenam, isto é, a recuperação ou criação de termos técnico-científicos, sua compilação, organização, armazenagem, de que resultam os dicionários terminológicos.

BARBOSA designa essas ciências como “ciências da palavra” e ressalta que enquanto a lexicologia estuda o universo de todas as palavras, a terminologia e a terminografia tratam dos termos científicos e tecnológicos.

Olhando por esta perspectiva, poderíamos considerar que a fraseologia não seria uma ciência da palavra, pois não lida com a palavra isolada, mas sim uma “ciência das palavras”, já que visa a descrever as formas como as palavras se combinam e o resultado produzido por

estas combinações. Portanto, a fraseologia, que é considerada uma subárea da lexicologia, ocupa-se do estudo do léxico, sob o ponto de vista das combinações lexicais.

Por esta razão, o âmbito da fraseologia técnica, classificada por BURGER (1998) como *phraseologische Termini*, não se confunde com o da terminologia, pois não focaliza os termos de um determinado âmbito técnico em separado, mas sim as combinações usuais desses termos.

Assim, o trabalho do fraseólogo/fraseógrafo dentro de um âmbito técnico não dispensa o trabalho do terminólogo, mas dele se alimenta para elucidar muitas dúvidas conceituais, relativas sobretudo aos substantivos-base²⁹ das colocações verbais. Isto porque, como bem ilustra VALENTE (2000:190), os repertórios de terminologia priorizam as unidades lexicais de natureza nominal, sendo quase inteiramente constituídos de unidades nominais.

Dessa forma, o glossário terminológico e o fraseológico serão utilizados concomitantemente pelos usuários, sejam eles tradutores ou produtores de texto, atuando em uma área técnica. O glossário terminológico poderá fornecer informação conceitual de bases de colocações verbais, nos casos em que seu sentido isolado é importante, ao passo que um glossário fraseológico, por exemplo, um glossário de colocações verbais, trará informação sobre a combinabilidade dessas bases com os respectivos verbos. Assim, o glossário terminológico comercial poderá trazer a definição do que seja *capital* de uma empresa, e – se for bilíngüe – o equivalente no idioma estrangeiro, sendo que o glossário fraseológico informará com quais verbos essa base se combina; por exemplo, com o verbo *aumentar*, demonstrando que a colocação usual é *aumentar o capital* e não *elegar o capital*, e trazendo igualmente a equivalência no idioma estrangeiro.

Ressalte-se que, nos casos em que o sentido isolado dos elementos constitutivos da colocação não é relevante ou é até mesmo modificado pela combinação e o sentido prevalecente é o do todo, como por exemplo, em colocações do tipo *fazer parte* ou *dizer respeito*, isto não se aplica, ou seja, a importância do glossário terminológico não é mais válida, já que apenas o sentido fraseológico predomina.

Frise-se também que os repertórios fraseológicos contribuem para a obtenção da propriedade nos textos. Propriedade, segundo TAVARES (1984: 388) consiste no emprego correto das palavras adequadas ou expressões próprias a uma determinada idéia ou

²⁹ Hausmann (1985) introduziu os conceitos de base e colocado, no estudo das colocações. As bases são os substantivos e os colocados, os verbos. Vide explicação no item 2.6.

pensamento. As informações de cunho fraseológico evitarão que o produtor de texto/tradutor utilize combinações que não são usuais ou que sejam impróprias àquele contexto.

2.6 Da tarefa da lexicologia contrastiva

Vimos que a fraseologia se consolidou como uma subárea da lingüística e, mais especificamente, da lexicologia. Uma vez que estamos comparando combinações provenientes de duas línguas diferentes, é importante refletirmos um pouco sobre o papel da lexicologia contrastiva.

Para WERLEN (1995:25), a lexicologia contrastiva teria a tarefa de comparar os diferentes vocabulários de duas ou mais línguas; já a lexicografia incumbir-se-ia de desenvolver uma tipologia dos possíveis dicionários bilíngües.

KJAER (1995:50) diz que o objetivo de uma comparação lexicológica de línguas visa, dentre outras coisas, à obtenção do conhecimento sobre a traduzibilidade usual de unidades lexicais da L₁ por unidades lexicais da L₂ equivalentes³⁰.

HAUSMANN (1995:20-23) preceitua que a busca de equivalências é a tarefa principal da lexicologia contrastiva. Aponta, contudo, a impossibilidade de uma lexicologia contrastiva de vocábulos. Isto porque os vocábulos podem admitir variadas acepções em função da multiplicidade de contextos dentro dos quais são atualizados. Segundo ele, os “contextos são infinitos”, o que anularia de antemão qualquer tentativa de descrição. Para ilustrar, cita o exemplo do adjetivo *sauvage*, do francês, para o qual ele, HAUSMANN, tem buscado há anos os equivalentes em alemão. Os adjetivos alemães encontrados por ele foram: *wild, wildlebend, ungezähmt, wildwachsend, unberührt, primitiv, unzivilisiert, urtümlich, natürlich, barbarisch, bestialisch, menschengleich, ungesellig, schüchtern, unerlaubt*. Além desses, encontrou também equivalentes não adjetivos. Ressalta que esta lista não exaure todas as possibilidades, já que a cada dia se depara com uma nova dificuldade.

De acordo com HAUSMANN, no uso dos vocábulos prevalece o princípio idiomático sobre o princípio da livre escolha, o nível sintagmático sobre o paradigmático. Por isso, o

³⁰ A questão da equivalência será analisada no capítulo a seguir.

tratamento contrastivo de vocábulos somente é possível em pequenos âmbitos da língua, em vocabulários circunscritos, delimitados por contextos específicos.

Pondera que a **lexicologia contrastiva** deve iniciar-se pela **coleta de colocações** e pela **busca de seus equivalentes**, dentro de uma determinada área temática. Tal procedimento, este sim plausível, tornará a lexicologia contrastiva uma textologia contrastiva ou uma **fraseologia contrastiva**.

HAUSMANN salienta que todo falante estrangeiro necessita, a partir de um certo nível de aprendizagem de palavras básicas, conhecer as “palavras satélites” (*Satellitenwörter*) que gravitam em torno das básicas, a fim de conhecer o funcionamento típico da língua.

Para entender melhor este comentário de HAUSMANN, é preciso conhecer sua teoria sobre as colocações (1985), em que define que este tipo de combinação possui uma *base* (*Basis*) – o elemento central - e um *colocado* (*Kollokator*) – o elemento que o modifica.

Assim, na colocação *cabelo liso*, a base é *cabelo* e *liso* é o colocado. Se quisermos passá-la para o alemão, temos o elemento conhecido, que é a base, *cabelo* (*Haar*), porém talvez tenhamos problemas para descobrir qual é o colocado, já que para *liso*, o dicionário *Langenscheidt* nos oferece *glatt, uni, schlicht, ehrlich*³¹. O mesmo é válido para as colocações verbais, como *bater um pênalti*. Temos a base, que é o substantivo *pênalti* (*Elfmeter*), porém temos dificuldade para saber que verbo deverá ser colocado junto a ela³².

Segundo HAUSMANN, as bases são constituídas geralmente por substantivos, já que são eles que expressam os fatos e fenômenos do mundo, sobre os quais se tem algo a dizer. Esse “algo a dizer” é o *colocado*.

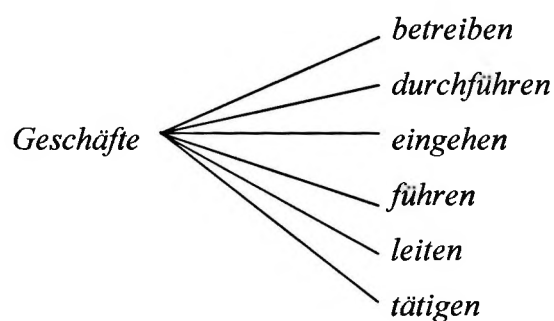
HAUSMANN julga que a lexicologia/fraseologia contrastiva deve tentar inventariar as colocações de um pequeno âmbito, de forma que o *colocado* seja associável automaticamente a uma base.

Nos dicionários informatizados, ele sugere que a uma *palavra-base* sejam relacionados todos os *colocados* possíveis.

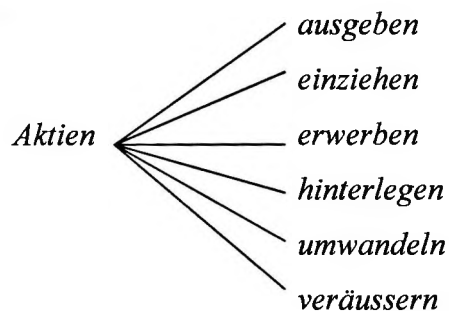
Em nosso caso específico, teríamos, por exemplo, com a base *Geschäfte*:

³¹ A colocação usual é *glattes Haar*.

³² Nesse caso, a colocação pode ser formada com os verbos *schliessen, treten e vollstrecken*, conforme documenta Kromann (1994:117) em item dedicado às colocações no léxico do futebol em dinamarquês e alemão.



O que, de antemão, demonstra que esta base se combina com elementos de sentidos semelhantes ou bastante próximos, praticamente sinônimos. Ao contrário, com a base *Aktien* temos um outro quadro. Vejamos:



Aqui, a base se combina com verbos que representam diferentes tipos de ações.

O artigo de HAUSMANN muito nos encorajou a circunscrever nossa pesquisa a um âmbito tão pequeno quanto o dos contratos sociais e estatutos, já que - segundo defende - somente mediante uma redução desse porte seria possível inventariar um número significativo de equivalências de uma determinada área. Além disso, seu posicionamento quanto à impossibilidade da busca de equivalências para vocábulos, mas somente para colocações, também nos estimulou a mantermo-nos neste caminho.

2.7 A fraseologia e sua relação com alguns tópicos da lingüística textual

Gostaríamos, primeiramente, de frisar o quão importante é o estudo da lingüística textual para o estudo da fraseologia. Isto porque os fraseologismos são pequenas unidades de texto e estão inseridos dentro de contextos. Seu estudo aborda a linguagem numa perspectiva textual, contextual e pragmática. Cremos, portanto, que o estudo de alguns conceitos da lingüística textual nos será de grande utilidade, para conduzir nossa pesquisa no campo da fraseologia, servindo-nos de instrumento para algumas análises.

Temos também por certo que o estudo da espécie de fraseologismo por nós analisada, as colocações verbais, não pode ser realizado, desvinculando as colocações do conjunto global do qual fazem parte, mas que é preciso observar todos os dados textuais e, até mesmo, extra-textuais a elas relacionados, buscando sobretudo uma conscientização em relação aos processos lingüísticos envolvidos em sua produção, de modo que a equivalência oferecida para cada colocação tenha sido buscada respeitando-se os princípios de produção textual aplicados.

Alguns tópicos da lingüística textual que consideramos relevantes para o estudo da fraseologia são: *frames* ou *scripts*, modelo cognitivo de contexto, forma textual, espécie de texto e funções da linguagem. Passaremos a tratar esses tópicos um a um.

Frames ou scripts

Os conceitos de *frames* ou *scripts* foram primeiramente utilizados na psicologia cognitiva e nos estudos sobre inteligência artificial, no final da década de 70 e, então, importados pela lingüística.

De forma simplificada, podemos dizer que representam roteiros pré-estabelecidos para situações do mundo real. Ou seja, consubstanciam-se como a representação mental que temos de um determinado evento. Temos, assim, arquivados em nossa memória lingüística, modelos de eventos. Sabemos, por exemplo, como nos comportar em determinadas situações e como devemos nos manifestar verbalmente. Dessa forma, se vamos a um restaurante, sabemos que primeiro deveremos solicitar o cardápio, depois efetuar o pedido, comer, pedir a conta, pagar e, finalmente, ir embora.

SCHANK & ABELSON (1977) conceberam a noção de *script* para um conjunto de eventos-padrão correspondente a cada tipo de ambiente real. De acordo com essa hipótese, o

convívio social consistiria de roteiros que descreveriam, em seqüência, as ocorrências típicas de uma situação, como alimentar-se em uma lanchonete, ir ao médico, visitar um amigo etc.

Segundo VAN DIJK (1992: 162):

“... aparentemente partilhamos nossos modelos de eventos com outros membros da sociedade. Quando um processo desse tipo é repetido para eventos que ocorrem com freqüência, os membros da sociedade podem tender a estandardizar seus modelos (...). É este conhecimento, armazenado na memória semântica (ou melhor: social), que tem sido explicado em termos de *frames* ou *scripts*.”

Trata-se, portanto, segundo o autor, de “um conhecimento prototípico, *scriptural*, socialmente partilhado, armazenado na memória semântica (social).”

Se temos, portanto, armazenado em nossa memória um conhecimento prototípico das situações, que se consubstancia em modelos mentais que englobam, por sua vez, atos extra-lingüísticos e lingüísticos, é de se inferir que esses modelos comportam também *frames* lingüísticos estereotipados. Assim, se somos apresentados a alguém, cumprimos o *script* cultural de apertar-lhe a mão ao mesmo tempo em que dizemos a frase convencional: “Muito prazer”/“Prazer em conhecê-lo”.

VAN DIJK (1992:162) confirma esse raciocínio, dizendo que:

“As sentenças e o discurso têm estruturas convencionais que não apenas permitem uma interpretação estratégica rápida, mas também um armazenamento efetivo nos modelos (...).”

Acrescentaríamos, aqui, que os fraseologismos também estão incorporados a esses modelos e são ativados conforme as situações, como veremos mais à frente.

GÜLICH (1997), estudando os textos formulaicos, também detecta que há *scripts* prontos para diversos tipos de textos, como por exemplo, os anúncios de falecimentos publicados em jornais. Eles seguem um roteiro pronto e utilizam, para o preenchimento desse

roteiro, frases também prontas, que contêm elementos e combinações lexicais padronizados para aquele roteiro.

Modelo cognitivo de contexto

A importância do contexto na questão da fraseologia é também algo essencial, pois qualquer fraseologismo deverá respeitar as regras de adequação ao contexto. Assim, por exemplo, seria incabível o uso de um fraseologismo da linguagem da meteorologia em uma narração de fatos numa petição inicial de um processo judicial, como, a título de ilustração, poderíamos imaginar:

*O dia em que ocorreu o acidente apresentava **chuvas esparsas durante todo o período**. Isto propiciou a formação de poças d'água em diversos pontos da rodovia, ocasionando a derrapagem dos veículos.*

KOCH (1999: 8,9) fala sobre o *modelo cognitivo de contexto*, de VAN DIJK, explicando que:

“O uso dos diversos tipos de estratégias de processamento textual é monitorado por um tipo particular de modelo cognitivo, descrito (...) como *modelo cognitivo de contexto*.

“Trata-se, segundo ele [Van Dijk], de uma representação do evento comunicativo como um todo, que engloba: papéis, posições e relações sociais dos participantes; seus objetivos, propósitos, interesses, expectativas, opiniões; grupos sociais e outros grupos a que pertencem (idade, raça, gênero, classe social, profissão etc.); representações sociais compartilhadas (atitudes, ideologias); condicionamentos institucionais e sociais da interação; gêneros textuais e variedade de língua apropriados ao evento...

“(...)”

“Desta forma, enquanto os demais modelos cognitivos (*frames, scripts, cenários, modelos episódicos, esquemas, modelos mentais*) controlam o conteúdo semântico do texto, ou seja, o *que* está sendo ou será dito, os modelos de contexto controlam o *como*, a maneira como os interlocutores vão formular tais conteúdos em função do contexto em que a interação se realiza.”

Constatamos, portanto, que as escolhas lexicais e fraseológicas feitas durante a elaboração de um texto também irão se basear no “modelo cognitivo de contexto”, tornando-se dessa forma adequadas e pertinentes ao respectivo tipo de texto. Assim, deslocar um fraseologismo de um contexto para outro, como fizemos acima, no exemplo da petição inicial, procedendo a uma modificação pragmática, precisa necessariamente ser uma atitude consciente e ter um objetivo definido, seja o de causar o estranhamento proposital, seja o de dar efeito cômico etc.

Forma textual

Também a noção de forma textual (*Textform*), utilizada por HEINEMANN/VIEHWEGER (1991), que os falantes adquirem por meio da experiência, torna-se uma ferramenta muito importante no momento da elaboração ou tradução de um texto, pois é ela que funcionará como o guia para as escolhas lexicais e formulações gramaticais adequadas e pertinentes ao texto, e - é claro - regulará o uso dos fraseologismos.

Segundo HEINEMANN/VIEHWEGER (1991:130):

‘Os falantes adquiriram, em seu processo de socialização, manifestamente também o conhecimento de que a uma forma textual ou esquema convencionados somente podem estar vinculados determinados conteúdos específicos, ou seja, temas, bem como funções.’³³

³³ *Sprecher haben in ihrem Sozialisationsprozess offenbar auch ein Wissen darüber erworben, dass mit einer konventionellen Textform bzw. einem Schema immer nur spezifische Inhalte bzw. Themen wie auch ‘Funktionen’ verbunden werden können.*

Como veremos mais à frente, os fraseologismos constituem sinalizadores eficientes do tipo de texto no qual se enquadram e devem ser utilizados com adequação e propriedade. A competência para elaborar os textos com tal adequação e propriedade é adquirida com a experiência do produtor do texto dentro de áreas específicas e com as noções que vai conquistando a partir de sua observação e familiaridade com a linguagem. As convenções e os modelos/padrões vão pouco a pouco se sedimentando na mente do produtor e leitor do texto, e serão ativados no momento e situação oportunos. Assim, ao ativar um modelo específico, a forma textual em que o texto será concebido também será ativada; conseqüentemente, também os elementos lexicais e as combinatórias ligadas a essa forma.

Gênero textual

Além da noção de forma textual, outro conceito importante para o estudo da fraseologia, também abordado por HEINEMANN/VIEWEGER está relacionado com a definição de “gênero textual” (*Textsorte*). Segundo os autores, no início dos anos 70, consagrou-se o seguinte:

‘O gênero textual foi entendido (...) como uma combinatória ou composição de características, como o produto da combinatória de peças elementares que refletem os respectivos aspectos específicos de um gênero de texto.’³⁴ (p.135)

Aos diversos gêneros textuais estarão associados também fraseologismos específicos, cabíveis e pertinentes ao gênero em questão.

Funções da linguagem

HEINEMANN/VIEWEGER (1991) propõem um modelo de classificação textual por níveis, acentuando que o primeiro nível seria o do tipo de função desempenhada pelo texto.

As quatro funções básicas da linguagem, segundo os autores, são: *sich ausdrücken* (expressar-se), *kontaktieren* (estabelecer contato), *informieren* (informar), *steuern* (persuadir).

³⁴ *Eine Textsorte wurde (...) als eine Kombinatorik bzw. Komposition von Merkmalen verstanden, als ein Kombinationsprodukt elementarer Bausteine, die jeweils spezifische Aspekte einer Textsorte reflektieren.*

A função do *sich ausdrücken* estaria latente em todas as situações de fala, afirmam eles e, seguindo esse raciocínio, podemos considerar que nos fraseologismos manifestos nos textos de nosso *corpus* ela também está presente.

A segunda função, *kontaktieren*, dentre outras situações, está presente nos cumprimentos. O conteúdo dela, no fundo, é irrelevante, já que apenas se presta a estabelecer o contato ou a ampliar de alguma forma o contato já estabelecido. Esta função é, muitas vezes, cumprida por meio de fraseologismos, fórmulas cristalizadas para situações comunicativas específicas.

Nos textos por nós analisados, não detectamos essa função, já que os contratos e estatutos são textos escritos e formais, não voltados a um interlocutor específico, mas com a função de cumprir especificações da lei de constituição de empresas.

A função *informieren* se presta a passar informações. É muito encontrada nos textos das áreas pesquisadas, como analisaremos no item 5.2.2. O fato é que muitas vezes as informações desses textos são fornecidas mediante o uso de fraseologismos.

Finalmente, a última função levantada pelos autores, *steuern*, visa a induzir alguém a atuar de certa forma. Esse objetivo também pode ser atingido mediante o uso de fraseologismos.

Os textos por nós analisados contêm prescrições de comportamentos e atitudes a serem tomadas pelos sócios das empresas, e a linguagem neles utilizada visa a deixar claras essas prescrições, o que pode não ser a concretização dessa função propriamente dita, mas é uma função semelhante, o que também analisaremos no item 5.2.2.

Para concluir este item, gostaríamos de retomar um pouco tudo o que foi analisado e ressaltar sua importância para o estudo da fraseologia.

A fraseologia estuda unidades de textos chamados fraseologismos. A análise da pertinência e adequação de um fraseologismo a um certo texto requisitará a análise de diversos aspectos do texto, bem como de suas condições de produção.

É de ressaltar que o ser humano possui em seu conhecimento lingüístico roteiros mais ou menos prontos para determinados tipos de situação comunicativa. Esses roteiros, chamados de *scripts* ou *frames* serão ativados no momento oportuno e tornarão a escolha de um determinado gênero textual pertinente ao *script* previsto; concomitantemente, o *script* prescreverá que temas específicos serão expressos por meio de formas textuais específicas.

Todos esses fatores determinarão a estrutura, a organização e a formulação específica do texto, incluindo as escolhas lexicais e os fraseologismos.

Esses fatores também serão de relevância no momento da busca de equivalentes fraseológicos da L₁ na L₂, estabelecendo parâmetros concretos para essa busca.

Notamos, assim, que a procura da equivalência não poderá se limitar à análise da expressão fraseológica em si, isolada do contexto, mas deverá levar em conta o texto global e os processos lingüísticos envolvidos na sua produção, na tentativa de reproduzir os mesmos efeitos textuais da língua de partida na língua de chegada.

Frise-se, também, que todos esses elementos apontados, como os *scripts*, o gênero textual, os padrões etc. são dependentes da cultura e, portanto, podem ser bastante diferentes de um idioma para outro. Essas diferenças culturais devem ser levadas em conta quando da busca de equivalências.

2.8 Da questão da equivalência

→ colocar na parte de análise do corpus (?) → ver onde é marcado.

2.8.1 Observações preliminares

Como vimos, os termos *equivalente* e *equivalência* são muito utilizados na lexicologia contrastiva. É preciso, portanto, averiguarmos seus significados.

Segundo VILELA (1994:29), “os *sinônimos* são os meios de contraste intralingüístico, os *equivalentes* são os meios de confronto interlingüístico.” CATFORD (1980:54) acentua que os itens da língua de origem e da língua alvo raramente têm o mesmo significado no sentido lingüístico, mas podem funcionar na mesma situação. Assim, textos ou itens da língua de origem e da língua alvo são equivalentes quando comutáveis em determinada situação. Para LYONS (1979:477), na tradução de uma língua para outra nunca há sinônimos mas, simplesmente, maior ou menor grau de equivalência na aplicação das palavras.³⁵

O fato é que a busca da equivalência não pode simplesmente se ater ao vocábulo isolado ou, no caso específico de nossa pesquisa, à colocação isolada. Ela precisará levar em

³⁵ O conceito de equivalência, bem como seus tipos serão mais detidamente analisados mais à frente.

conta outros fatores de grande relevância para resgatar dados textuais importantes para a preservação e reprodução da situação comunicativa, como o registro e a situação de uso.

Tomemos, pois, o exemplo fornecido por duas colocações em língua portuguesa, *interpor recurso* e *entrar com recurso*, ambas relacionadas a um ato específico do mundo jurídico. À primeira vista, poderíamos pensar que ambas são sinônimas, mas uma análise mais detida demonstra que apresentam muitas diferenças, sobretudo sob o ponto de vista pragmático. Isto porque a colocação *interpor recurso* é utilizada por advogados em petições e demais textos escritos, bem como por outros profissionais da área jurídica, como magistrados, assessores de juiz etc., em sua rotina de trabalho. Já a colocação *entrar com recurso* é de uso comum da população em geral, sendo utilizada também por advogados e outros profissionais do direito fora do âmbito judicial; ou seja, trata-se de uma variante banalizada³⁶ da colocação *interpor recurso*, esta, por sua vez, restringindo-se àquela esfera judicial e, por isso, caracterizando-se como expressão típica da área. Constata-se assim uma diferença de registro: uma colocação está inserida no registro técnico, a outra no de língua geral.

Assim, se vamos buscar o equivalente estrangeiro de qualquer uma das duas colocações, é preciso considerar esses fatores para que consigamos obter maior propriedade e adequação de linguagem.

Constatamos, portanto, que os fraseologismos e, em especial, as colocações, não podem ser vistos como elementos isolados de um texto, já que fazem parte de um todo complexo, que apresenta determinado fim e desempenha certas funções. Se destacarmos as colocações do contexto no qual estão inseridas e deixarmos de lado dados como a tipologia textual, a função do texto em geral, o gênero textual (*Textsorte*, cf. HEINEMANN/VIEHWEGER, 1991) e, conseqüentemente, a situação de uso, fatalmente teremos uma visão distorcida delas, o que causará problemas na busca das equivalências.

Dessa forma, se tomarmos a colocação alemã *Jahresabschluss aufstellen* fora de seu contexto, qual seja, o de um contrato ou estatuto social, poderíamos pensar em traduzi-la por *elaborar balanço*, porém, *elaborar balanço* não contém o mesmo nível de tecnicidade que a expressão corrente nos contratos/estatutos sociais redigidos no Brasil, a saber, *levantar balanço*, o que levaria a uma impropriedade. Isto não prejudicaria o entendimento, mas

³⁶ Com BARBOSA (1998), entendemos “banalizado” aqui no sentido que lhe dá Galisson, ou seja, um processo de que resulta uma linguagem banalizada, uma segunda linguagem, enxertada numa linguagem técnica, para assegurar a difusão [+ popularização], a compreensão [+ banalização], sem tornar chulo, grosseiro [- vulgarização].

poderia causar efeito de estranhamento, já que não cumpre a linguagem prevista para a formulação desse tipo de texto.

Notamos, pois, que a equivalência não visa apenas à manutenção do sentido, pois este pode ser preservado, ainda que se infrinjam as regras de convencionalidade. A equivalência visa também à manutenção do próprio *script*, com as formas lingüísticas que ele requer. Essas idéias foram também desenvolvidas por GLENK (2002), no manuscrito citado nas referências bibliográficas.

Outro fator a se observar na questão da equivalência é o da falta de equivalência. Este fator se deve ao fato de estarmos operando com dois universos culturais diferentes, com peculiaridades próprias. Por isso, muitas vezes a falta de equivalência não se restringe apenas à forma lingüística, mas a diferenças sócio-culturais de maior amplitude, ao fato, por exemplo, de no sistema jurídico-comercial da língua de chegada não haver a figura ou o procedimento codificados no idioma de partida. É o caso de *endossar cheque*. Como não há este procedimento no sistema alemão, não é possível encontrar o equivalente lingüístico da colocação. O procedimento a se adotar nesses casos será debatido mais à frente.

2.8.2 Dos tipos de equivalência

Analisando a questão sob a perspectiva fraseológica, KROMANN (1987:183) distingue três tipos de equivalentes: equivalente fraseológico total, equivalente fraseológico parcial e não-equivalente fraseológico.

Para explicar esses tipos, KROMANN estabelece o seguinte quadro:

Tipos de equivalentes	Base de comparação (<i>tertium comparationis</i>)		
	denotativa	conotativa	sintática
I – Equivalente fraseológico total	+	+	+
II – Equivalente fraseológico parcial	+/-	+/-	+
III – Não-equivalente fraseológico	+	+/-	-

O tipo I configura-se como equivalente fraseológico total, ou seja, existe equivalência em relação aos sentidos denotativo e conotativo, bem como em relação à estrutura sintática.

No tipo II, existe uma equivalência sintática total, porém em relação aos sentidos denotativo e/ou conotativo a equivalência não é satisfatória. O tipo III é a falta total de equivalência, ou seja, a não existência de um fraseologismo, na língua de chegada, que possa ser pelo menos parcialmente equivalente ao da língua de partida. Nesse caso, o autor salienta que será preciso oferecer uma opção a partir do significado denotativo e, se possível, também conotativo do fraseologismo ou, ainda, parafraseá-lo.

KJAER (1992: 330-331), analisando a questão da equivalência fraseológica em textos jurídicos do dinamarquês e do alemão, utiliza o conceito de funcionalidade, para estabelecer a equivalência. Neste nível de análise, seu objetivo é investigar se, na língua de chegada, existe uma combinação de palavras que, no âmbito de seu sistema jurídico, tenha o mesmo sentido que a combinação de palavras da língua de partida tem dentro do seu. A autora julga que a análise precisa ser sempre unidirecional, pois os significados das combinações de palavras do âmbito jurídico estão fundamentalmente ligados ao sistema jurídico em questão. Assim, uma análise contrastiva bidirecional não teria sentido, já que não há uma entidade de sentido que possa ser usada como um *tertium comparationis*.

Analisando por este prisma, ela distingue dois tipos de equivalência:

- a equivalência semântico-funcional, caracterizada pelo fato de o sentido funcional das combinações de palavras, incluindo o grau de normalização e as situações de uso técnico-lingüísticas estarem conformes;
- a equivalência semântico-denotativa, caracterizada pelo fato de as estruturas lexicais e os sentidos denotativos dos componentes (sentido literal das palavras da combinação) estarem conformes.

Assim, para a autora há equivalência semântica total quando tanto o sentido funcional quanto o literal das palavras das combinações são conformes. Como exemplo cita o fraseologismo:

Der Angeklagte wird freigesprochen. (O réu é declarado inocente). Idênticos no alemão e no dinamarquês.

Ocorre equivalência semântica parcial quando apenas o sentido funcional das palavras da combinação são conformes. O exemplo fornecido pela autora é da expressão:

dringender Verdacht (grau de suspeita necessário para que possa ser ordenado o inquérito judicial contra um réu, pelo direito alemão)

No sistema jurídico dinamarquês também há a previsão de certos pressupostos para se ordenar o inquérito judicial, porém o grau de suspeita não é designado pelo adjetivo equivalente a *dringend*, mas sim pelo equivalente a *begründet*, originando a colocação *begründeter Verdacht*.

Assim, embora não sejam lexicalmente coincidentes, ambas as figuras jurídicas são funcionalmente equivalentes, ou seja, o significado que cada uma tem dentro de seu sistema jurídico é equivalente ao que a outra tem dentro do seu.

A autora cita também o fato de haver casos em que não é possível encontrar a equivalência, devido às diferenças dos sistemas jurídicos. Neste caso, pode-se proceder a uma tradução literal, palavra por palavra.

Acrescentamos que muitas vezes a falta de equivalência fraseológica, sobretudo no nível das colocações, se dá não devido ao fato de não haver o procedimento ou o ato codificados na língua de partida, mas de os mesmos serem expressos de uma outra forma, muitas vezes não-fraseológica.

Um exemplo claro é o da colocação alemã *in den Ruhestand versetzen*. Formada a partir da utilização do verbo *versetzen*, que exprime a passagem de um estado para outro, ela expressa um aspecto verbal não resgatável em português, já que não é possível dizer *entrar em aposentadoria*, mas apenas *aposentar-se*. O inverso também é verdadeiro. Temos, no português, conteúdos expressos através de colocações, para os quais o alemão dispõe de um verbo único. Por exemplo, a colocação *dizer respeito*, para a qual o alemão dispõe do equivalente *betreffen*.

Observamos, portanto, que o equivalente de uma expressão fraseológica pode ser unilexical, ou seja, não ser fraseológico. Ainda assim, como vimos, pode haver equivalência do ponto de vista semântico, ainda que – em alguns casos - haja perda de alguma nuance de sentido. O fato é que a correspondência léxico-sintática formal não é pré-requisito para a equivalência.

2.8.3 Fatores textuais envolvidos na busca de equivalências

Além dos fatores anteriormente vistos, envolvidos na busca das equivalências, outros aspectos devem ser levados em conta. Um fator que deverá ser observado é a questão do **estilo dos textos**, questão que será estudada mais à frente, quando da análise dos dados. Cada texto é concebido dentro de um determinado gênero, aplicando regras relativas a um determinado estilo. Este estilo traz consigo a previsão de uma organização textual, de uma estruturação e, evidentemente, de escolhas lexicais próprias. Este conjunto de fatores que caracterizam o texto deverá ser preservado, no momento de se buscar as equivalências.

O mesmo se aplica à questão da **atualidade** da colocação. Se verificado que a colocação não é mais tão usual no texto de partida, será que se pode oferecer como equivalente uma colocação atual da língua de chegada?

Creemos que não, pois a escolha de vocábulos atuais ou antigos é uma opção do autor do texto, estando ligada ao gênero textual e ao estilo aplicados. O uso dos vocábulos é um indicador do nível cultural, social e mesmo da faixa etária do autor, dados que não podem ser ignorados na confecção do texto de chegada. Como salienta COSERIU (1980:106):

“...também no estado de língua está implícita uma dimensão diacrônica, porque os falantes consideram certas formas e construções como antiquadas ou, ao contrário, como recentes e, quando as usam, levam em conta esses valores para dar aos seus discursos um sabor de arcaicidade ou modernismo.”

A **freqüência** da colocação também é um dado a se analisar. A colocação *praticar atos* é compartilhada pela língua geral e pela língua de especialidade, sendo uma colocação de alta freqüência tanto em nosso *corpus* quanto em *corpora* de língua geral. Já a colocação alemã *Handlungen vornehmen*, que poderíamos tomar como seu equivalente, apresenta baixa freqüência, talvez pelo fato de o idioma alemão dispor de outras colocações para a expressão do mesmo conteúdo semântico. Assim, ainda que indiquemos que tal colocação pode servir de equivalente para a colocação portuguesa, será preciso informar esse relevante dado sobre sua freqüência e, eventualmente, fornecer outros equivalentes de *praticar atos*.

Também o nível de **especialização semântica** representado pelo verbo dentro da colocação deverá ser testado quando da busca da equivalência. Assim, para afirmar que *Jahresabschluss aufstellen* é a colocação equivalente a *levantar balanço* será preciso verificar se o procedimento contábil representado pelo verbo *aufstellen* corresponde ao mesmo procedimento expresso pelo verbo *levantar*, dentro da colocação. É a questão do sentido funcional levantada por KJAER.

Em relação à equivalência entre as bases de algumas colocações, não se pode deixar de observar que também mostram peculiaridades e oferecem dificuldades de tradução. É o caso de *Aktienkapital erhöhen* e *Grundkapital/Stammkapital erhöhen*. Todas significam “aumentar o capital social”, porém o *Aktienkapital* é o capital social de uma sociedade anônima e o *Grundkapital/Stammkapital* é aplicado para representar o capital social de uma empresa limitada (saliente-se que *Grundkapital* também pode se referir ao capital de uma sociedade anônima, mas o *Aktienkapital* não pode designar o capital de uma sociedade limitada). No português, não há essa diferenciação e tanto para uma quanto para outra sociedade, somente dispomos do termo “capital social”³⁷. Assim, no glossário de colocações, teríamos dois verbetes diferentes no alemão para um único equivalente em português. A diferenciação, porém, entre os dois tipos de capital social deverá ser indicada em algum momento, para se evitar que o consulente proceda a um erro, ao traduzir do português para o alemão. É, portanto, aqui, que o fraseólogo deverá lançar mão também da consulta a um dicionário terminológico, a fim de elucidar o sentido de um termo específico.

Notamos, assim, que haverá alguns casos em que será importante detectar o sentido isolado dos elementos da colocação. Saliente-se, porém, que esse procedimento somente se faz necessário em algumas colocações, ou seja, naquelas em que os elementos constitutivos apresentam duas unidades semânticas, ainda que interligadas (note-se que o significado primordial do verbo *levantar* não guarda qualquer semelhança com o significado de *preparar* e que ele só adquire este sentido na ligação com o substantivo *balanço*, na colocação *levantar balanço*). Nos casos em que o sentido que prevalece é o do todo, como nas colocações *dizer respeito*, do português, ou *in Kraft treten*, do alemão, não faz sentido proceder a uma análise semântica isolada dos elementos, mas tem-se que partir do todo para buscar o equivalente.

³⁷ Ocasionalmente, pode ocorrer o termo “capital acionário”, porém não é um termo usual.

Para finalizar e resumir rapidamente tudo o que foi visto neste capítulo, faremos uma pequena recapitulação.

A equivalência é uma questão complexa que envolve diversos fatores textuais e extra-textuais. Dentre esses fatores, podemos citar o estilo do texto, a tipologia do texto, a atualidade da expressão, sua frequência na língua, a situação em que é utilizada, o registro etc.

Em relação à equivalência de combinações de palavras de um âmbito técnico, ou seja, de fraseologismos técnicos, incluindo as colocações, analisa-se se a função que a combinação de uma dada língua desempenha dentro de seu âmbito técnico é a mesma que a outra desempenha dentro do seu. Assim, o que prevalece é o sentido funcional.

Se este sentido funcional for satisfeito com elementos lexicais que, isoladamente, também apresentem equivalência entre si, estaremos diante de uma equivalência semântica total; se, porém, este sentido for satisfeito por meio de elementos lexicais não coincidentes, teremos então a equivalência semântica parcial.

Ressalte-se que muitas vezes a uma expressão multilexical, como são os fraseologismos, teremos um equivalente unilexical e vice-versa. Isto porque “cada língua ‘recorta a realidade’ de um modo particular” (BENJAMIN L. WHORF, citado por EDWARD LOPES, 1981; 21). Assim, as visões de mundo filtradas por cada idioma diferem umas das outras. Da mesma forma, no plano da expressão, tais diferenças irão igualmente se refletir, e o que se convencionou em uma determinada língua não é necessariamente igual ao que se convencionou em outra, ainda que possam transmitir o mesmo conteúdo semântico e, por isso, tornar possível o conceito de equivalência semântica.

3 Estabelecimento do *corpus*

3.1 Parte teórica

Faremos a seguir um breve relato sobre o estabelecimento de nosso *corpus* de pesquisa. Antes, contudo, procederemos a uma pequena definição de *corpus*, a uma classificação de sua tipologia e justificativa de seu uso, a fim de mais à frente classificar o *corpus* que elaboramos, deixar claro o porquê de sua utilização e explicar como foi montado.

3.1.1 Definição: o que é um *corpus*?

Segundo SANCHEZ (1995), citado por SARDINHA (2000:338), *corpus* é

“um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise”.

O processo de armazenamento de dados lingüísticos em meio eletrônico, acessível e facilmente observável, não é apenas uma exigência da pesquisa moderna, mas uma maneira infinitamente mais prática e funcional de se coletar e arquivar textos do que a forma manual, pois poupa o tempo do pesquisador e garante a precisão nos dados estatísticos.

3.1.2 Tipos de *corpora*

Os *corpora* podem ser monolíngües, bilíngües ou multilíngües. Eles classificam-se ainda em paralelos e comparáveis; podem ser anotados, ou seja, conterem apontamentos sobre funções morfossintáticas das palavras neles contidas, e podem ser *corpora* não anotados.

Segundo ULRICH (1997:426), os *corpora* paralelos bi ou multilíngües consistem de originais da língua A e suas respectivas traduções na língua B ou em outras línguas. Já os *corpora* comparáveis bi ou multilíngües compõem-se de originais da língua A e originais da língua B e de outras, compilados de acordo com a semelhança de conteúdo, gênero, função comunicativa, extensão etc.

3.1.3 Justificativa de utilização: importância do uso de *corpus* na pesquisa lingüística contrastiva, na tradução e na lexicografia

Segundo MCENERY e WILSON (1997:12),

‘os seres humanos têm apenas uma vaga noção da frequência de uma construção [lingüística] ou palavra. A observação natural de dados parece ser o único recurso para se coletar elementos sobre alguns aspectos como a frequência.’³⁸

Para BOWKER (1998:635), quando se trabalha de uma forma tradicional, é muito difícil detectar alguns padrões lingüísticos; o tradutor pode não se dar conta dos padrões quando os mesmos estão espalhados em um texto ou em vários textos. A *concordância*³⁹ é um meio rápido de se juntar todas as ocorrências de um dado padrão.

Dessa forma, observamos que se quisermos proceder a uma pesquisa lingüística contrastiva, no intuito de estudar um determinado aspecto de uma linguagem de especialidade em dois idiomas diferentes e verificar como esse aspecto se comporta em ambos, poderemos

³⁸ *Human beings have only the vaguest notion of the frequency of a construct or word. Natural observation of data seems the only reliable source of evidence for such features as frequency.*

³⁹ Vide explicação do que é uma “concordância” no item 3.2.3.

facilitar nosso trabalho se dispusermos de um *corpus* bilíngüe comparável, constituído de textos da especialidade procurada, onde poderemos averiguar *in loco* os desdobramentos do aspecto estudado, precisar a frequência de sua ocorrência e verificar se está ou não ligado a algum padrão morfossintático.

O uso de *corpora* para a tradução e para a pesquisa fraseológica é, também, de grande importância, pois permite o acesso fácil e rápido a textos de especialidade, nos quais é possível pesquisar termos e expressões específicas, correntes dentro das áreas em questão.

A utilização de *corpora* permite a averiguação de dados pragmáticos de determinada combinação, bem como a observação da ‘relação da palavra com o seu ambiente’⁴⁰ (HOEY, 1997:4), trazendo dados concretos sobre o seu uso e sobre a situação comunicativa na qual está inserida.

Esses dados são essenciais ao tradutor e ao pesquisador que está compilando um glossário, pois oferecem a observação dos aspectos envolvidos na busca das equivalências fraseológicas, fazendo com que se possa certificar-se da equivalência.

Quanto à relação da lexicografia com o desenvolvimento das pesquisas em *corpora* eletrônicos, BIBER (1998:21) faz as seguintes considerações: a lexicografia está relacionada com o significado e o uso das palavras; ela pesquisa tradicionalmente o sentido das palavras e os seus sinônimos; atualmente tais pesquisas têm sido incrementadas através do uso de técnicas baseadas em *corpus*, a fim de estudar os modos como as palavras são usadas, considerando-se, por exemplo: a) o quão comum elas são; b) o quão comum são os sentidos diferentes de uma dada palavra; c) se estão sistematicamente associadas a outras palavras; d) se estão sistematicamente associadas a registros particulares ou dialetos. Acrescentaríamos também que o *corpus* mostrará igualmente as estruturas em que determinado termo ou expressão ocorre, trazendo, portanto, a vizinhança do vocábulo e o ambiente sintático-semântico dentro do qual está inserida.

Além desses dados, temos também a questão da prosódia semântica. Segundo SARDINHA (2000b:93),

“um tipo de padrão importante para a tradução é a prosódia semântica, ou a associação recorrente entre itens lexicais e

⁴⁰ *the relationship of a word with its environment.*

um campo semântico, indicando uma certa conotação (negativa, positiva ou neutra).”

Esta é uma característica decorrente do uso da língua. Assim, se determinado vocábulo é sempre utilizado em certos tipos de situação comunicativa, sua aparição em uma frase fará prever uma associação com tais situações. Um exemplo tradicional é fornecido pelo verbo *cometer*. Ele é geralmente empregado para designar a prática de alguma coisa negativa: um crime, um erro, um delito etc.

Já o verbo *praticar* apresenta prosódia neutra, pois tanto é utilizado em situações comunicativas positivas quanto negativas. Assim, temos *praticar esportes*, *praticar sexo*, *praticar um crime* etc.

Observando a prosódia semântica do verbo alemão *verüben*, por meio dos dados fornecidos pelo *corpus* do IDS, notamos que também apresenta prosódia semântica negativa, co-ocorrendo apenas com substantivos ligados a eventos negativos, como: *Massaker* (massacre), *Attentat* (atentado), *Angriff* (ataque), *Verbrechen* (crime), *Selbstmord* (suicídio) etc.

Concluimos, assim, que *praticar um crime* não seria, portanto, um bom equivalente para *ein Verbrechen verüben*, já que o verbo *praticar* não traz embutida a noção prévia de ação boa ou ruim, podendo estar associado tanto a atos positivos quanto negativos. O verbo *cometer* mostra-se mais apropriado para traduzir a expressão alemã, por reproduzir a mesma prosódia semântica do verbo alemão.

Observamos, assim, que no âmbito da prosódia semântica, o auxílio do *corpus* ocorre, no sentido de fornecer a vizinhança de um certo vocábulo, mostrando a situação comunicativa dentro da qual está inserido e a carga emocional que evoca, se positiva, negativa ou neutra.

Como a colocação é uma associação sistemática de elementos lexicais e visto que tencionamos empreender um trabalho lexicográfico/fraseográfico bilíngüe, buscando as equivalências verbo-colocacionais na redação de contratos sociais e estatutos, estamos certos de que o instrumental fornecido pela pesquisa em *corpus* nos será valioso. Através da observação dos dados no *corpus*, poderemos averiguar se determinada co-ocorrência lexical é significativa ou não, se é aplicável ao mesmo contexto, qual a carga emocional que evoca etc.

3.2 Parte prática

3.2.1 Conteúdo e estrutura do *corpus*

O *corpus* por nós elaborado é composto de textos provenientes de contratos sociais e estatutos, em português e em alemão. Trata-se, portanto, de um *corpus* comparável bilíngüe.

Os textos em alemão constituem textos autênticos, originais de contratos sociais e estatutos, provenientes de traduções a nós encomendadas. Também obtivemos, via Internet, a íntegra do estatuto social de algumas empresas. Os textos em papel foram escaneados para o computador ou digitados e arquivados em dois diretórios específicos, um para os contratos e outro para os estatutos; os obtidos já na forma eletrônica, apenas arquivados nos respectivos diretórios.

Grande parte dos textos em português, também autênticos, foi obtida em escritório de contabilidade⁴¹. Outra parte, através da Internet, e, ainda uma outra parte, recebida para traduzir para o alemão. Os textos também foram arquivados em dois diretórios específicos.

Nossa meta inicial era coletar textos, de forma a perfazer um total de 200.000 palavras (100.000 para cada idioma), o que segundo os objetivos a que nos propusemos e pautando-nos pelas considerações de SARDINHA (1999:12), já seria um *corpus* suficiente para uma pesquisa individual. Porém, durante a coleta e análise dos textos, verificamos que eles eram muito repetidos, apresentando pequenas alterações de linguagem, não significativas para nossa pesquisa. Por isso, restringimo-nos a um total de 70.800 palavras no *corpus* de alemão e 83.821 palavras no *corpus* de português.

3.2.2 Perfil dos textos constitutivos do *corpus*: contratos sociais e estatutos

Os textos oriundos de contratos sociais e estatutos são textos de caráter híbrido. Isto porque em um contrato social/estatuto estão disciplinados assuntos muito diversos, que englobam desde a organização da empresa, a definição de sua atividade comercial, o

⁴¹ A compilação dos textos tem demonstrado que se nos limitarmos a obtê-los em uma única fonte, não conseguiremos fazer um apanhado razoável da diversidade lingüística existente, mas acabaremos refletindo um idioleto.

estabelecimento de seu capital social, do balanço contábil, a eleição de seus dirigentes, os direitos e deveres que lhes cabem, as penalidades a eles aplicáveis etc.

Isto significa que a linguagem dos contratos sociais e estatutos não pode ser circunscrita a um âmbito específico, pois ela contém elementos de várias áreas, a saber, administração de empresas, direito comercial, direito contratual, contabilidade etc.

A pertinência, portanto, do estabelecimento desse âmbito e a utilidade da confecção do glossário se justifica na medida em que a estrutura textual dos contratos sociais e estatutos é sempre muito parecida e as formulações específicas para preencher essa estrutura são muito recorrentes, tornando-se típicas.

Esses documentos são elaborados para fornecerem determinadas informações, o que – inclusive – é uma prescrição legal. No caso das sociedades limitadas, a lei que disciplina sua constituição é a Lei das Sociedades Limitadas, no Brasil, e a *GmbH Gesetz*, na Alemanha; no caso das sociedades anônimas, a Lei das Sociedades Anônimas, no Brasil, e a *Aktiengesetz*, na Alemanha.

Os contratos sociais são documentos elaborados quando da constituição de uma sociedade limitada e prestam-se a fornecer informações relativas à empresa, a saber: o nome empresarial, o capital da sociedade, a forma e o prazo de sua integralização, a participação de cada sócio, o município da sede, o objeto social, o prazo de duração da sociedade, a data de encerramento do exercício social, o foro contratual, dentre outros itens.

Os estatutos sociais são os documentos de constituição de sociedades anônimas e são, na forma e na estrutura textual, muito parecidos com os contratos sociais, o que implica a presença de muitas colocações idênticas às encontráveis em textos de contratos sociais, justificando assim a inserção desses dois tipos de documentos dentro do mesmo âmbito de pesquisa.

O que a compilação e a observação dos dados demonstraram é que esses textos seguem um certo padrão, uma norma, para expressar o conteúdo prescrito pelas respectivas leis. Como alguns órgãos, como a Junta Comercial, e até mesmo escritórios de advocacia ou de contabilidade, no Brasil e na Alemanha, fornecem modelos para a elaboração dos mesmos, conforme pudemos averiguar em pesquisa que empreendemos por meio da Internet, os textos acabam apresentando certas constantes.

Assim, apesar do caráter híbrido e da interdisciplinaridade que apresentam, julgamos lícito afirmar que eles caracterizam um *universo de discurso*⁴² apto a ser pesquisado e descrito.

3.2.3 Manuseio do *corpus*. Programas de busca. *Concordância*

Para se trabalhar com um *corpus* eletrônico não basta apenas compilarmos os textos da área de pesquisa, classificá-los e organizá-los em diretórios. É preciso dispor de um programa que seja capaz de efetuar buscas nos textos, fazer listas, cálculos estatísticos etc.

Os programas de busca aplicáveis a *corpora* de língua permitem que se façam buscas no *corpus* através de palavras ou expressões; fornecem a frequência de ocorrência da palavra/expressão procurada e de outras que a acompanham, montam as chamadas *concordâncias*, que - na definição de KETTEMAN (1997:63) - são listas de ocorrências de uma palavra em particular, de parte de uma palavra ou da combinação de palavras, em seus contextos.

A elaboração das *concordâncias* é um recurso excelente oferecido pelos programas, já que nos fornece acesso rápido e fácil a padrões típicos de uma determinada língua, com pequenos contextos, e a possibilidade de acesso a todo o texto do qual foram extraídas. Na configuração gráfica da lista chamada de *concordância*, a palavra ou expressão procurada geralmente fica situada no meio da folha, em uma cor de destaque (vermelho), acompanhada de um pequeno contexto frástico: geralmente cinco a dez palavras à esquerda e igual número à direita.

O programa que utilizaremos para fazer as *concordâncias* no *corpus* por nós compilado será o *WordSmith Tools* de Mike Scott (Oxford University Press), versão simplificada. Com ele fizemos a *concordância* abaixo, para ilustrar melhor a explicação anterior.

CONCORDÂNCIA PARA O SUBSTANTIVO ATOS:

N	Concordance
1	ções. Parágrafo 1º - Quando no exercício de atos de advocacia com o uso da razão social,
2	sigindo. Parágrafo 3º - Para todos os demais atos ordinários e extraordinários de administra

⁴² Segundo Pais (1984: 44), *universo de discurso* é “um conjunto não-finito, ou que tende *ad infinitum*, de todos os discursos manifestados que apresentam determinadas características e *constantes*, assim como determinadas *coerções*, suscetíveis de configurarem uma *norma*.”

3 rio; i) - assinar a correspondência e todos os **atos** necessários à vida administrativa da Ass
4 bimento, as representações dos sócios contra **atos** da Diretoria; VI - Autorizar a Diretoria a
5 a assinar isoladamente documentos relativos a **atos** de administração ordinária. Artigo 21o C
6 ades sociais do CCS; III - Praticar os demais **atos** necessários voltados para as atividades s
7 eciais a pedido do CD; V - Executar todos os **atos** que lhe sejam atribuídos pelo presente es
8 rma conjunta ou separadamente todos aqueles **atos** ligados à gestão da presente, bem como
9 s contratuais, procurações ou quaisquer outros **atos** que venham a gravar de ônus a sociedade
10 f. Aprovar convênios, cursos, ajustes e demais **atos** que impliquem na execução dos objetivos
11 liberações da Assembléia Geral; c) - praticar **atos** de livre gestão e resolver os assuntos de
12 , inclusive prestação de avais, fianças e outros **atos** de favor, mesmo que a benefício dos próp
13) o título de Sócio(s)-Gerente(s), praticando os **atos** conforme estabelecido nos parágrafos se
14 em juízo ou fora dele; V - Praticar os demais **atos** de interesse da Administração geral do C
15 o 32o, letra "e" deste Estatuto. Artigo 34o Os **atos** que importam malversação ou dilapidaçã
16 iretores são solidariamente responsáveis pelos **atos** da Diretoria, salvo se alguém, em caso e
17 m dos diretores praticar isoladamente todos os **atos** de administração, tendo os mais amplos
18 - Os membros da Diretoria na prática de seus **atos** de gestão não respondem pessoalmente

Esta *concordância* foi elaborada em função de uma observação que fizemos quando da coleta de textos em alemão. Notamos que o substantivo *Handlung(en)* vem sempre acompanhado do verbo *vornehmen*, na combinação *Handlung(en) vornehmen*. Ao proceder à busca pelo substantivo equivalente do português, *ato(s)*, reparamos que em um terço das 18 ocorrências, ele está ligado ao verbo *praticar*, ou à forma nominalizada, *prática*, o que é bastante significativo.

Frisamos que apenas a elaboração da *concordância* não é suficiente para detectar as colocações, principalmente em relação ao idioma alemão, devido à estruturação sintática do idioma. Isto porque, numa oração subordinada, os elementos que compõem uma determinada colocação podem estar situados espacialmente muito distantes um do outro, não sendo assim visualizados na *concordância*. Porém, é possível acessar a íntegra de cada um dos textos e, assim, o recurso pode ser utilizado como o início da pesquisa.

Para confrontar os dados que estamos coletando com outros de língua geral, faremos uso também do *Webcorp*, um *site* que acessa a Internet como um *corpus* e produz *concordâncias*, e dos *corpora* do IDS – *Institut für Deutsche Sprache*, que contêm textos em língua alemã provenientes de veículos de imprensa, como jornais e revistas, além de textos de literatura.

Além disso, utilizaremos também a íntegra dos textos das leis alemãs e brasileiras sobre as sociedades anônimas e limitadas, para comparação e confronto das colocações encontradas. E,

também, para averiguar se a linguagem legislativa e a dos contratos e estatutos lançam mão das mesmas colocações.

3.2.4 Critérios para a seleção das colocações

Após a compilação total do *corpus*, o trabalho que se nos apresenta é o da seleção das colocações, para compor o *corpus* de análise, o que deve ser realizado de acordo com o embasamento teórico e com a própria definição de colocação que oferecemos anteriormente.

Dessa forma, um dos critérios adotados é o da freqüência ou recorrência. Detectado o reaparecimento freqüente de uma determinada colocação, abriremos para ela uma ficha terminológica.

Segundo LARANJINHA (1999:61), “as colocações têm como marca principal o fato de serem expressões realmente utilizadas e, principalmente, recorrentes”. Na definição que oferecemos para colocação, o fator recorrência também desponta como uma das características deste tipo de formação lexical. É, portanto, coerente e mesmo necessário utilizá-lo como um critério para selecionar as colocações.

Lembre-se que a questão da freqüência é sempre apontada como uma característica importante das palavras, e, entendemos, também das colocações.

BRAGA (2000:189), diz que “o vocabulário de uma área é formado pelos termos que apresentam distribuição regular e alta freqüência no *corpus*”. GENOUVRIER & PEYTARD (1979:305) comentam que o lingüista francês Guiraud levantou minuciosamente os caracteres estatísticos do vocabulário francês e muito insistiu na importância da freqüência como atributo essencial da palavra.

ALVES (1997:79), citando KOCOUREK, diz que o critério da freqüência é de primordial importância para a lexicalização de um sintagma. Coordenado com os demais critérios, o uso sistemático de uma mesma formação sintagmática permite avaliar a inserção discursiva e a aceitabilidade desse elemento entre os usuários de uma língua de especialidade.

Outro critério a ser utilizado é o da peculiaridade na codificação dos componentes da colocação. Essa peculiaridade se caracteriza como uma forma convencional, fixa ou relativamente fixa mediante a qual os elementos da combinação se ligam. Dessa forma, se nos deparamos com a construção colocativa *eleger o foro* num segmento como abaixo:

As partes **elegem o foro** da Comarca de São Paulo para dirimir as questões contratuais que surgirem. (Cont9)

será preciso refletir que embora o verbo *escolher* seja sinônimo de *eleger*, o uso convencionou o verbo *eleger* para compor a colocação. Dessa forma, embora o idioma português disponha desses dois verbos, admite – para esse contexto – apenas o verbo *eleger*: o verbo *escolher* não comuta com o *eleger* em nenhuma das ocorrências do *corpus*, o que caracteriza um alto grau de fixidez entre os componentes da combinação, faceta que apontamos como um traço da peculiaridade.

O teste da comutação, sugerido por KJAER (1992:51) é bastante eficaz para avaliar o grau de fixidez entre os elementos da colocação. Como dito, no caso da expressão acima, constatamos que embora o verbo *eleger* seja virtualmente comutável por *escolher*, *in casu* não podemos proceder à substituição, pois *escolher o foro* não é a expressão usual utilizada nesse âmbito. Outras expressões, porém, apresentam certa flexibilidade, admitindo alguma substituição. Temos, dessa forma, tanto a colocação *suportar prejuízos* como *tolerar prejuízos*. Contudo, fazendo o teste da comutação utilizando-se, por exemplo, um outro sinônimo, como o verbo *agüentar*, constatamos não ser possível a combinação.

Basicamente e em princípio são esses os critérios que irão nortear nossa seleção.

4 Conclusões da parte teórica

Como vimos, a fraseologia engloba um espectro de combinações lexicais muito amplo, abarcando desde textos inteiros, como orações e canções, até unidades de textos menores como os provérbios, os ditos populares, as fórmulas, as frases feitas, as citações, os clichês e os termos técnicos, jargões etc.

Ainda que os pressupostos básicos da fraseologia prevejam a presença de algumas características, para que uma combinação lexical seja considerada fraseológica, a saber, a polilexicalidade, a estabilidade e a idiomaticidade, alguns teóricos computam também as colocações ao âmbito fraseológico, dado o caráter peculiar de sua formação.

ALVAREZ (2000:141) acha mais plausível adicionar à estabilidade (que preferimos chamar “fixidez”) dos elementos fraseológicos o atributo *relativa*, visto que algumas combinações são passíveis de certas modificações.

As colocações também apresentam uma fixidez relativa, pois possuem certa flexibilidade no eixo paradigmático, admitindo, portanto, certas substituições. Assim, é possível tanto dizer *estabelecer* quanto *fixar regras*, mas não é possível dizer *instalar* ou *assentar regras*, ainda que esses verbos possam ser considerados sinônimos dos verbos anteriores.

A polilexicalidade também está presente nas colocações, que são compostas de, no mínimo, dois lexemas, ligados por traços peculiares a cada idioma, atribuídos à convenção, que entendemos também idiomáticos, mas cujo sentido é geralmente transparente, ou seja, decodificável, na medida da familiaridade do receptor com a colocação em questão.

É essa peculiaridade na forma de combinar os elementos lexicais que não é dominada pelo falante não-nativo. Uma vez que os arranjos lexicais são regidos tanto pelo princípio da livre escolha, como pelo princípio idiomático, torna-se difícil ao falante não-nativo fazer escolhas relativas a arranjos que ele desconhece, com os quais nunca teve uma experiência prévia, ou que não conseguiu reter em sua memória. O caráter idiomático, portanto, repousa sobre a codificação do enunciado.

Assim, na perspectiva do falante da L₂, as colocações pertencem àquela categoria de unidades que podem fazer parte de seu vocabulário passivo na língua estrangeira, ou seja, ao ouvi-las ou lê-las, ele muitas vezes é capaz de decodificar seu sentido. Ocorre, porém, que, no

momento de produzi-las não consegue resgatá-las de forma automática, a não ser que já as tenha incorporado a seu vocabulário ativo.

Centrando-nos no âmbito da linguagem de especialidade, julgamos muito difícil que o falante não-nativo possa ter incorporadas a seu léxico ativo da L₂ as colocações específicas de uma certa área, já que elas são formações peculiares do idioma, de caráter geralmente hermético e muitas vezes sequer dominadas pelo próprio falante nativo.

Nesse sentido, um glossário bilíngüe específico de um âmbito poderá contribuir sobremaneira para que as operações tradutórias interlínguas, abrangendo colocações, sejam realizadas com maior facilidade e correção.

Quando produzimos enunciados com a peculiaridade da fraseologia própria ao idioma, conseguimos obter maior naturalidade.

Na área técnica, a utilização das colocações específicas conferirá ao texto maior precisão e propriedade.

Foi embuídos desse anseio por auxiliar a comunidade de tradutores e demais consulentes de um glossário bilíngüe que empreendemos esse estudo teórico sobre as colocações, para, a partir dele, elaborarmos nosso glossário de equivalências de colocações verbais manifestas em textos de contratos sociais e estatutos, alemão-português e português-alemão.

Para localizar tais equivalências, ressaltamos a necessidade de que a colocação não seja analisada como um elemento isolado, mas que seja observada sua relação com o todo textual.

A análise desse todo requer a observância de vários fatores textuais já apontados anteriormente, como o gênero textual, o tipo de texto, a função textual, o *script* previsto, a situação de uso etc.

Procuramos demonstrar que as escolhas lexicais não são realizadas aleatoriamente, mas guardam correspondência com esses fatores, sendo, portanto, coerentes com eles.

O estabelecimento de *corpora* específicos facilitou a observação desses dados contextuais *in loco*.

5 Análise funcional, sintática, semântica e lexicológica dos dados

5.1 Observações preliminares

Ainda que tenhamos escolhido como objeto de estudo os textos de contratos e estatutos sociais, julgamos que muitas colocações não específicas desse âmbito, porém que apresentaram certa frequência nos textos de nosso *corpus*, não poderiam ser deixadas de lado, quando da extração das colocações. O fato é que ao elaborar um texto dessa área, teremos de fazer uso tanto das colocações específicas, como *levantar balanço*, *convocar assembléia*, *aumentar o capital*, quanto de colocações da língua geral, como *dizer respeito*, *dar ciência*, *emitir parecer*. O fato também é que a língua não se subdivide em áreas estanques e muitas colocações transitam livremente em várias áreas. Pode-se dizer que algumas colocações são específicas da linguagem burocrática ou cartorial em geral, sendo compartilhadas por várias áreas que utilizam esse tipo de linguagem. Como exemplo podemos citar *lavrar ata*, *praticar atos*, *apor assinatura*. Elas não são específicas da linguagem dos contratos e estatutos, mas aparecem com certa frequência nesse tipo de texto.

Assim, optamos por extrair toda e qualquer colocação verbal encontrada nos textos de nosso *corpus*, já que para a produção textual elas serão importantes.

Esta opção certamente trará complicações quando formos procurar as equivalências, pois, conforme veremos, para encontrar algumas equivalências de colocações da língua geral, teremos de extrapolar os *corpora* compilados. Neste momento, portanto, talvez se faça necessário o estabelecimento de outros dois *corpora* de língua geral, um em português e outro em alemão, onde possamos pesquisar tais colocações, ou então empreenderemos pesquisa em *corpora* disponíveis na Internet. Esta, porém, será uma outra etapa de nosso trabalho, sobre a qual iremos refletir oportunamente.

Outra observação preliminar a se fazer é sobre a presença de outros fraseologismos nos textos de nossos *corpora*, que não são colocações verbais. No português, encontramos binômios como, por exemplo, *sede e foro* (usados apenas nessa ordem e jamais *foro e sede*), *teor e forma* (nunca *forma e teor*), e outros. Também nos deparamos com agrupamentos nominais (formados a partir da combinação de substantivo mais adjetivo), como *relatório circunstanciado*, *comum acordo*, *expresso consentimento*, *amplos poderes*, *cópia fiel* etc., bem como formações de adjetivo mais advérbio: *totalmente integralizado*. Notamos, ainda, as

colocações adverbiais (formadas de verbo mais advérbio ou sintagma adverbial), como *agir isoladamente*, *agir em conjunto* etc. E, ainda, textos formulaicos, constituindo agrupamentos maiores, como por exemplo, *E por assim terem justos e contratados* (e suas variantes: *E por estarem assim justos e contratados* ou *E, por assim acharem justos e contratados*), *na melhor forma do direito, sob (as) penas da lei*, além de fraseologismos estruturais (para utilizar a terminologia de BURGER, 1998), como *de conformidade com*, *de acordo com*, *no curso de*, *a critério de*, entre outros. No alemão, também registramos esse tipo de fraseologismos, como por exemplo, *im Anschluss an* (“em seguida de/a”), *im Hinblick auf* (“com referência a”/ “em consideração a”). Há, também, ocorrência de colocações adverbiais, como *ausdrücklich erklären* (“declarar por escrito”), ou de colocações nominais, formadas de substantivo mais adjetivo, como *dringende Fälle* (“casos de urgência”), *eingeschriebener Brief* (“carta registrada”) etc. Registramos, ainda, a presença de agrupamentos construídos a partir de estruturas participiais, como *auf den Namen lautende Aktien* (“ações nominativas”), *das voll einbezahlte Aktienkapital* (“o capital social totalmente integralizado”) etc., além de outras estruturas fraseológicas típicas do alemão, como *weder noch* (“nem...nem”), *auch immer* (estrutura que confere o sentido de incondicionalidade), *es sei denn, dass* (“a não ser que”) e outras. É claro que elas são relevantes do ponto de vista fraseológico, e que um trabalho de maior amplitude deveria necessariamente englobá-las.

Todavia, dada a limitação desse trabalho, em que nos restringimos apenas às colocações verbais, esses fraseologismos não serão incluídos em nossa pesquisa, sendo que fizemos menção a eles, para demonstrar que não passaram despercebidos e porque gostaríamos de registrar que também carecem de um estudo e de uma descrição lingüística, sobretudo, que também oferecem dificuldades no plano da tradução e, por isso, também reclamam a busca dos respectivos equivalentes.

5.2 Sobre a tipologia textual

5.2.1 Considerações gerais

A importância de se abordar a questão da tipologia textual se justifica, na medida em que um texto se compõe de um todo significativo. Este todo é organizado com base em várias

diretrizes, definidas em função do tipo de texto. O tipo de texto determinará se determinada estrutura gramatical é apropriada, se determinadas escolhas lexicais são cabíveis e assim por diante. Além disso, a tipologia textual também pode prescrever uma ordem a ser seguida (no caso de contratos, a ordem das cláusulas) e as fórmulas lingüísticas a serem empregadas em cada segmento do texto. Por isso, as colocações não podem ser vistas como unidades independentes, mas devem ser analisadas dentro do contexto maior do qual fazem parte.

Dessa forma, embora o uso de mesóclise em língua portuguesa não seja apropriado em um texto de linguagem familiar, como uma carta, é perfeitamente adequado no corpo de um estatuto social, como podemos verificar nos seguintes exemplos de textos extraídos do *corpus* em língua portuguesa:

Artigo 18 - A Diretoria **reunir-se-á** com, pelo menos, a maioria dos seus membros e deliberará pela maioria dos votos de todos os Diretores presentes, cabendo a cada Diretor um voto nas deliberações da Diretoria. (Est2)

Artigo 15 - A convocação para a Assembléia Geral **far-se-á** mediante publicação com 8 (oito) dias de antecedência da data da sua realização, conforme previsão legal, devendo, ainda, uma cópia do aviso de convocação ser entregue a cada acionista, par carta ou fac-símile com aviso de recebimento do endereçado. (Est11)

Art. 19) O Conselho Fiscal, não-permanente, **compor-se-á**, quando instalado, de 3 (três) a 5 (cinco) membros efetivos e de igual número de suplentes. (Est12)

Uma estrutura muito recorrente nos textos de contratos e estatutos em língua alemã é a expressão *sein + zu*, ou *haben + zu*, utilizadas para designar uma obrigação. O sentido de obrigação também pode ser conferido pelo uso do verbo *müssen*, porém, o que se observa é que há uma preferência, nesse tipo de texto, pela formulação com a estrutura *sein/haben + zu* em detrimento do verbo *müssen*. Vejamos dois exemplos:

Das Protokoll **ist** innert 10 Tagen seit der Geschäftsführungsversammlung **auszufertigen** und **zu unterzeichnen** und den Geschäftsführern **zuzustellen**. (Est10)

Über alle Beschlüsse der Gesellschaft inner- und ausserhalb von Gesellschafterversammlungen **ist** von der persönlich haftenden Gesellschafterin, ersatzweise dem Vorsitzenden der Gesellschafterversammlung, eine Niederschrift in deutscher und englischer Sprache **anzufertigen**, **zu unterzeichnen** und umgehend den Gesellschaftern **zuzuleiten**. (Cont4)

O que constatamos é que algumas colocações verbais, como as acima, *Protokoll ausfertigen* e *Niederschrift anfertigen*, estão sempre inclusas dentro de uma estrutura sintática específica, neste caso, formada com o verbo *sein* + *zu*, o que autoriza ampliar o caráter da fixidez à própria estrutura frasal. O mesmo ocorre com a colocação *Geschäftsbericht/Revisionsbericht auflegen*. Nas 3 ocorrências no *corpus*, todas vieram dentro de uma estrutura *sein* + *zu*. Vejamos os exemplos:

Der Geschäftsbericht und der Revisionsbericht sind spätestens 20 Tage vor der ordentlichen Generalversammlung am Sitz der Gesellschaft und bei allfälligen Zweigniederlassungen zur Einsicht **aufzulegen**. (Est14)

Spätestens 20 Tage vor der ordentlichen Generalversammlung **sind der Geschäftsbericht und der Revisionsbericht** am Sitz der Gesellschaft zur Einsicht der Aktionäre **aufzulegen**. (Est15)

Spätestens 20 Tage vor der ordentlichen Generalversammlung **sind der Geschäftsbericht und der Revisionsbericht** am Sitz

der Gesellschaft zur Einsicht der Aktionäre **aufzulegen**.
(Est16)

Note-se que a formulação do período que contém a colocação é idêntica no Est15 e Est16, embora se trate de estatutos de diferentes empresas. Também o exemplo do Est14 contém formulação gramatical bastante similar. Ou seja, na prática, as empresas seguem uma espécie de “redação-padrão” de seus estatutos e contratos sociais.

Um outro exemplo pode ser fornecido pela colocação *Jahresabschluss/Lagebericht aufstellen*. Nas 5 ocorrências no *corpus*, todas vieram acompanhadas da expressão *haben + zu*. Vejamos:

Der Vorstand **hat** in den ersten 3 Monaten des Geschäftsjahres **den Jahresabschluss** (Bilanz nebst Gewinn- und Verlustrechnung und Anhang) und - soweit nach § 264 Abs. 1 HGB erforderlich - **den Lagebericht** für das vergangene Geschäftsjahr **aufzustellen** und dem Abschlussprüfer vorzulegen. (Est2)

Der Vorstand **hat** in den ersten fünf Monaten des Geschäftsjahres für das vergangene Geschäftsjahr **den Jahresabschluss und den Lagebericht aufzustellen** und mit einem Vorschlag für die Gewinnverteilung dem Aufsichtsrat nach Prüfung durch den Abschlussprüfer vorzulegen. (Est6)

In den ersten drei Monaten des Geschäftsjahres **hat** der Vorstand **den Jahresabschluss und den Lagebericht** für das vergangene Geschäftsjahr **aufzustellen** und diese zusammen mit einem Vorschlag für die Verwendung des Bilanzgewinnes unverzüglich dem Aufsichtsrat vorzulegen.
(Est23)

Der Vorstand **hat** innerhalb der gesetzlichen Fristen **den Jahresabschluss** (Bilanz nebst Gewinn- und Verlustrechnung sowie Anhang) **und den Lagebericht aufzustellen** und dem Abschlussprüfer vorzulegen. (Est24)

Der Vorstand **hat** innerhalb der gesetzlich vorgesehenen Fristen für das vergangene Geschäftsjahr **den Jahresabschluss und den Lagebericht aufzustellen** und unverzüglich dem Aufsichtsrat mit einem Vorschlag über die Verwendung des Bilanzgewinns vorzulegen. (Est27)

Notamos, novamente, uma coincidência e/ou similaridade na formulação dos períodos e, além da recorrência da própria colocação, também a recorrência de outros elementos, como a previsão de um prazo para a elaboração do relatório e do balanço e a prescrição da apresentação dos mesmos. Note-se, ainda, que o sujeito dessa colocação é sempre *der Vorstand*. Temos, assim, um *script* a ser cumprido, um roteiro com vários espaços a serem preenchidos. O preenchimento desses espaços é feito por meio de elementos ou formulações pré-estabelecidas, convencionais dentro do âmbito em questão. São padrões textuais consagrados, de que fazem parte as colocações.

Observamos, assim, que os fraseologismos e, em especial, as colocações verbais – nosso objeto de pesquisa – são apenas um elemento dentro de uma rede intrincada de outros elementos, relações e níveis que compõem um determinado texto. Portanto, ainda que tenhamos nos concentrado no estudo delas, é preciso ter uma visão global do texto para perceber que elas não funcionam como elementos isolados, mas guardam uma relação direta com a tipologia textual, com formulações textuais próprias de determinados tipos de texto, dentre outros elementos.

AZENHA (1999:92), citando STOLZE, ilustra que:

“Os tipos de texto não são definidos pela existência de determinados elementos lingüísticos; eles são determinados extralingüisticamente pela sua área específica de aplicação e pela recepção do texto. Não

obstante, existem na superfície do texto certas invariâncias específicas ligadas a certos tipos de texto que, funcionando como sinais de estruturação textual, tornam os textos mais transparentes. A constatação de formulações convencionais também pode ser usada para a definição dos tipos de texto” (Stolze, 1982, p.137).

Este pensamento vem ao encontro da teoria de HEINEMANN/VIEHWEGER (1991:166-167), sobre a tipologia textual e sua correlação com o “modelo de formulação” (*Formulierungsmuster*), mencionada no item 2.4.3. Os autores aprofundam seu estudo sobre a relação entre tipologia textual e estrutura morfossintático-semântica dos textos, ilustrando o assunto da seguinte forma.

‘Os falantes têm a capacidade de correlacionar os textos que recebem (...) com determinadas categorias e de preencher estas correlações com elementos lexicais que estão à disposição dentro de uma comunidade humana. Assim, um destinatário que ‘processou’ diferentes textos é capaz de indicar que determinado texto pertence à classe dos contos, das receitas de culinária, dos textos de leis, dentre outros (...).

Para os diversos textos há marcas características (expressões típicas, princípios de organização, prescrições ou sugestões de formas etc.), que podem ter uma função indicativa da classe.’⁴³ (p. 130)

⁴³*Sprecher haben die Fähigkeit, Texte, die sie rezipiert haben, (...) verbindlichen Klassen zuzuordnen, und diese Zuordnungen durch Lexikonzeichen zu belegen, die innerhalb einer menschlichen Gemeinschaft dafür zur Verfügung stehen. So kann ein Rezipient, der unterschiedliche Texte interpretiert hat, angeben, dass ein Text zur Klasse der Erzählungen, Kochrezepte, Gesetzestexte u. a. gehört (...). Für zahlreiche Texte gibt es charakteristische Signale (typische Äusserungen, Organisationsprinzipien, Gestaltungsvorschriften oder –empfehlungen usw.), die eine klassenindizierende Funktion haben können.*

Tais marcas características (*charakteristische Signale*) podem consubstanciar-se como fraseologismos típicos, que sinalizam o tipo de texto no qual se encaixam.

Os autores dão os exemplos de fraseologismos típicos que caracterizam alguns tipos de textos. São eles:

Conto de fadas: *Es war einmal...* (“Era uma vez...”)

Cartas: *Meine liebe Maria* (“Querida Maria”)

Sentenças judiciais: *Im Namen des Volkes* (“Em nome do povo”)

Notamos, portanto, que o uso de certos fraseologismos funciona como um identificador do tipo de texto.

5.2.2 Da função textual dos textos em análise

Conforme dissemos acima, é preciso não perder de vista que as colocações estão inseridas dentro de um contexto, ou seja, um todo maior, para cuja elaboração concorrem uma série de fatores de várias espécies. Um desses fatores é a função textual. Abordando este assunto, GLENK (2000:33) menciona:

‘O falante, que produz um texto, tem sempre uma intenção, um objetivo social que o leva a uma expressão verbal. Esta intenção pode ser: transmitir a um destinatário determinadas informações; obter determinadas informações; levar um destinatário à prática de um ato ou motivá-lo à execução de uma ação; convencer um destinatário; evocar nele determinadas

sensações estéticas; instigá-lo a mostrar uma determinada reação, a deixar de fazer algo etc.’⁴⁴

Analisando por esta perspectiva, podemos afirmar que os textos estudados cumprem uma função preponderantemente informativa, já que se prestam a informar como será realizada a organização formal da empresa, cumprindo assim a função de deixar registrados em um documento os dados relativos à constituição e administração da mesma.

A tipologia textual se encontra em relação direta com a função textual. Assim, para cumprir a função informativa, o tipo de texto em análise apresenta determinadas constantes. Uma delas é o traço da impessoalidade. Os textos de ambos os idiomas são marcados por elementos que expressam essa impessoalidade: não há o uso de pronomes em primeira pessoa, existe largo uso de expressões impessoais, como as do alemão acima mencionadas, *sein/haben + zu*; há também uma multiplicidade de orações com voz passiva, omitindo o agente.

Além dessa função informativa, os textos estabelecem prescrições de comportamentos e atitudes dos sócios, bem como de votações nas reuniões etc.; ou seja, fixa regras e determinações, o que não é propriamente a concretização da função *steuern*, abordada por HEINEMANN/VIEHWEGER (1991) - pois não “dirige” o comportamento, mas de fato “determina” – porém a ela se assemelha, por representar uma função que visa a obter determinado fim concreto.

Essa função textual se concretiza por meio da utilização de elementos lexicais e construções gramaticais próprios. No caso do português, há largo uso do verbo “dever”, sobretudo no tempo verbal do futuro. No caso do alemão, é muito presente a expressão *ist + zu*, determinando as obrigações.

⁴⁴ *Der Sprecher, der einen Text produziert, verfolgt damit stets eine Absicht, einen sozialen Zweck, der ihn zu einer sprachlichen Äußerung veranlasst. Diese Absicht kann sein: einem Adressaten bestimmte Informationen vermitteln; bestimmte Informationen erhalten wollen; einen Adressaten zum praktischen Handeln veranlassen oder zur Ausführung einer Tätigkeit motivieren; einen Adressaten überzeugen; bestimmte ästhetische Empfindungen bei ihm hervorrufen; ihn auffordern, eine bestimmte Reaktion zu zeigen, etwas zu unterlassen usw.*

5.2.3 Do estilo dos textos

Segundo SPENCER et al. (1964:43):

“O estilo de um texto é uma função do conjunto de razões (*ratios*) entre as freqüências dos seus itens fonológicos, gramaticais e léxicos e as freqüências de itens correspondentes em uma norma contextualmente relacionada”.

O autor ilustra ainda essa definição, acrescentando que:

“A familiaridade com freqüências de itens lingüísticos em contextos dados é parte da experiência lingüística que adquirimos desde a infância. Quando esta experiência pretérita se volta para a análise de um texto corrente (...) transforma-se num fluxo complexo de expectativas, que se concretizam ou são frustradas. Em análise estilística, pois, freqüências contextuais passadas transformam-se em probabilidades contextuais presentes, com cujo conjunto o texto é comparado.

A palavra ‘probabilidade’, portanto, inclui referência automática a uma norma pertinente condicionada pela experiência passada.” (pág. 43)

Dessa forma, notamos que as características textuais acima mencionadas, como a presença de mesóclises, de tempos verbais impessoais, do não uso de pronomes pessoais, encontradas nos textos do *corpus* em português, e o uso intenso de infinitivo mais a preposição *zu*, de orações participiais, dentre outras características nos textos do *corpus* em alemão, bem como o uso de determinadas e típicas colocações, nos textos de ambos os *corpora*, formam um **conjunto de características lingüísticas próprias ao estilo** dos textos em questão, são constantes próprias desse tipo de texto.

Isto quer dizer que alguém que tenha familiaridade com a linguagem dos contratos e estatutos sociais, ao se deparar com um desses textos, terá a capacidade de prever a ocorrência de determinados elementos lingüísticos ou padrões gramaticais. O mesmo é válido para quem está produzindo um texto desse tipo. Se o produtor estiver habituado ao estilo, automaticamente ativará padrões gramaticais e expressões próprias a ele. Este tipo de conhecimento irá nortear as escolhas fraseológicas, estabelecendo um equilíbrio entre o tipo de texto e a adequação da linguagem. Dessa forma, embora seja corrente, na língua geral, a colocação *fechar contrato*, nos textos em análise a escolha mais adequada seria *celebrar contrato*. Observe-se que no *corpus* não há uma ocorrência sequer da colocação *fechar contrato*; ao contrário, a colocação *celebrar contrato* aparece inúmeras vezes.

Em relação aos textos estudados, podemos dizer que são elaborados em linguagem formal, portanto, além do traço da impessoalidade, deparamo-nos com uma linguagem que não apresenta gírias ou expressões idiomáticas da linguagem oral ou literária.

Ocorre, porém, que como estamos trabalhando com dois idiomas diferentes, também em relação ao estilo, verificaremos a presença de diferenças. A definição de estilo de Guiraud (1978: 149), abaixo apresentada, poderá nos guiar na análise dessas diferenças. Segundo o autor:

“O estilo é o aspecto do enunciado que resulta da escolha dos meios de expressão determinada pela natureza e intenções do indivíduo que fala ou escreve”.

Esta definição, segundo o próprio autor, muito ampla, engloba a expressão, seu aspecto, o sujeito falante, sua natureza e suas intenções. Desse modo, conclui-se que a natureza do falante irá refletir-se no estilo adotado. Nos textos em questão, porém, o reflexo da natureza individual do produtor do texto não é tão visível como numa obra literária, pois a praxe da área acaba “impondo” uma certa norma lingüística a ser respeitada. **O estilo, então, refletirá a natureza de um certo grupo de falantes habituados a determinadas práticas lingüísticas.**

O fato é que este grupo está inserido dentro de uma realidade sócio-cultural com peculiaridades próprias e condicionantes que diferem de um país para outro, conduzindo, portanto, a diferentes modos de expressão, a diferentes escolhas de meios de expressão.

A análise dos dados de ambos os *corpora* mostrou, por exemplo, que a fixidez das colocações na língua portuguesa é bem mais relativa do que a fixidez das colocações na língua alemã. Nas colocações em língua portuguesa, muitas vezes os verbos são substituídos por outros verbos, apresentando um certo grau de variabilidade. Por outro lado, as colocações alemãs se mostraram mais fixas, apresentando menor variabilidade.

Certamente, esse fato não se restringe ao âmbito lingüístico analisado, mas têm relação com um comportamento lingüístico mais amplo. No Brasil, não se considera elegante repetir palavras em um texto – ao menos quando elas estão espacialmente próximas -, e é muito comum a substituição por sinônimos, mesmo quando o vocábulo ou expressão substituídos possuam uma especialização semântica.

Para ilustrar o exposto, podemos citar a colocação portuguesa *abrir filiais*. Encontramos as seguintes variantes: *criar filiais*, *estabelecer filiais*, *instalar filiais*.

Já no idioma alemão, ocorre apenas a colocação formada com o verbo *errichten*, *Zweigniederlassungen errichten*.

Outro exemplo é a colocação que tem por base o substantivo *comitês*. Temos as colocações *instituir comitês*, *constituir comitês*, *instalar comitês*, *criar comitês*. Já o equivalente alemão, buscado a partir da base *Ausschüsse*, apresentou apenas a colocação *Ausschüsse bilden*.

Assim, observamos que, enquanto nos textos em português parece haver uma tendência à utilização de variantes, o alemão procura manter uma certa homogeneidade no uso de suas colocações. Este fator reflete uma diferença estilística com conseqüências também para a busca de equivalências, já que muitas vezes para duas ou três colocações do português (como vimos acima) encontraremos uma única alternativa em alemão, o que a princípio parece empobrecer as nuances de sentido que poderá haver de uma variante para outra. Sobre o tema, temos a posição de AZENHA (1999:126), ilustrando que:

“...falar de ‘equivalência’ em tradução, inclusive em tradução técnica, implica falar também em acomodação a um outro espaço lingüístico cultural, a um outro universo de valores”.

Neste processo de acomodação, iremos nos deparar com características de estilo próprias a cada idioma, que condicionam um comportamento lingüístico com peculiaridades próprias.

5.2.4 Das diferenças estruturais dos textos estudados

Conforme mencionado anteriormente, os textos que compõem nosso *corpus* são autênticos e consistem em contratos sociais e estatutos em ambos os idiomas. Também já foi esclarecido que os contratos sociais são instrumentos de constituição de empresas de responsabilidade limitada e os estatutos, instrumentos de constituição de sociedades anônimas. Isto é verdadeiro para ambos os países, ou seja, tanto o Brasil quanto a Alemanha convencionaram denominar de forma diferente os documentos relativos à constituição das empresas. O alemão designa *Gesellschaftsvertrag* o documento referente às sociedades limitadas, *GmbH*, e *Satzung* o referente às sociedades anônimas, *Aktiengesellschaft*⁴⁵. Ocorre, porém, que ainda que se prestem ao mesmo objetivo e ainda que apresentem vários pontos em comum, os contratos sociais/estatutos diferem bastante em sua forma, estrutura e conteúdo, o que dificulta a análise contrastiva e, sobretudo a busca de equivalências.

Vejamos a abertura de um contrato social brasileiro e um alemão e suas diferenças:

Contrato social brasileiro	Contrato social alemão
<p>CONTRATO DE CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE</p> <p>"ESCRITÓRIO CONTÁBIL YYYY S/C LTDA."</p> <p>JOSÉ DA SILVA, brasileiro, casado, Contador - CRC Nº 000000/0-0 portador da cédula de identidade RG nº 1.111.111-SSP/SP e do CPF/MF nº 222.222.222-02, residente e domiciliado na Capital do Estado de São Paulo à Rua Santo Adalberto nº 000, Vila Paz, CEP 01010-000;</p>	<p>GESELLSCHAFTSVERTRAG</p> <p>§ 1 Firma. Sitz</p> <p>(1) Die Firma der Gesellschaft lautet: XXX Global Logistics GmbH (Cont10)</p>

⁴⁵ Ultimamente, temos notado a ocorrência ocasional do termo *Gesellschaftsvertrag* para designar os documentos referentes também às sociedades anônimas. Isto pode ser um fato isolado ou tratar-se de uma tendência à homogeneização do termo, questão que somente será respondida pelo tempo.

<p>PEDRO DE SOUZA, brasileiro, solteiro, maior, Técnico em Contabilidade, CRC Nº 000.000/0-0, portador da cédula de identidade RG nº 2.111.111-SSP/SP e do CPF/MF nº 333.333.333-03, residente e domiciliado na Capital do Estado de São Paulo à Rua Durvalina nº 000, Jardim Feliz, CEP 02020-000;</p> <p>JOÃO DE LIMA, brasileiro, casado, Economista, CORECON (SP) nº 000.000, portador da cédula de identidade RG nº 3.111.111-SSP/SP e do CPF/MF nº 444.444.444-04, residente e domiciliado na Capital do Estado de São Paulo à Rua Santo Expedito nº 000, Centro, CEP 03030-000;</p> <p>Resolvem de comum acordo e na melhor forma de direito, constituir uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, de natureza civil, que reger-se-á pelas condições seguintes:</p> <p>I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE, PRAZO DE DURAÇÃO E OBJETO SOCIAL</p> <p>Cláusula Primeira</p> <p>Sob a denominação social de ESCRITÓRIO CONTÁBIL E ECONÔMICO YYY S/C LTDA. fica constituída a presente sociedade civil por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regida pelo presente contrato social e pela legislação que lhe for aplicável;</p> <p>(Cont11)</p>	
--	--

O que verificamos é que, enquanto no contrato brasileiro há um preâmbulo que inclui a qualificação dos sócios, com seus dados pessoais, para somente então passar-se às informações sobre a sociedade, no contrato alemão não existe tal qualificação, sendo o mesmo iniciado já com informação sobre a denominação da sociedade. Ocasionalmente, há nos contratos alemães a qualificação de sócios, porém os únicos dados pessoais incluídos são o nome, a data e o local de nascimento ou, ainda, o domicílio.

A cada subdivisão do contrato brasileiro se dá o nome de cláusula. No contrato alemão, a subdivisão é feita com o símbolo de parágrafo (§).

Além da informação sobre a denominação da sociedade, tanto os contratos brasileiros quanto os alemães fornecem informação sobre a sede, o objeto social, o capital, o prazo de duração da sociedade, o exercício e o capital social. Não existe prescrição de uma ordem rígida para a inserção dessas informações. Geralmente, a informação que aparece em primeiro lugar é aquela relativa à denominação e as demais vão se seguindo em uma seqüência não fixa.

Afora essas informações-padrão que todo contrato social deve conter, há também cláusulas que disciplinam assuntos diversos. Nos contratos brasileiros, é bastante comum haver uma cláusula sobre o procedimento a se adotar em caso de falecimento de um dos sócios da empresa. Em alemão, somente um contrato continha regra que disciplinava esse assunto. Por outro lado, os contratos sociais de empresas alemãs são minuciosos quanto às especificidades das reuniões de sócios e das deliberações, o que não ocorre nos contratos brasileiros. Também explicitam em que órgão serão efetuadas as publicações relativas à sociedade, informação não mencionada nos contratos brasileiros.

Os estatutos também trazem diferenças estruturais e de informação. Vejamos um pequeno trecho de dois deles, um em português e outro em alemão:

Estatuto brasileiro

Estatuto alemão

Capítulo I Sede, Objeto e Duração	Satzung der KKKK AG
Art. 1º - ZZZ S.A. é uma sociedade anônima que se regerá pelo presente estatuto e pela legislação aplicável.	I. Allgemeine Bestimmungen § 1
Art. 2º - A Companhia tem sede e foro na cidade de São Paulo, e pode, por deliberação do Conselho de Administração, abrir, manter e fechar filiais, escritórios, depósitos ou agências de representações, em qualquer parte do território nacional ou no exterior.	(1) Die Aktiengesellschaft führt die Firma KKKK AG. (2) Der Sitz der Gesellschaft ist Berlin. (3) Die Dauer der Gesellschaft ist auf keine bestimmte Zeit beschränkt.
Art. 3º - A Companhia tem por objeto: (i) a promoção e administração de empreendimentos imobiliários de qualquer natureza, próprios ou de terceiros; (ii) compra, venda e negociação com imóveis de forma geral; (iii) construção civil e prestação de serviços de engenharia civil; (iv) desenvolvimento e implementação de estratégias de	§ 2 Gegenstand des Unternehmens ist: 1. Der Handel mit Waren aller Art, insbesondere Papier und Bürobbedarf, Büchern und Tonträgern. 2. Der Buchverlag. 3. Die Gesellschaft ist zu allen Geschäften und

marketing relativas a empreendimentos imobiliários próprios e de terceiros; (v) a participação em outras sociedades, no Brasil ou no exterior.	Massnahmen berechtigt, die geeignet sind, unmittelbar oder mittelbar die Interessen der Gesellschaft oder ihres Konzerns zu fördern; die Gesellschaft ist insbesondere zum Erwerb von Liegenschaften, zur Errichtung von Zweigniederlassungen und Tochtergesellschaften im In- und Ausland sowie zur Beteiligung an und zur Geschäftsführung von anderen Unternehmen berechtigt. Bankgeschäfte im Sinne des Bankwesengesetzes sind von der Tätigkeit der Gesellschaft ausgeschlossen.
Art. 4º - O prazo de duração será por tempo indeterminado.	

Observe-se que, nos estatutos brasileiros, as subdivisões do texto são feitas por artigos e não mais por cláusulas. O alemão mantém a subdivisão em parágrafos, indicados pelo símbolo §. Ocasionalmente, também a faz por meio de artigos. Os parágrafos ou artigos, por sua vez, ainda se subdividem em itens.

Assim como nos contratos, a análise contrastiva dos estatutos também levou a estabelecer muitos pontos em comum entre eles, bem como algumas diferenças. Entre os pontos em comum estão as informações sobre o capital, o exercício, o prazo, a distribuição de lucros, a divisão das ações etc. Entre as diferenças podemos citar o fato de os estatutos alemães prescreverem sempre regras para a liquidação da sociedade, o que é mencionado, nos estatutos brasileiros, apenas *en passant*. Nos estatutos alemães também há menção sobre o órgão de publicação de informações relativas à sociedade, o que não ocorre nos brasileiros.

Outra diferença – esta focalizando agora a forma de redação e não mais o conteúdo das informações - diz respeito ao tempo verbal utilizado nas orações. Tanto nos contratos como nos estatutos brasileiros, encontram-se muitas ocorrências de tempo verbal futuro. Já nos textos alemães, é mais comum o tempo verbal do presente.

Todas essas diferenças se refletem na busca das equivalências. Porém, a diferença que traz maiores dificuldades é a questão de os contratos/estatutos disciplinarem assuntos diferentes. Assim, se um contrato/estatuto alemão discorre sobre um assunto não abordado nos contratos/estatutos brasileiros, e vice-versa, os *corpora* por nós compilados se tornam insuficientes para a busca da equivalência. Isto nos impelirá a recorrer a outras fontes de pesquisa, que extrapolam os *corpora*, no momento de buscar as equivalências.

5.3 A ficha terminológica

Para proceder à análise dos dados, e para sistematizar a construção de nosso glossário, elaboramos uma ficha terminológica que consiste dos seguintes campos:

01 - Língua de partida (LP)	02 - Colocação (LP)
03 - Contexto 1 (LP)	04 - Fonte 1 (LP)
05 - Contexto 2 (LP)	06 - Fonte 2 (LP)
07 - Estrutura interna: Base: () base no singular () base no plural Obs.: Uso de determinante: () obrigatório () facultativo () impossível Quais: Obs.: É possível a separação dos elementos constitutivos? () sim () não Obs.: Forma verbal: () voz ativa () voz passiva () outra estrutura Obs.:	
08 - Estrutura externa: () colocação com valência tipo I () sujeito humano () sujeito não-humano Obs.: () colocação com valência tipo II () sujeito humano () sujeito não-humano estrutura morfossintática possível: Obs.: () colocação com valência tipo III () sujeito humano () sujeito não-humano estrutura morfossintática possível: Obs.: outros elementos de relevância:	
09 - Sinônimos Obs.:	
10 - Atualidade da colocação: () atual () em desuso () obsoleta	11 - Frequência: Nº de ocorrências no <i>corpus</i> :
12 - Forma nominalizada (LP)	
13 - Língua de chegada (LC)	14 - Equivalente (LC)

	Obs.: _____
15 – Contexto 1 (LC)	16 – Fonte 1 (LC)
17 – Contexto 2 (LC)	18 – Fonte 2 (LC)
19 – Data de preenchimento da ficha	

Veremos, a seguir, cada um dos campos em separado:

Campo 01 – Língua de partida

Destina-se à inserção da língua de partida da qual a colocação foi extraída: alemão ou português. Nossa intenção é que o glossário seja elaborado nas duas direções, alemão/português e português/alemão, de forma que possa ser utilizado tanto para tradução como para versão e consultado tanto por aqueles que necessitam produzir textos em português quanto em alemão.

Campo 02 – Colocação (LP)

Destina-se à inserção da colocação na língua de partida. A forma de inserção será de acordo com as ocorrências do *corpus*. Assim, se a colocação ocorrer mais frequentemente com o substantivo na forma do plural, como, por exemplo, *conferir poderes*, do português, ou *Aktien ausgeben*, do alemão, a colocação será indicada no plural. A possibilidade de uso do substantivo no singular será indicada no campo 07, estrutura interna.

Quando a maior ocorrência for com o substantivo no singular, como na colocação *dar quitação*, do português, ou *Konkurs anmelden*, do alemão, também será verificada a possibilidade de uso da colocação com o substantivo no plural, indicação a ser feita no campo 07.

Campos 03 e 05 - Contexto 1 (LP) e Contexto 2 (LP)

Destinam-se à inserção dos contextos de ocorrência da colocação na língua de partida. Ainda que forneçamos informações sobre a configuração morfossintática da colocação, sobre o uso de determinante e sobre a possibilidade de separação dos elementos constitutivos da colocação (campo 07), e ainda que forneçamos também informação sobre sua estrutura externa e dados sobre a utilização da colocação dentro do contexto, julgamos necessário inserir um campo específico para o contexto de ocorrência. Isto porque o contexto é o

ambiente natural da ocorrência e poderá fornecer dados que passaram despercebidos do pesquisador, mas que poderão ser úteis quando da confecção do glossário.

O contexto também pode trazer dados ou especificidades de uso que não puderam ser explicitados e detalhados na ficha terminológica, mas que podem ser significativos do ponto de vista de informar a vizinhança da colocação, o ambiente semântico em que está inserida e dados relativos à sua conotação.

O contexto a ser transcrito será o que abrange a colocação desde o início da frase em que a mesma ocorra até o ponto final subsequente.

Campos 04 e 06 – Fonte 1 (LP) e Fonte 2 (LP)

Nestes campos serão inseridas as fontes de ocorrência do contexto transcrito. Isto porque, se necessário, será possível resgatar o contexto maior, a fim de elucidar dúvidas.

Campo 07 – Estrutura interna

Neste campo, visamos a descrever a estrutura morfossintática interna possível da colocação, tentando dar conta dos diversos aspectos envolvidos em sua construção e que poderiam oferecer dificuldades à produção textual, caso fossem omitidos. Pretendemos, portanto, relacionar as possíveis diferentes configurações morfossintáticas em que a colocação pode aparecer, se a mesma pode ser utilizada com voz ativa/passiva, se o substantivo-base da colocação pode ou deve aparecer no plural ou no singular, se é possível separar os elementos constitutivos da colocação ou inserir algum atributo entre eles, se é necessário o uso de determinante antes do objeto do verbo que compõe a colocação.⁴⁶

Antes, porém, de passarmos à discussão da inserção de cada um desses itens, gostaríamos de tecer algumas considerações iniciais sobre a estrutura interna das colocações encontradas em ambos os *corpora*.

Nossa pesquisa revela que a grande maioria das colocações verbais, presentes no âmbito dos contratos sociais e estatutos, no idioma português, compõe-se de um verbo e seu

⁴⁶ Um dos pontos de partida dessa análise foi a palestra proferida por Sidney Camargo (v. ref. bibl.), na *Semana de Língua Alemã de 2002*, sobre fraseologia. Nela, o Prof. abordou dados referentes à estrutura interna dos fraseologismos, como a possibilidade/impossibilidade de inserção de atributo entre seus componentes, a ausência obrigatória de artigo ou o seu uso obrigatório, a negativa ou afirmativa fraseológica obrigatórias etc. Também as considerações de GLENK (2000) nos norteou na reflexão sobre a pertinência de itens a serem inseridos e aspectos a serem analisados nas colocações, não apenas sob o ponto de vista da estrutura interna, como também da valência externa.

complemento. Na estrutura, proposta por HAUSMANN (1985), o verbo funciona como o colocado e o complemento (que é sempre composto de um substantivo) forma a base da colocação.

Sob a ótica da gramática tradicional, temos que esse complemento é geralmente um objeto direto. A título de exemplo, podemos citar as colocações: *celebrar acordo, gerir os negócios, prestar assessoria, conferir atribuições, praticar atos, levantar balanço, aumentar o capital, endossar cheques, dirimir dúvidas, desempenhar funções, contrair obrigações, emitir parecer, dirigir as atividades, guardar proporção, convocar assembléia, cumprir o prazo, lavrar ata, rescindir contrato* etc.

Conforme estudamos, a ligação dessas bases com os respectivos colocados é fixa, ou seja, a norma lingüística dessa área comercial específica prevê a combinação desses exatos elementos lexicais para a expressão dos respectivos conteúdos semânticos. Assim, ainda que possamos dizer *fechar contrato, elaborar o balanço, terminar um contrato* em outros contextos, no âmbito em questão, esse tipo de escolha causaria estranhamento e revelar-se-ia como inadequada, por não corresponder à praxe lingüística.

Contudo, a ligação dessa colocação com outros complementos, de natureza adverbial ou outros, e com um sujeito pode revelar-se mais livre, resguardadas as regras sintático-semânticas de combinabilidade, conforme veremos no item seguinte, o campo 08, em que analisaremos as relações da colocação com os demais elementos do contexto.

Voltando à análise da estrutura interna da colocação, podemos declarar que as colocações presentes em nosso *corpus* do idioma português são em sua grande maioria compostas de verbos transitivos diretos e seus respectivos objetos diretos. Em termos estatísticos, temos que de um total de 207 colocações, apenas 16 se revelaram divergentes desse padrão, o que equivale a 7,72%. Dessa forma, 92,28% das colocações encontradas no *corpus* apresentam, de ponto de vista interno, um complemento em objeto direto.

As demais apresentam outro tipo de complemento, o qual pode ser representado por uma locução adverbial etc., de forma que além do colocado e da base, representados respectivamente pelo verbo e substantivo, precedido ou não de artigo, teremos também a presença de outros elementos gramaticais a comporem a estrutura interna da colocação, como as preposições.

Exemplos desse tipo de colocação são as formadas com o verbo *ter*, a saber:

ter em conta
ter em vista
ter como fim
ter como objeto
ter por objeto
ter por objetivo
ter por finalidade

Observe-se que embora as colocações não sejam consideradas como idiomáticas, elas muitas vezes constituem sim uma formação própria do idioma, combinando elementos que à primeira vista parecem incompatíveis, como nos casos acima.

Na busca de traduzir tais colocações para o idioma alemão, nos damos conta de que se trata de uma combinação peculiar ao português, que não admite uma tradução vocábulo por vocábulo. Será preciso averiguar seu sentido global e buscar, então, um equivalente.

É por isso que as colocações oferecem problemas para a tradução e produção de texto na língua estrangeira, pois não permitem que se traduza livremente seus constituintes, mas exigem que se busque um equivalente pronto.

Além dos exemplos fornecidos pelas colocações formadas com o verbo *ter*, temos, também, as colocações formadas com o verbo *entrar*, a saber:

entrar em dissolução
entrar em vigor
entrar em funcionamento
entrar em liquidação

Elas correspondem às “estruturas com verbos funcionais” do alemão. Cada uma das línguas, porém, convenciona os elementos lexicais específicos e assim, não podemos, por exemplo, dizer *entrar em força*, mas apenas e unicamente *entrar em vigor*. Isto implica o que já abordamos anteriormente: que a colocação seja aprendida e aplicada como um bloco frástico pronto.

Há, ainda, outras colocações, como:

tomar em conta
tomar em consideração
levar à conta
investir no cargo
gozar de direitos

As colocações do idioma alemão também são, em sua maioria, formações de verbo mais o seu complemento, geralmente constituído por um acusativo. Das 145 colocações extraídas do *corpus*, 128 seguem este padrão, o que corresponde a 88,27% do total.

Essas colocações, assim como as do português, são compostas de colocado e base, ou seja, de verbo e substantivo, acompanhado ou não de determinante. Como exemplo, podemos citar: *das Recht ausüben* (exercer o direito), *Massnahmen treffen* (tomar medidas), *Befugnis erteilen* (conferir poderes), *den Vertrag kündigen* (rescindir o contrato), *Vereinbarungen schliessen* (firmar acordos), *das Ziel verfolgen* (visar, ter como meta), *den Antrag stellen* (fazer o pedido, requerer), *die Leitung übernehmen* (assumir a direção), *die Wahl vollziehen* (realizar a eleição), *ein Verfahren eröffnen* (abrir um processo), *eine Frist ansetzen* (fixar um prazo), *ein Reglement erlassen* (instituir um regulamento), *Erklärung abgeben* (prestar declaração) etc.

As colocações que não seguiram este padrão foram:

- As formadas com o verbo *stehen*:

im Zusammenhang stehen
in Einklang stehen
zur Verfügung stehen

O verbo *stehen*, dentro dessas colocações, funciona como um *Funktionsverb*, pois apresenta conteúdo semântico fraco e seu sentido só se concretiza na ligação com o substantivo. Ele cumpre a função de explicitar o aspecto verbal, no caso o durativo ou cursivo. Essa estrutura, bem como as demais estruturas com verbos funcionais foram todas consideradas como colocações nesse trabalho, acompanhando o posicionamento de BURGER (1998).

- As formadas com o verbo *stellen*:

in Rechnung stellen
zur Verfügung stellen

O verbo *stellen* também compõe várias colocações, sendo igualmente um verbo de conteúdo semântico fraco, que se presta a fornecer informação aspectual. Sua função é incoativa ou inicializadora, ou seja, demonstra que o processo denotado pelo verbo tem início. Note-se que o *corpus* traz as colocações *zur Verfügung stehen* (estar à disposição) e *zur Verfügung stellen* (pôr/colocar à disposição), ilustrando os dois aspectos possíveis da expressão.

- As formadas com o verbo *treten*:

an die Stelle treten
in Kraft treten
in Konkurrenz treten

Este verbo, que traduz o aspecto incoativo da ação, é igualmente um *Funktionsverb* e está colocado numa “estrutura com verbo funcional”.

- As colocações restantes são:

in bar einzahlen
zur Folge haben
zu Lasten gehen
in Empfang nehmen
an Kriterien orientieren
in Kenntnis setzen
sich an (anderen) Unternehmen beteiligen

Observe-se que, conforme abordamos em nossa definição de colocação, essas combinações de palavras se mostram como formações peculiares do idioma, não presumíveis por um falante estrangeiro que não as conheça, ainda que por ele decodificáveis. Um exemplo elucidativo é o fornecido pela colocação *in bar einzahlen* (pagar em dinheiro). Se fosse solicitado a um brasileiro que a produzisse em alemão, provavelmente sua opção seria *in Geld einzahlen*, opção correta do ponto de vista gramatical, mas que não é a convencionalmente utilizada.

Feitas essas considerações iniciais sobre a estrutura interna das colocações em ambos os idiomas, passemos à análise da pertinência da inserção de cada um dos itens desse campo.

- **base no singular ou no plural**

Em algumas colocações, o substantivo-base pode aparecer mais freqüentemente no singular, em outras, no plural. Algumas vezes, ainda que a base esteja no singular é possível utilizar a colocação também com a forma plural da base e vice-versa. Já em outros casos, a colocação somente é construída com base no singular ou no plural.

Um exemplo de base no plural pode ser fornecido pela colocação *dirimir dúvidas*. Em suas cinco ocorrências no *corpus*, o substantivo apareceu no plural:

elegendo o foro da Comarca da Cidade de São Paulo para **dirimir** quaisquer outras **dúvidas** oriundas deste contrato. da Cidade de Curitiba, Estado de Paraná, fica eleito para **dirimir** quaisquer **dúvidas** ou controvérsias oriundas do presente, obrigando as testemunhas abaixo, elegendo o foro desta cidade para **dirimir** quaisquer **dúvidas** oriundas do presente, obrigando o foro Central de São Paulo, Capital, como competente para **dirimir** as **dúvidas** ou controvérsias que possam originar-se em o foro da cidade de (xxx), onde se situa a matriz, para **dirimirem** quaisquer **dúvidas** provenientes da execução e

Isto, porém, não permite concluir que a colocação não aceite a construção com o substantivo no singular, mas que tal forma não é comum no tipo de texto em análise. Para checar esse tipo de informação, será necessária a consulta a outros *corpora* de língua, conforme procedemos com a colocação *dirimir a dúvida*, acessando o Webcorp, e obtendo o resultado abaixo:

ao Conselho Federal de Medicina	<u>dirimir a dúvida</u>	. Nesta casa, a Assessoria Jurídica
retrasada com o objetivo de	<u>dirimir a dúvida</u>	. A Polícia Civil desconfia que
CIPA, com o intuito de	<u>dirimir a dúvida</u>	quanto à posição por ele
da tarde revelou-se despreparada para	<u>dirimir a dúvida</u>	. "Olha, acho que não tem

seja levado a plenário para não é suficiente para se é examinado. A fim de o cancro duro e para sobrestado, até que se possa sobrestado, até que se possa ao coordenador de campo para a ele. Por fim, para licitatório". "Além disso, ainda faltará parece disposto a contribuir para a seu amigo misterioso. Para V. Sa no sentido de tema; mas está longe de de perito, a fim de fosse filho do município. Para questão? A quem recorrer para perícia técnica é imprescindível para queixa seja por e-mail, tentamos dos exames periciais utilizados para unidade deverá ter condições de de R\$ 170 mil. Para armada de um estetoscópio foi mas nem por isto posso

dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida
dirimir a dúvida

. Missio enfatizou que sem independência . De fato, é preciso interpretar , nossos tribunais têm de ter se a blenorragia e a surgida em torno da diferença surgida em torno da diferença . » Quando um entrevistador assume , um Projeto de Lei do que paira sobre o 'vai cruel: - Essa flexibilidade extremada nos , alguém sugeriu que Chico e surgida entre a Delegacia Regional filosófica, sobre a possibilidade de existente. O Presidente do CADE , ele remeteu por fax xerox ? Esta, alimentada, aos poucos poderá acerca do descumprimento do PES ou adotar o mesmo procedimento entre o nascimento com vida ; Em segundo lugar, fazer contato , o Secretário Municipal de Finança da mãe. Depois de ascultar . O Botanágua de Cima prolongou-se

Assim, o fato de a colocação admitir a construção com o substantivo-base no singular, ainda que em outros contextos que extrapolam nosso *corpus* de pesquisa, deverá ser informado nas observações, para não levar à falsa conclusão de que a colocação em questão somente admite a forma plural.

Já a colocação *eleger o foro* não admite a construção com o substantivo no plural, por razões de ordem semântica. Ocorre que *eleger o foro* significa determinar o local em que as questões judiciais relativas à empresa deverão ser solucionadas. Como somente é possível escolher um único local – geralmente o local em que a empresa tem sua sede – só há um foro.

As colocações que formam uma unidade semântica como *dar ciência, dizer respeito, fazer parte, fazer jus* etc. não aceitam de forma alguma a forma plural do substantivo que as compõem.

O mesmo se aplica às colocações alemãs da mesma espécie, como *Abstand nehmen* (desistir, renunciar), *Gebrauch machen* (fazer uso), *zur Verfügung stellen* (colocar à

disposição, disponibilizar), *in Empfang nehmen* (receber), *den Vorsitz führen* (presidir), *Anrecht geben* (dar direito) etc.

Já outras colocações praticamente só aparecem no plural, como é o caso de *Aktien ausgeben* (emitir ações). Como a empresa que vai colocar ações no mercado, não se dispõe a emitir apenas uma ação de cada vez, é mais comum encontrar a colocação no plural.

- **uso de determinante**

Interligada à questão de a base da colocação estar no singular ou no plural está a questão do uso de determinante junto da base. Esse determinante pode ser de uso facultativo ou obrigatório. Pode ser também que não seja possível inserir um determinante.

Este item do campo “estrutura interna” visará, portanto, a fornecer informação sobre o uso de determinante.

Como elemento determinante entendemos os artigos definidos e indefinidos, os pronomes possessivos e demonstrativos e demais elementos lexicais que possam cumprir a função de especificar o substantivo constituinte da colocação.

A título de exemplo, vejamos um caso em que a colocação aparece nas duas formas, ou seja, com e sem o uso de determinante. A colocação é *lavrar ata*:

A diretoria reunir-se-á todas as vezes que for necessário ou conveniente, lavrando-se atas de suas deliberações no livro competente. (Est4)

Das deliberações tomadas pela Diretoria lavrar-se-á a competente ata em livro próprio que será assinada por todos os presentes. (Est25)

O *corpus* mostrou que ambas as formas coexistem, ainda que a colocação seja mais freqüente sem o uso de determinante.

Observe-se, também, que além do determinante, o exemplo do Est25 demonstra que a colocação aceitou a inserção de um adjetivo, ou seja, foi possível separar os elementos constitutivos da colocação, mediante a inserção de um atributo (o que será analisado no item a seguir). Observe-se, ainda, que embora a posição natural do adjetivo em língua portuguesa

seja posposta ao substantivo, neste caso específico houve uma anteposição. Frisamos, portanto, a importância do contexto para registrar as peculiaridades das colocações, conforme mencionamos em nossa reflexão sobre a pertinência da inserção dos campos 03 e 05, acima.

Algumas vezes, o uso do determinante é definido pelo conjunto global do qual a colocação faz parte. Assim, se houver uma especificação para o objeto direto, este poderá vir acompanhado do determinante. Não havendo tal especificação, ele virá sem acompanhamento de determinante, mantendo, assim, uma forma mais genérica. Vejamos o exemplo de *adotar medidas*:

(1) *Compete privativamente ao Diretor Geral **adotar**, em situações urgentes e atípicas, **as medidas que entender cabíveis**.* (Est22)

(2) *O Banco **adotará medidas** com vistas à dispersão acionária na distribuição de novas ações.* (Est 14)

No exemplo (1), tendo em vista que as “medidas” são especificadas por meio da oração relativa grifada, registra-se a ocorrência do artigo definido “as”, cumprindo a função de determiná-las. No exemplo (2), nada se especifica sobre as “medidas”, ou seja, trata-se de medidas genéricas, não previamente determinadas e, por isso, não são precedidas de determinante.

Há casos em que não é possível o uso de determinante (geralmente os mesmos casos em que constatamos ser obrigatório o uso da base no singular, ou seja, em colocações que consistem em uma unidade semântica). É o caso de *guardar proporção, tomar posse, fazer parte, dar ciência, guardar sigilo, fazer uso, dizer respeito*. As bases não podem ser precedidas de determinante ou somente o podem ocasionalmente, na presença de algum tempo verbal específico, como é o caso da colocação *guardar proporção*, nos casos em que o verbo aparece no particípio:

*Os acionistas terão direito de preferência para, **guardada a proporção** do capital e espécie de ações que cada um possua à*

época, inscrever as ações quando de sua emissão e colocação. (Est13)

Por esta razão, neste campo deverão ser feitas, se necessário, observações que possam especificar o uso de determinante.

Em relação ao alemão, também há ocorrência de colocações que ora são aplicadas mediante o uso de determinante, ora sem. Um exemplo é o fornecido pela colocação *Bericht erstatten* (elaborar relatório), cujas ocorrências são abaixo transcritas. Note-se que nos dois primeiros exemplos não há determinante; no terceiro, existe a ocorrência do artigo indefinido *ein* na posição de determinante.

Die Mitgliederversammlung wählt zwei Rechnungsprüfer für drei Jahre. Diese dürfen nicht dem Vorstand oder dem Wissenschaftlichen Beirat angehören. Sie überprüfen die Finanzgebarung, **erstatten** der Mitgliederversammlung **Bericht** über ihre Wahrnehmungen und stellen gegebenenfalls den Antrag auf Entlastung des Vorstandes. (Est1)

Die Revisionsstelle hat die Rechte und Pflichten gemäss Art. 727 ff. OR. Sie ist gehalten, den Generalversammlungen, für welche sie **Bericht** zu **erstatten** hat, beizuwohnen. Durch einstimmigen Beschluss kann die Generalversammlung auf die Anwesenheit der Revisionsstelle verzichten. (Est15)

Der Jahresabschluss ist von einem Abschlussprüfer zu prüfen. Über die Prüfung muss **ein** schriftlicher **Bericht erstattet** werden, der einen dem § 9 Abs. 5 WahnG entsprechenden Bestätigungsvermerk enthält. (Est9)

Outras colocações não aceitam determinante, como *Konkurs anmelden* (pedir falência), *Einspruch erheben* (levantar objeção), dentre outras, além daquelas que formam unidade semântica, como *Gebrauch machen*, *Abstand nehmen* etc.

Julgamos, portanto, que a inserção deste item é de suma importância, sobretudo para a produção textual na língua estrangeira, já que o uso de determinante é, muitas vezes, pautado apenas pela intuição do falante.

Saliente-se que no campo “observações” desse item, registraremos com quais determinantes a colocação ocorreu no *corpus* de pesquisa. Por exemplo, a colocação *exercer cargo* pode ser utilizada sem determinante (*exercer cargo*), com o artigo indefinido *um* (*exercer um cargo*) ou com o artigo definido *o* (*exercer o cargo*), conforme demonstrou a consulta ao *corpus*. *Praticar atos* ocorreu sem determinante, e, ainda, acompanhado do artigo definido *os* (*praticar os atos*), bem como dos pronomes indefinidos *todos* (*praticar todos os atos*) e *quaisquer* (*praticar quaisquer atos*). Como exemplo do alemão, podemos citar a colocação *Pflicht(en) erfüllen* (cumprir com o/os dever/es), que ocorre com o artigo definido *die* (*die Pflicht erfüllen*), bem como com o pronome possessivo *ihre* (*ihre Pflicht erfüllen*), e a colocação *Recht einräumen* (conceder direito), que ocorreu com o artigo definido *das* (*das Recht einräumen*), bem como com o artigo indefinido *ein* (*ein Recht einräumen*).

- **grau de integração dos elementos constitutivos**

Neste item serão fornecidas informações sobre o grau de integração dos elementos constitutivos da colocação, isto é, se é possível separar ou não os elementos da colocação, seja por meio de um simples adjetivo, seja por meio de uma ou de várias frases. Assim, assinalaremos se é ou não possível fazer a separação dos elementos integrantes da colocação e inseriremos as observações pertinentes, quando necessárias.

Um caso de integração total é o da colocação *fazer jus*. Note-se que ela forma, tal qual os exemplos acima de *fazer parte*, *dar ciência* etc. uma unidade semântica, que significa *merecer* ou *ter direito*. Esta colocação não aceita que os elementos sejam separados e fiquem distantes um do outro, como podemos observar na concordância abaixo:

- 1 ste estatuto. § 2º - Os administradores somente **farão jus** a esta gratificação sobre os lucros de exercício
- 2 s, deixar de pagar os dividendos mínimos a que **fazem jus** nos termos do caput deste artigo. CAPÍTULO III
- 3 s, deixar de pagar os dividendos mínimos a que **fazem jus**, nos termos do "caput" deste artigo. Parágrafo 2º.
- 4 s, deixar de pagar os dividendos mínimos a que **fazem jus**, nos termos do "caput" deste artigo. AÇÕES ESC
- 5 alecerá até o pagamento dos dividendos a que **fizerem jus** as ações preferenciais, se esses não forem cumul
- 6 utenção, previdenciários, laborais etc. Os sócios **farão jus** apenas à (xxx)% (Número por extenso - por cento
- 7 ger os substitutos. § 3º - O suplente em exercício **fará jus** à remuneração do efetivo, no período em que ocor
- 8 e pagar os dividendos fixos ou mínimos a que **fizerem jus** pelo prazo de 03 (três) exercícios sociais consec

9 e pagar os dividendos fixos ou mínimos a que **fizerem jus**, direito que conservarão tão-somente até o pagam
10 intermediário, fixar a participação nos lucros que **farão jus** os administradores; VI - convocar a Assembléa
11 ão adicional. § 3º - O Presidente e os Diretores **farão jus**, anualmente, a 30 (trinta) dias de licença remuner
12 rio de cobrança da remuneração que a CENTRAL **fará jus** pela prestação dos serviços constantes do seu ob
13 acumulação de cargos, sem que os substitutos **façam jus** à acumulação de honorários. § 5º- Sempre que h

Já na colocação *tomar deliberação* os elementos são passíveis de separação, como podemos observar nos exemplos a seguir:

As deliberações sociais, ainda que impliquem em alteração contratual, **poderão ser tomadas** por sócios que representam a maioria absoluta do capital social da sociedade. (Cont4)

Todas **as deliberações** sociais **serão sempre tomadas** por deliberação dos sócios que representem a maioria do Capital Social, podendo o contrato ser reformado no tocante à administração, por consenso dos quotistas. (Cont11)

Todas **as deliberações** da sociedade inclusive a orientação dos negócios, modificação do objeto social, sua extensão ou restrição, incorporação, fusão, cisão, dissolução ou transformação da sociedade em outro tipo, assim como sobre qualquer outro assunto cujo quorum de deliberação não esteja previsto no presente instrumento, **serão sempre tomadas** por deliberação de, no mínimo, metade mais um das quotas sociais, calculados em relação a totalidade do capital, dispensadas, em consequência, as assinaturas da totalidade dos quotistas. (Cont6)

Note-se que também a colocação *tomar deliberação* forma uma unidade semântica, cujo sentido é *deliberar*. Porém, do ponto de vista da integração, ela se comporta de maneira diferente das demais colocações desse tipo, permitindo a separação de seus elementos constitutivos.

Isto significa que não é possível estabelecer uma regra gramatical sobre a separabilidade dos elementos constitutivos das colocações verbais portuguesas, em função de sua configuração semântica. É importante, portanto, analisar cada caso em particular e

fornecer, assim, informação sobre a separabilidade dos integrantes de cada colocação específica. Daí a pertinência da inserção desse campo na ficha terminológica.

A estrutura sintática alemã permite separar o verbo de seu objeto, sobretudo no caso das orações subordinadas, em que o verbo – ainda que integrante de uma colocação - ocupa o último lugar na oração. Há, porém, casos de colocações em que a separação não é possível. Ocorre geralmente quando a colocação forma uma unidade semântica. É o caso da colocação *Gebrauch machen*. Vejamos a concordância:

1 er Kompetenz des Verwaltungsrats liegt (Art. 651 Abs. 4 OR: **Gebrauch machen** von genehmigtem Kapital), sowie über d
2 en, von ihren Wandlungsrechten auf Umtausch in neue Aktien **Gebrauch machen**. Die neuen Aktien nehmen von Beginn d
3 n Ermächtigung ausgegeben werden, von ihren Bezugsrechten **Gebrauch machen** (Bedingtes Kapital I). - 3 -(7) Das Grun
4 n Ermächtigung ausgegeben werden, von ihren Bezugsrechten **Gebrauch machen**. Die neuen Aktien nehmen vom Beginn
5 n Ermächtigung ausgegeben werden, von ihren Bezugsrechten **Gebrauch machen** (Bedingtes Kapital III). III. Der Vorsta
6 1. Januar 2006 begeben werden, von ihren Wandlungsrechten **Gebrauch machen**, oder ihre Pflicht zur Wandlung erfüllen.
7 -tigt wurde, von ihrem Bezugsrecht auf Aktien der Gesellschaft **Gebrauch machen**. Die neuen Aktien nehmen jeweils ab Be
8 ten Gesellschafter, dass er von seinem Mitveräußerungsrecht **Gebrauch macht**, verpflichtet, den mitveräußerung
9 und die Inhaber der Bezugsrechte von ihrem Ausübungsrecht **Gebrauch machen**. Die neuen Aktien nehmen am Gewinn t
10 ls die Berechtigten der Aktienoptionen von ihrem Bezugsrecht **Gebrauch machen**. Die aus den ausgeübten Aktienoptionen
11 sgegeben werden und die Inhaber dieser Bezugsrechte hiervon **Gebrauch machen**. § 4 Vorstand (1) Der Vorstand besteht
12 geführt, in wel-chem die Berechtigten von ihren Bezugsrechten **Gebrauch machen**. 4. Das Grundkapital ist um bis zu EUR
13 ird nur in dem Umfang durchgeführt, wie von dem Bezugsrecht **Gebrauch gemacht** wird. § 5 Aktien I. Die Gesellschaft ha
14 e ist nur insoweit durchgeführt, als von diesem Umtauschrecht **Gebrauch gemacht** wird. Der Aufsichtsrat wird ermächtigt, d
15 ratsmitglieder von ihrem Recht der schriftlichen Stimmabgabe **Gebrauch machen** können. Der Vorsitzende kann von der B
16 , wie die Inhaber von Optionsscheinen oder Wandlungsrechten **Gebrauch machen** oder wie die zur Wandlung verpflichtete
17 cheinen von ihrem Wandlungs- beziehungsweise Optionsrecht **Gebrauch machen** beziehungsweise zur Wandlung verpflich
18 gen beigelegt sind, von ihren Wandlungs-bzw. Optionsrechten **Gebrauch machen**, oder wie die b) zur Wandlung verpflich
19 werden, von ihren Wandlungsrechten auf Bezug neuer Aktien **Gebrauch machen**. Die neuen Aktien nehmen vor Beginn d

Assim, no espaço reservado às observações, faremos constar as particularidades sobre a separabilidade dos elementos de uma colocação específica, que sejam relevantes para o seu uso em contexto.

- **voz ativa/passiva ou outra estrutura verbal**

A pesquisa no *corpus* demonstrou que muitas colocações são preferencialmente utilizadas em voz passiva. Vejamos o exemplo da colocação *conferir atribuições*:

residente do Conselho de Administração. Artigo 17 - Além das **atribuições** que lhe **são conferidas** por lei e por este
9 - Compete ao Conselho de Administração, além das demais **atribuições** que lhe **são conferidas** por lei e por este Est
mpete a cada um dos Diretores sem denominação especial as **atribuições** específicas que lhe **forem conferidas** pelo

tomar parte nas reuniões de Diretoria exercer as funções e as **atribuições** que lhes **forem conferidas** pela mesma. ARTI Art. 39 - Compete ao Conselho Fiscal, sem prejuízo de outras **atribuições** que lhe **sejam conferidas** em virtude de dis fixada a sua remuneração. Art. 26. O Conselho Fiscal terá as atribuições e poderes conferidos em lei. CAPÍTULO VII membros segundo a respectiva competência. Parágrafo 3º: As atribuições e poderes conferidos por lei a cada um dos ocando e presidindo as suas reuniões; V - exercer as demais **atribuições** que lhe **forem conferidas** pelo Conselho de outro procurador ou Diretor da Sociedade. Art. 15) Além das **atribuições** normais que lhe **são conferidas** pela lei e

É também o caso da colocação *convocar assembléia, suportar prejuízos, tomar deliberação* etc.

No alemão, também há a ocorrência preferencial de voz passiva em algumas colocações, como, por exemplo, em *Beschluss fassen* (tomar deliberação), *Sitzungen einberufen* (convocar reuniões), *Einlagen leisten* (prestar cotas), dentre outras. Porém, o que se deve salientar é que o alemão dispõe de uma estrutura verbal que não temos no português, a saber, a estrutura “*infinitivo + zu*”, muito freqüente nos textos do *corpus* estudado, e que apresentou maior incidência sobretudo na estruturação de determinadas colocações, como em *Stillschweigen bewahren* (guardar sigilo), *Niederschrift anfertigen* (lavar ata), *Geschäftsbericht auflegen* (preparar o relatório social), além de outras.

Desse modo, esse campo visa a fornecer informação sobre o padrão verbal em que a colocação mais freqüentemente ocorre.

Campo 08 – Estrutura externa

Até aqui, analisamos apenas a estrutura interna das colocações, ou seja, somente as relações que o verbo (colocado) tem com o substantivo (base) da colocação, se esses dois elementos podem ser separados, se o substantivo é mais freqüente no plural ou no singular, ou se obrigatoriamente deve ser utilizado em uma dessas formas, se é precedido de um artigo ou de algum tipo de determinante, se o verbo aparece mais comumente em forma ativa ou passiva etc. ou em alguma outra estrutura verbal.

Neste campo “estrutura externa” visamos a fornecer uma visão geral da colocação no nível morfossintático e semântico, o padrão gramatical em que a colocação aparece, ou seja, a estrutura maior, dentro da qual a colocação é atualizada, bem como a fornecer informação sobre restrições de combinabilidade, ou seja, se a colocação aceita um sujeito/complemento humano/não-humano, se exige um sujeito/complemento específico de determinado campo semântico.

Em relação à complementação exigida pela colocação, iremos nos basear no conceito de valência de BUSSE & VILELA (1986), abaixo especificado.

Valência

Segundo BUSSE & VILELA (1986:13),

“Podemos facilmente verificar que determinados lexemas são relacionais: incluem no seu significado uma estrutura de relação. Comparando os lexemas *pai* e *mesa* vemos que o primeiro contém o que podemos designar por *lugar vazio*, destinado a ser preenchido por uma expressão que aponta para a pessoa de quem o pai é ‘pai’, podendo-se dizer então que ‘ser pai’ implica ‘ser-pai-de-alguém’. O mesmo não se pode dizer da palavra *mesa*, que em si mesma não implica uma estrutura relacional, isto é, não se refere a um outro termo.

(...) Chamamos *valência* ao número de lugares vazios previstos e implicados pelo (significado do) lexema. São precisamente os verbos que apresentam de modo mais evidente estruturas relacionais de tipo valencial.”

Assim, cada verbo abrirá espaço para determinados complementos. Veja-se que o sujeito é considerado como um complemento da mesma natureza que os objetos, dentro da teoria de valências. Assim, o verbo *chover*, do português, não abre espaço para sujeito, ao contrário da grande maioria dos verbos desse idioma. Já o verbo *dar* abre três espaços: o do sujeito (quem dá), o do objeto direto (o que se dá) e o do objeto indireto (a quem se dá). A gramática de valências chama esses complementos de *actantes*. Assim, o verbo *dar* abre espaços para três actantes.

Tal qual os verbos, as colocações verbais também abrem espaços vazios a serem preenchidos por determinados elementos. Visamos, nesse campo, portanto, a fornecer informação sobre a valência externa da colocação, ou seja, sobre os complementos que a acompanham dentro dos textos.

Para efeito de nossas considerações a respeito dos complementos das colocações, e para classificá-las, adotaremos a seguinte nomenclatura:

- valência tipo I: designará as colocações que não exigem a presença de complementos além do sujeito;
- valência tipo II: designará as colocações que exigem, além do sujeito, mais um complemento;
- valência tipo III: designará as colocações que exigem dois complementos, além do sujeito.⁴⁷

Temos, assim, elementos ligados à colocação que são de caráter obrigatório. São os complementos. Eles podem ser representados pelo sujeito, objetos, locuções adverbiais etc.

Vejamos, por exemplo a colocação *delegar competência*:

O diretor presidente poderá **delegar competência** aos demais diretores, bem como a empregados para a prática de atos específicos, de acordo com as conveniências de gestão. (Est8)

Notamos que a colocação *delegar competência*, além do sujeito, necessita do complemento por objeto e do complemento preposicionado. Ela abre três espaços semânticos a serem preenchidos, a saber: *quem confere competência?* (“o diretor presidente”), *a quem se delega competência?* (“aos demais diretores/a empregados”), *para que se delega competência?* (“para a prática de atos específicos”).

Nas ocorrências do *corpus* ela sempre apresentou esse tipo de valência, o que autoriza concluir que – dentro desse contexto – esses complementos são obrigatórios.

Há, também, como veremos mais à frente, outros elementos que co-ocorrem com grande frequência com a colocação, mas que não se configuram como elementos obrigatórios. Esses elementos estão relacionados ao *script* e não à valência, ou seja, são elementos

⁴⁷ Observe-se que não abordamos a questão das colocações com verbos que não pedem sujeito nem com verbos com mais de três actantes, por não haver ocorrência desse tipo de colocação em nosso *corpus*.

previstos pelo roteiro no qual a colocação está inserida. Assim, o *script* abre uma possibilidade de inserção de determinado elemento e não uma exigência.

A esses elementos não obrigatórios, mas que geralmente ocorrem com a colocação por causa da previsão do *script*, chamaremos elementos circunstanciais.

- **colocações com valência tipo I**

Nos casos de valência tipo I não é preciso haver outra complementação da colocação além do sujeito. Exemplos desse tipo podem ser fornecidos por colocações como *assumir o cargo, expedir comunicados, pedir concordata, formular pedidos, celebrar contrato, gerir negócios, presidir reuniões, produzir efeitos* etc. Isto não implica que a colocação não venha normalmente acompanhada de outros elementos circunstanciais que, dado o caráter de sua ocorrência freqüente com a colocação, também são importantes para a estrutura global em que ela se encontra. Tais elementos serão descritos no item “outros elementos de relevância”.

Do alemão, podemos citar, entre outras, as seguintes colocações com valência tipo I, *Stimme abgeben* (votar), *Vertrag abschliessen* (celebrar contrato), *Frist einhalten* (respeitar prazo), *Gewinne erzielen* (auferir lucros), *die Sitzung leiten* (conduzir a reunião) etc.

- **qualificação do sujeito: humano/não-humano**

As colocações com valência tipo I, assim como as demais, revelam a presença de sujeito. Esse sujeito pode constituir elemento humano ou não-humano. Vejamos como analisar.

Tomemos, por exemplo, as colocações formadas com o verbo *entrar*, a saber, *entrar em dissolução, entrar em vigor, entrar em funcionamento, entrar em liquidação*, vistas anteriormente, e que constituem “estruturas com verbos funcionais”. Elas não exigem complementação por objetos ou locuções adverbiais, mas necessitam apenas da presença de um sujeito: *o quê* entra em dissolução, em vigor, em funcionamento, em liquidação? É preciso preencher esse campo vazio aberto à designação do sujeito da ação.

Notamos que ao questionar sobre que elemento poderia constituir esse sujeito, formulamos a pergunta com o pronome interrogativo *que* e não *quem*, o que denota que tal sujeito será possivelmente constituído de elemento não-humano.

Contudo, será preciso proceder a uma análise caso a caso, pois na colocação *entrar em vigor* ocupa o lugar de sujeito normalmente itens como *a lei, o regulamento, a regra* etc.,

confirmando que realmente se trata de sujeito não-humano. Porém, nos casos de *entrar em dissolução, entrar em funcionamento e entrar em liquidação* temos como sujeito a *sociedade*, que é uma entidade formada de elementos humanos, uma **pessoa jurídica**, que é um sujeito humano.

Portanto, para efeito deste trabalho, consideraremos como sujeito humano não apenas aquele composto por uma figura humana propriamente dita, como o *diretor* ou o *sócio-gerente*, mas também por um órgão composto de pessoas, como *assembleia, conselho de administração, empresa* etc.

A informação sobre o sujeito é muito importante, pois, conforme veremos na análise do campo 14, ela também representa um dado relevante para a busca da equivalência.

Este item visará, portanto, à inserção de informação sobre a natureza do sujeito da colocação, se é constituído por elemento humano ou não-humano. No espaço destinado às observações, também poderá ser fornecida alguma informação mais específica sobre o sujeito, alguma particularidade ou o fato de ele pertencer a um campo semântico específico. Por exemplo, no caso da colocação alemã *Zweigniederlassungen errichten* (abrir filiais), o sujeito da colocação é constituído em 100% das ocorrências por *die Gesellschaft* (a sociedade). Constatamos, portanto, que o sujeito dessa colocação é também um elemento fixo em nossos contextos, constituindo-se sempre de um mesmo elemento lexical. O mesmo se pode afirmar em relação à colocação *den Ausschlag geben* (ser decisivo, dar o voto de minerva). Seu sujeito, nos textos pesquisados, constituiu-se em 100% do elemento *die Stimme*. Vejamos a concordância:

1 andes ernannt, so **gibt bei Stimmengleichheit seine Stimme den Ausschlag**. IV. Aufsichtsrat §10 (1) Der Aufsichtsrat besteht aus
2 **bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden des Ausschusses den Ausschlag**. 3. Von einem Aufsichtsratsausschuss besch
3 **bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden des Aufsichtsrates den Ausschlag**; das gilt auch bei Wahlen. Nimmt der Vo
4 **Bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden den Ausschlag**. Der Vorsitzende ist ermächtigt, im Namen des Aufsicht
5 **t. Bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden den Ausschlag**, wenn der Vorstand aus mehr als zwei Personen bes
6 **Bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Beiratsvorsitzenden den Ausschlag**. Die Bestimmungen in Abs.10 dieses Paragraphen
7 **t. Bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden den Ausschlag**. 4. Der Aufsichtsrat kann eine Geschäftsordnung für
8 **n. Bei Stimmengleichheit gibt die Stimme des Vorsitzenden den Ausschlag**. (5) Der Vorsitzende ist ermächtigt, im Namen des A
9 andes ernannt, so **gibt seine Stimme bei Stimmengleichheit den Ausschlag** (Dirimierungsrecht). § 9 (1) Die Gesellschaft

Na ocorrência de nº 1, o sujeito, *seine Stimme*, corresponde a *Stimme des Vorsitzenden* (voto do presidente); o mesmo ocorre com a ocorrência de nº 9. Nas demais também se trata sempre do voto do presidente, conforme constatamos da verificação dos respectivos textos.

O que a concordância também apontou é que, junto com a colocação, aparece sempre a expressão circunstancial *bei Stimmengleichheit* (em caso de empate) – que grifamos nas ocorrências acima, e que não se configura como um complemento da colocação, mas se caracteriza como um elemento de relevância, dada a sua alta frequência de co-ocorrência. O fato é que a colocação está inserida dentro de um *script* definido. Esse *script* prevê a forma de votação nas reuniões ou assembleias das empresas. Nessa previsão, é estabelecido com que tipo de maioria as votações serão decididas, se por maioria simples, se absoluta, ou ainda se a partir de determinadas porcentagens. Dentro desta previsão, é preciso abordar também a hipótese de haver empate. Nesse caso, torna-se necessário estabelecer como será decidida a votação e, por isso, é feita a definição de que o voto do presidente será o decisivo.

Observamos, assim, que as colocações estão inseridas dentro de um determinado roteiro, que pode prever outros elementos externos à colocação, além da simples presença de sujeito ou outros complementos. Tais elementos podem ser de grande relevância, pois estando estreitamente ligados ao ambiente semântico da colocação, estarão previstos em seu *script* de ocorrência ou, como no exemplo acima, co-ocorrerão efetivamente com ela em 100% das vezes. Tais informações, portanto, deverão necessariamente constar da ficha terminológica e, portanto, serão relatadas no item “outros elementos de relevância”, ainda dentro deste campo.

- **colocação com valência tipo II**

As colocações com valência tipo II exigem, além do sujeito, mais um complemento. Como exemplo, podemos citar as colocações do português: *fazer uso*, *causar prejuízos*, *conferir poderes*. Esses complementos podem ser representados por aquilo que a gramática tradicional chama de objeto direto ou indireto. Já no alemão, temos complementos como objeto em acusativo, dativo, genitivo e objetos preposicionados, como veremos mais à frente.

O complemento também pode estar relacionado somente à base da colocação, funcionando como uma espécie de adjunto adnominal. Vejamos os exemplos da colocação alemã *Pflicht erfüllen*:

1 ber 2004 auszugebenden Wandelschuldverschreibungen ihre **Pflicht zur Wandlung erfüllen**. Die neuen Aktien nehmen
2 des jeweils ausstehenden Aktienkapitals hält, und wenn die Meldepflicht gemäss Abs. 4 erfüllt wird. Der Verwaltungsrat
3 Namen und für eigene Rechnung erworben zu haben und die Meldepflicht gemäss Abs. 4 erfüllen. Personen, die im Eint
4 verpflichtete Inhaber von Wandelschuldverschreibungen ihre **Pflicht zur Wandlung erfüllen**. Die neuen Aktien der Gesell
5 den, von ihren Wandlungsrechten Gebrauch machen, oder ihre **Pflicht zur Wandlung erfüllen**. Die neuen Aktien nehmen

Notamos aqui a complementação de *Pflicht*, seja mediante a inserção da preposição mais substantivo (*zur Wandlung*), seja mediante a composição por justaposição (*Meldepflicht*). Verificamos que tal complementação liga-se somente à base da colocação, ou seja, ao substantivo que a compõe, e não ao verbo. De qualquer forma, consubstancia-se como elemento obrigatório, pois é sempre necessário definir qual dever deverá ser cumprido.

- estrutura morfossintática possível

Para utilizar uma colocação de maneira adequada é preciso conhecer – além de sua estrutura interna – conforme vimos no campo 07, e seu tipo de valência, a estrutura morfossintática possível na qual ela pode aparecer.

Para se chegar a essa estrutura será preciso refletir sobre alguns pontos, como os tipos de complementos da colocação, o fato de esses complementos⁴⁸ serem ou não configurados por elemento humano/não-humano, a necessidade de uso de preposições ou de orações subordinadas etc. Veremos, a seguir, cada um desses itens em separado.

- - tipo de complemento

Conforme dissemos, os complementos de uma colocação podem ser de várias naturezas como objetos, adjuntos adnominais ou locuções adverbiais. É preciso, portanto, haver uma análise caso a caso.

Temos, assim, que a estrutura morfossintática possível da colocação *apor assinatura* é:

apor assinatura + locução adverbial de lugar

Isto porque essa colocação vem sempre acompanhada desse tipo de complemento. Quem *apõe assinatura*, *apõe assinatura* em um contrato, em um documento, em um recibo etc.

⁴⁸ Como já abordamos o complemento valencial representado pelo sujeito, estaremos analisando aqui apenas os demais complementos.

- - qualificação do complemento: humano/não-humano

Assim como se pode analisar se o sujeito da colocação constitui elemento humano ou não-humano, também podemos proceder a essa análise em relação ao complemento.

Tomemos, por exemplo, a colocação *causar prejuízos*. Seu complemento será um objeto precedido da preposição *a*: quem *causa prejuízos*, *causa prejuízos a* alguém ou *a* alguma coisa. Assim, vemos que os *prejuízos* podem ser causados a uma pessoa ou a uma entidade não viva. Dessa forma, tal complemento pode ser composto tanto por elemento humano como por não-humano. Teríamos, portanto, a seguinte estrutura morfossintática possível:

causar prejuízos + a + alguém/alguma coisa

Já a colocação *investir no cargo*, também de valência tipo II, apresenta restrição do ponto de vista do objeto, pois somente um elemento humano poderá funcionar na posição de objeto da colocação, pois só é possível investir *alguém, uma pessoa*, em um cargo. Observe-se, contudo, que se analisarmos o verbo *investir* fora dessa colocação, constataremos que ele aceita objeto não-humano, como na expressão *investir dinheiro*. É por isso que as colocações devem ser analisadas como um todo e as relações sintático-semânticas por elas estabelecidas são pautadas pelo conjunto da expressão.

- - indicação de preposição

A indicação da preposição que eventualmente possa preceder o complemento é importante, sobretudo em relação à produção de texto, e não poderá escapar à reflexão sobre a estrutura morfossintática possível.

A colocação *tomar conhecimento* pede um complemento precedido da preposição *de*, ao passo que a colocação *deter o controle* pede a preposição *sobre*. Assim, as respectivas estruturas morfossintáticas possíveis seriam:

tomar conhecimento + de + alguma coisa

deter o controle + sobre + alguma coisa

Em relação ao idioma alemão, a informação sobre o uso de preposições é muito importante, pois assim como no caso dos verbos, muitas vezes o equivalente alemão de uma colocação portuguesa pede uma preposição diferente da intuída pelo falante não-nativo.

Temos, assim, no alemão, que a colocação *im Zusammenhang stehen* (estar em conexão) pede um complemento preposicionado por *mit*, a colocação *Abstand nehmen* (desistir, renunciar) pede a preposição *von*, a colocação *ein Reglement erlassen* (instituir um regulamento) pede a preposição *über*, a colocação *Anspruch haben* (ter direito, fazer jus) pede a preposição *auf* e assim por diante.

No caso do idioma alemão, junto à preposição será informado o tipo de complemento a ser utilizado, se em acusativo, se em dativo. Assim, para os exemplos acima teríamos as seguintes estruturas morfossintáticas possíveis:

in Zusammenhang stehen mit + dat.

Abstand nehmen von + dat.

ein Reglement erlassen über + akk.

Anspruch haben auf + akk.

- - indicação de genitivo

Conforme dissemos, um dos complementos pode ser um genitivo. Como exemplo, podemos citar a colocação *zu Lasten gehen* (ficar ao encargo de). Vejamos dois exemplos de sua ocorrência:

Die Kosten der Gründung der Gesellschaft (Gerichtsgebühren, Veröffentlichungskosten, Notarkosten, sowie ggf. Vergütung für vorbereitende Beratungstätigkeit) bis zu höchstens EUR 5.000,00 **gehen zu Lasten der Gesellschaft.** (Est20)

Die Umsatzsteuer **geht zu Lasten der Gesellschaft.** (Est5)

Observamos que o genitivo *der Gesellschaft* cumpre a função de complementar a colocação *zu Lasten gehen*. Assim, a estrutura da colocação prevê que o complemento seja especificamente um genitivo, o que deverá ser indicado na estrutura morfossintática possível.

Observando-se as ocorrências da colocação acima, notamos também que ambos os sujeitos dos exemplos configuram somas em dinheiro, *Kosten* (custos) e *Umsatzsteuer* (imposto sobre o faturamento). Assim, verificamos que – além de ser um sujeito não-humano – ele apresenta uma tendência a configurar elemento financeiro, informação esta que irá constar no espaço destinado às observações no item destinado à análise do sujeito.

- - complementação por oração subordinada

Em relação a algumas colocações, a complementação é realizada por meio de uma oração subordinada. Por exemplo, em relação à colocação portuguesa *ter por objeto*, acima mencionada, bem como suas variantes, *ter como objeto*, *ter por objetivo*, *ter por finalidade*⁴⁹. Vejamos algumas ocorrências da colocação *ter por objeto*:

ela legislação aplicável. Art. 2º - A Companhia **tem por objeto**: I. exercer o controle das sociedades (Est21)
que lhe forem aplicáveis. Art. 2º - A sociedade **tem por objeto** realizar o aproveitamento de jazidas minerais (Est28)
O OBJETO E DURAÇÃO Art. 3º. A CENTRAL **tem por objeto**: I - compensar e liquidar as operações que (Est22)

A mesma colocação poderá ter também apenas complemento de natureza nominal, como nas ocorrências abaixo:

PARTICIPAÇÕES S/A. Artigo 2º. A Sociedade **tem por objeto** a exploração de serviços de telefonia móvel celular (Est8)
nacional ou no exterior. Art. 3º - A Companhia **tem por objeto**: (i) a promoção e administração de empreendimento (Est26)
e vedações Objeto social Artigo 2.º O Banco **tem por objeto** a prática de todas as operações bancárias ativas (Est14)

⁴⁹ Notamos, por meio desse exemplo, a necessidade de variação da língua portuguesa. Essa característica é peculiar do português, conforme mencionamos no item destinado ao estudo do estilo, sendo fruto de um comportamento linguístico global dos falantes desse idioma. Para expressar o mesmo conteúdo semântico contido em *ter por objeto*, o alemão apresenta um único equivalente colocacional: *als Zweck haben*, comutável pelo equivalente unilexical *bezwecken*.

Assim, a estrutura morfossintática possível é:

ter (algo) por objeto

ter por objeto + oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo

- **colocação com valência tipo III**

Há, ainda, as colocações com valência tipo III, ou seja, aquelas que apresentam mais do que um complemento além do sujeito. No caso da colocação *dar ciência*, notamos que a semântica da colocação abre mais dois espaços, além do sujeito, para a complementação com objetos: *dar ciência de algo a alguém*.

Frisamos, portanto, a necessidade de apresentar o padrão morfossintático e semântico dentro do qual a colocação ocorre, para informar ao usuário a correta utilização da mesma, já que a simples inserção isolada da colocação em um glossário e sua respectiva forma equivalente não são suficientes para sua aplicação em contexto.

Assim, não basta saber que *converter ações*, em alemão, pode ser expresso pela colocação *Aktien umwandeln*. Para que o falante de língua portuguesa possa produzir um enunciado utilizando esta colocação de forma adequada é preciso conhecer sua relação morfossintática e semântica com outros elementos da frase e o padrão gramatical a ela aplicável. Vejamos algumas ocorrências dessa colocação no *corpus* de alemão:

Durch Statutenänderung kann die Generalversammlung jederzeit Namenaktien in Inhaberaktien oder Inhaberaktien in Namenaktien umwandeln. (Est15)

Durch Beschluss der Generalversammlung können Inhaberaktien in Namenaktien und Namenaktien in Inhaberaktien umgewandelt werden. (Est29)

Durch Beschluss der Generalversammlung können Namenaktien in Inhaberaktien umgewandelt werden. (cont12)

Note-se que a semântica do verbo *umwandeln* pede dois objetos, assim como seu equivalente português *converter*. Somente se converte *algo* em *algo*. No caso da conversão de ações, é necessário que sejam apresentados dois tipos de ações; por isso, a recorrência de *Namenaktien* e *Inhaberaktien* nas três ocorrências. Note-se, ainda, que o *script* também prevê um espaço a ser preenchido com a forma determinante da conversão. Este espaço é preenchido por *Durch Statutenänderung* (por meio de alteração do estatuto), no primeiro exemplo, e por *Durch Beschluss der Generalversammlung* (por meio de deliberação da assembleia geral), no segundo e no terceiro exemplos. Esse outro dado, também importante, será informado no item específico, designado “outros elementos de relevância”.

Note-se, ainda, que o verbo *können* aparece nas três ocorrências, apontando para um padrão gramatical recorrente ou mesmo para uma estrutura gramatical fixa, associada ao uso dessa colocação. Dados desse tipo também constarão no item reservado aos “outros elementos de relevância”.

A informação sobre a valência da colocação e sua estrutura morfossintática é de grande importância, pois é o dado que fará com que o produtor do texto saiba como utilizar a colocação na oração produzida, ligando-a aos seus complementos mediante o uso do padrão gramatical a ela aplicável.

- **outros elementos de relevância**

Conforme vimos acima, muitas vezes no roteiro onde a colocação verbal está inserida há ainda a previsão de outros espaços a serem preenchidos com elementos não configurados pelos complementos obrigatórios relacionados à valência. São os elementos circunstanciais previstos pelo *script*. No exemplo acima da colocação *Aktien umwandeln* (converter ações), um espaço que se abre é o referente ao instrumento por meio do qual será feita a conversão. Embora não obrigatória a inserção dessa informação, ela geralmente se encontra presente nas ocorrências da colocação e, por isso, deve ser considerada como um elemento importante.

Assim, esse item do campo 08 foi idealizado para conter informação sobre esses elementos circunstanciais, que co-ocorrem com grande frequência com uma determinada colocação, sendo, portanto, de grande relevância para sua produção.

Para exemplificar, tomamos o exemplo da colocação *Versammlung (Hauptversammlung, Generalversammlung) einberufen* (convocar assembleia). Vejamos alguns exemplos de suas ocorrências no *corpus*:

Die Generalversammlung wird durch Brief an die Aktionäre und Nutzniesser einberufen und zwar mindestens 20 Tage vor dem Versammlungstag. (Est15)

Die Hauptversammlung ist mindestens einen Monat vor dem Werktag, bis zu dessen Ablauf die Aktien nach § 19 zu hinterlegen sind, einberufen. (Est21)

Die Generalversammlung wird vom Vorstand mindestens 20 Tage im voraus einberufen. (Est12)

Die Hauptversammlungen werden durch den Vorstand mit einer Frist von einem Monat einberufen, wobei der Tag der Absendung des Einberufungsschreibens und der Versammlungstag nicht mitgerechnet werden. (Est3)

Die Generalversammlung ist unter Bekanntgabe von Ort, Zeit, Verhandlungsgegenständen und allfälligen Anträgen auf Aenderung der Statuten mindestens zehn Tage vor dem Versammlungstage durch eingeschriebenen Brief einberufen. (Est31)

Die Hauptversammlung wird durch den Vorstand durch Veröffentlichung im Bundesanzeiger oder mittels eingeschriebenen Briefes einberufen. (Est4)

Die Hauptversammlung wird durch den Vorstand mittels eingeschriebenen Briefes einberufen. (Est8)

Verificamos que em quase todas as ocorrências há uma previsão da antecedência com a qual deve ser convocada a assembléia (sublinhados duplos), bem como do meio através do qual a convocação será realizada (sublinhados simples).

Um outro exemplo pode ser fornecido pela colocação *die Frist abkürzen* (diminuir o prazo). Vejamos suas ocorrências:

In dringenden Fällen kann der Vorsitzende die Einberufungsfrist bis auf drei Kalendertage abkürzen. (Est21)

In dringenden Fällen kann er (der Aufsichtsrat) die Frist bis auf drei Tage abkürzen. (Est 23)

In dringenden Fällen kann der Vorsitzende die Frist abkürzen und die Sitzung mündlich, fernmündlich, per Telefax oder per e-mail einberufen. (Est5)

Em suas três ocorrências no *corpus*, a colocação veio acompanhada da expressão *in dringenden Fällen* (em casos de urgência), acima grifada.

Pode também acontecer de a colocação vir dentro de uma estrutura morfossintática fixa, que prevê a presença de um determinado elemento, como por exemplo, de um verbo modal. No exemplo, mostrado anteriormente, da colocação *Aktien umwandeln*, notamos a presença do verbo modal *können* em todas as ocorrências da colocação. Essa estrutura recorrente, que configura um elemento de grande importância do ponto de vista da produção textual, deverá ser mencionada neste item.

Notamos, portanto, que a presença de outros complementos não representados pelo sujeito, objetos ou outros complementos obrigatórios pode significar um dado importante sobre a configuração textual dentro da qual a colocação está inserida, devendo, assim, constar em sua ficha terminológica.

Síntese: Retomando, agora, tudo o que foi dito sobre a estrutura externa em que a colocação pode aparecer, ressaltamos que esse campo visará a fornecer informação sobre os

elementos relacionais ligados à colocação, a saber, o sujeito e os demais complementos relacionados à valência da colocação, bem como os elementos circunstanciais, previstos pelo *script* em que ela se encontra. Averiguaremos se o sujeito e os complementos da colocação configuram elementos humanos ou não-humanos, bem como se apresentam tendência a serem constituídos por elementos de algum campo semântico específico. No campo das observações, inseriremos informação sobre as eventuais restrições de combinabilidade da colocação em relação ao sujeito e complementos ou demais particularidades a eles referentes.

Também será informado se as colocações são acompanhadas de preposição e se são complementadas por oração subordinada ou genitivos.

A indicação da preposição que acompanha determinada colocação é essencial para o falante não-nativo, já que o uso de preposições é convencional e difere de um idioma para outro. Além disso, a ocorrência de determinadas preposições em alemão requer o uso de certos casos de declinação, como o acusativo ou o dativo, de forma que será preciso inserir, para as colocações em alemão, a preposição e o respectivo caso de declinação a serem aplicados a ela.

Para ilustrar a questão, podemos citar os exemplos das colocações *Bericht erstatten*, *Anspruch haben* e *Gebrauch machen*. Nas respectivas fichas terminológicas é preciso constar que *Bericht erstatten* pede a preposição *über* mais um acusativo, que a colocação *Anspruch haben* pede a preposição *auf* seguida de um acusativo, que *Gebrauch machen* é acompanhado da preposição *von* mais um dativo.

Se o caráter da fixidez não estiver restrito apenas à combinação dos elementos internos da colocação, ou seja, não estiver limitado à ligação do colocado com a base que compõe a colocação, mas se estender a uma estrutura maior e recorrente, esse dado também constará da ficha terminológica, no item destinado ao registro dos “outros elementos de relevância”. Ele conterà, ainda, informação sobre algum item recorrente previsto no roteiro (*script*) de utilização da colocação, mas que não representa um complemento propriamente dito.

Campo 09 – Sinônimos

O campo 09 é consagrado às formas sinonímicas. Se a colocação apresentar formas sinonímicas, estas serão registradas nesse campo.

Antes, porém, gostaríamos de tecer algumas observações sobre a questão da sinonímia.

- **Sinonímia**

A questão da sinonímia é bastante complexa e para fazer sua abordagem de maneira profunda seria necessária uma tese inteira. Buscaremos, para efeito desse trabalho, a maior concisão possível quanto à abordagem do seu conceito.

Segundo o dicionário de GREIMAS (1979),

“Entende-se geralmente por sinonímia a relação de identidade que duas ou mais grandezas do plano do conteúdo seriam suscetíveis de contrair entre si”.

DUBOIS (1973) diz, em seu dicionário de lingüística, que

“dois termos são ditos sinônimos quando são intercambiáveis em todos os contextos”.

É o que afirma também LYONS (1979:476):

“Só se podem considerar como sinônimas as palavras que se podem substituir em qualquer contexto sem a mais leve mudança ou no sentido cognitivo ou no afetivo”.

Segundo GECKELER (1984:45),

“a grande maioria dos lingüistas está de acordo em que não existem palavras com o mesmo significado no sistema da língua”.

Os teóricos da semântica falam em sinonímia absoluta e incompleta e em quase-sinônimos.

Para este trabalho, interessa-nos averiguar se, dentro dos contextos analisados, existe a presença de colocações de sentido semelhante que, eventualmente, possam ser intercambiáveis.

Dessa forma, utilizaremos o conceito de sinônimo para designar a semelhança de sentido que uma colocação apresente com outra e a possibilidade de usarmos uma pela outra. Já que os contextos são sempre os mesmos, ou, pelo menos, muito parecidos, visto que estamos trabalhando dentro de um universo lingüístico constituído pelo mesmo tipo de documento, o fato de as colocações serem intercambiáveis implica necessariamente serem intercambiáveis dentro do mesmo tipo de contexto.

A configuração de semelhança de sentido de duas colocações distintas é um dado apreensível em contexto. Serão, portanto, analisados os contextos de ocorrência das colocações, para verificar se existe realmente coincidência de sentidos.

Vejamos, a título de ilustração, dois exemplos de contextos extraídos do item consagrado ao objeto social da empresa em dois contratos sociais diferentes do *corpus* em alemão:

(1) Die Gesellschaft kann sämtliche **Geschäfte tätigen**, welche sie zur Erreichung des Gesellschaftszwecks förderlich oder erleichternd erachtet. (Est29)

(2) Die Gesellschaft kann alle **Handlungen vornehmen**, die mittelbaren oder unmittelbaren Bezug auf ihren Geschäftszweck haben oder für dessen Verwirklichung nützlich sind. (Est30)

O contexto demonstra que as colocações são utilizadas para o mesmo sentido, geralmente formalizado em português pela colocação *praticar atos*.

Temos, assim, as respectivas traduções:

(1) A Sociedade poderá **praticar** todos os **atos** que julgar úteis ou aptos a facilitar o alcance do objeto social.

(2) A Sociedade poderá **praticar** todos os **atos** que, direta ou indiretamente, tenham relação com seu objeto social ou que sejam úteis para sua consecução.

Notamos, também, que a sinonímia, nesse caso, está relacionada ao sentido global da colocação, e não limitada apenas a um de seus elementos, como a base ou o colocado, pois comparando os exemplos (1) e (2), verificamos que tanto a base se modifica (*Handlungen, Geschäfte*) quanto o colocado (*tätigen, vornehmen*), embora o sentido global seja preservado.

Já no português, devido à já mencionada característica dos falantes desse idioma de não repetir as palavras, temos várias colocações em que apenas o colocado, ou seja, o verbo, se modifica. Não obstante, o sentido da colocação é o mesmo, como no caso da colocação *abrir filiais* e suas variações construídas a partir de outros verbos, como *criar filiais, estabelecer filiais* e *instalar filiais*. Também pode ser que o colocado seja mantido, mas a base alterada para um sinônimo, como no caso de *causar danos* e *causar prejuízos*⁵⁰.

Constatamos que, muitas vezes, o fato de determinados verbos ou substantivos serem considerados sinônimos fora da colocação, como no caso do verbo *estabelecer* e *fixar*, permite deduzir que – inseridos em uma colocação – eles talvez permaneçam comutáveis. Tivemos, assim, no caso do verbo *estabelecer* as ocorrências:

- (1) estabelecer critérios
- (2) estabelecer diretrizes
- (3) estabelecer normas
- (4) estabelecer limites
- (5) estabelecer condições
- (6) estabelecer honorários
- (7) estabelecer filiais

Afora o exemplo (7), todos os demais exemplos apresentaram ocorrência também com o verbo *fixar*. O fato, porém, de que nos exemplos de (1) a (6) ambos os verbos fossem comutáveis, não permitiu aplicar a mesma possibilidade de comutação no exemplo (7). Portanto, cada colocação deve ser analisada de forma isolada e nenhuma regra semântica definitiva pode ser extraída do conjunto das ocorrências.

⁵⁰ Frise-se que embora menos freqüente, a alteração de apenas um dos componentes da colocação também ocorre no idioma alemão. É o caso da colocação equivalente a *tomar medidas*, construída tanto com o verbo *treffen*, em *Massnahmen treffen*, como com *ergreifen*, *Massnahmen ergreifen*.

Também não é possível estabelecer regras de tradução para os elementos da colocação em separado. Isto porque, conforme já mencionamos no exemplo de *emitir ações* e *emitir parecer*, o fato de termos, em português, um mesmo verbo configurando-se como o colocado das duas colocações, não permite deduzir que, em alemão, ambas as colocações também seriam construídas com o mesmo verbo. O mesmo ocorre na direção contrária. Assim, ainda que tenhamos, em alemão, duas colocações que se utilizem do mesmo verbo, como *Stimme abgeben* e *Erklärungen abgeben*, temos traduções diferentes para ambos, a saber, *emitir o voto* e *prestar declarações*.

Dessa forma, para analisar a questão do sentido e as relações de sinonímia presentes nas colocações, será preciso observar cada caso em particular, já que a configuração de sentido está em relação direta com a colocação específica.

No caso de haver forma sinonímica para uma colocação, é preciso registrar se a mesma exprime alguma nuance de sentido, se se enquadra no mesmo registro de língua, se representa uma variante específica de alguma empresa etc.

HEID & FREIBOTT (1991:79) mencionam que as colocações têm um caráter convencional no interior de uma comunidade lingüística, que se manifesta inclusive nas microcomunidades lingüísticas como as empresas, os grupos profissionais etc. Segundo os autores, as colocações podem também variar de acordo com o grupo, o registro etc.

Por isso, também há, neste campo da ficha terminológica, um espaço para a inserção das observações pertinentes.

Nossa pesquisa também detectou que há ocorrência de antonímia entre as colocações. Temos, assim, *abrir filiais* e *fechar filiais*, *celebrar contrato* e *rescindir contrato*. Optamos, contudo, por não registrar a forma antonímica das colocações, pois não julgamos relevante ao futuro usuário esse tipo de informação. Constatando-se a presença de uma colocação (ainda que antonímica a alguma já registrada), será aberta para ela também uma ficha terminológica, onde constarão seus dados morfossintáticos e semânticos.

Campo 10 – Atualidade da colocação

Conforme mencionamos no item 2.8.3 (Fatores envolvidos na busca de equivalências), a informação sobre a atualidade da colocação é importante e deverá constar na ficha terminológica, ainda que de forma simplificada. Iremos registrar nesse campo se a forma é atual, se está caindo em desuso ou se já é obsoleta.

Campo 11 – Frequência

Nesse campo registraremos o número de ocorrências da colocação em nosso *corpus* de pesquisa.

Campo 12 - Forma nominalizada (LP)

Este campo foi especialmente idealizado tendo-se em vista as diferenças estruturais dos idiomas alemão e português. Conforme dito anteriormente (item 2.4.2), o alemão apresenta as formas compostas de substantivos, os *Komposita*, que muitas vezes representam a forma nominalizada de colocações verbais. Ocorre, porém, que em relação a algumas colocações a forma nominalizada é estruturada a partir de uma construção com genitivo e não de um *Kompositum*, o que desorienta o falante de português no momento de elaborar uma nominalização em alemão. Vejamos um exemplo:

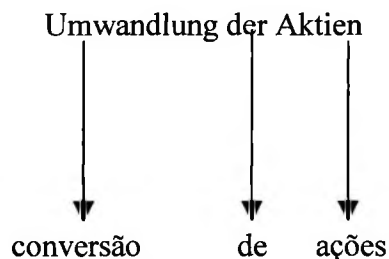
	Alemão	Português
Colocação	<i>Das Kapital erhöhen</i>	Aumentar o capital
Forma nominalizada	<i>Die Kapitalerhöhung</i>	O aumento de capital

	Alemão	Português
Colocação	<i>Aktien umwandeln</i>	Converter ações
Forma nominalizada	<i>Die Umwandlung der Aktien</i>	A conversão de ações

Percebe-se que, no primeiro exemplo, a tradução da forma nominalizada (*Kompositum*) para o português ocorre de forma cruzada:



Já no segundo exemplo, a tradução se dá de forma direta:



Julgamos, portanto, importante a inserção desse campo na ficha terminológica, a fim de auxiliar o produtor de texto a encontrar a forma nominalizada correta das colocações verbais, caso existam.

É preciso registrar também que nossa pesquisa constatou a ocorrência de muitas formas nominalizadas em relação às quais não foram localizadas as respectivas colocações verbais. Assim, foram verificadas expressões como *abertura de capital*, *adoção de providências*, *captação de recursos*, *outorga de poderes*, *prestação de caução*, *realização do capital*. No alemão, encontramos formas como *die Verletzung einer Pflicht*, *die Erhebung einer Ausschliessungsklage*, *die Verwendung des Gewinns* dentre outras.

Se nos deixarmos guiar apenas pela intuição, poderíamos deduzir que existe a colocação verbal correspondente a cada uma dessas expressões. Teríamos, portanto, para o português, as seguintes colocações: *abrir o capital*, *adotar providências*, *captar recursos*, *outorgar poderes*, *prestar caução*, *realizar o capital*. No alemão, teríamos: *eine Pflicht verletzen* e *eine Ausschliessungsklage erheben*, *Gewinn verwenden*. Ocorre, porém, que como essas formas não foram encontradas em nosso *corpus*, será preciso averiguar se elas efetivamente são utilizadas, afinal nem todas as potencialidades previstas no sistema da língua são de fato realizadas na fala concreta.

Portanto, a verificação da existência de colocações verbais intuídas a partir de formas nominalizadas requererá a extrapolação de nosso *corpus* de pesquisa, já que as ditas formas, ainda que não tenham se manifestado nos textos por nós compilado, podem efetivamente existir, mesmo que seu uso não seja freqüente.

Tencionamos, num primeiro momento, registrar a colocação verbal intuída em uma ficha terminológica, assinalando que a mesma é intuída e não autêntica e transcrevendo os contextos de ocorrência da forma nominalizada. Num segundo momento, procederemos à pesquisa para a verificação de sua existência, recorrendo a *corpora* de textos jurídicos e econômicos disponíveis na Internet.

Campo 13 – Língua de chegada (LC)

Este campo destina-se ao registro da língua de chegada, ou seja, a língua para a qual é oferecido um equivalente da colocação.

Campo 14 – Equivalente (LC)

Este campo destina-se à inserção da forma equivalente da colocação na língua de chegada. Quando possível, será oferecida uma forma que também seja uma colocação. Quando não, será registrada a forma que possa funcionar, no contexto, de maneira a resgatar o sentido codificado pela colocação.

Assim, nem sempre haverá a “equivalência semântica total”, no sentido de KJAER (1992), mas poderá ser feita uma adaptação ou paráfrase na busca de resgate do sentido original.

Pode ser, também, que haja equivalência semântica, mas não haja equivalência morfosintática, ou seja, o sentido seja o mesmo, mas não haja uma correspondência gramatical idêntica, como no caso da colocação *ganhara importância*, cujo equivalente alemão recebe a preposição *an* (*an Bedeutung gewinnen*); ou, ainda, que o equivalente na língua de chegada que não contenha os mesmos itens lexicais da língua de partida, como na colocação *Stimme abgeben*, cujo equivalente poderia ser apenas *votar*. Para procurar manter a correspondência formal, poderíamos também oferecer o equivalente *emitir o voto*, o que – porém – não é muito usual no português, contrariamente à expressão alemã.

Se a forma oferecida como equivalente não pertencer ao mesmo registro de linguagem, se tiver alguma restrição semântico-sintática de combinabilidade ou alguma particularidade específica, essas informações deverão constar no espaço destinado às observações.

Para ilustrar essa questão, citamos o exemplo da colocação *fazer jus*. Não localizamos para ela uma colocação equivalente no alemão e, baseados no sentido que ela apresenta dentro de alguns contextos, oferecemos a ela o equivalente alemão *auf etwas Recht haben*.

Esta expressão funcionará como equivalente na tradução de contextos como os abaixo:

Os administradores somente **farão jus** a esta gratificação sobre os lucros de exercício social em relação ao qual for

atribuída aos acionistas o dividendo obrigatório de que trata o Art. 35 deste estatuto. (Est25)

O Presidente e os Diretores **farão jus**, anualmente, a 30 (trinta) dias de licença remunerada, a ser fixada pela Diretoria. (Est13)

O suplente em exercício **fará jus** à remuneração do efetivo, no período em que ocorrer a substituição, contada mês a mês. (Est21)

Note-se que, nesses contextos, o sujeito da colocação é sempre configurado por elemento humano.

Quando, porém, essa colocação não for acompanhada de sujeito humano, não será possível utilizar como equivalente a expressão *auf etwas Recht haben*, já que a mesma só se combina com sujeito humano.

Dessa forma, os contextos abaixo não aceitam a expressão alemã acima como equivalente da colocação *fazer jus*:

As ações preferenciais adquirirão o direito a voto se a Companhia, por um prazo de 3 (três) anos consecutivos, deixar de pagar os dividendos mínimos a que **fazem jus**, nos termos do "caput" deste artigo. (Est9)

As ações preferenciais adquirirão o direito a voto se a Companhia, por prazo de 3 (três) anos consecutivos, deixar de pagar os dividendos mínimos a que **fazem jus** nos termos do *caput* deste artigo. (Est21)

O exercício pleno do direito de voto previsto no "caput" deste artigo prevalecerá até o pagamento dos dividendos a que **fizerem jus** as ações preferenciais, se esses não forem cumulativos, ou até que sejam pagos os dividendos cumulativos em atraso. (Est14)

Será, portanto, necessário oferecer um segundo equivalente para essa colocação, que possa ser aplicado nos contextos em que a colocação tenha como sujeito elemento não humano. Será, também, necessário informar ao usuário as restrições sintático-semânticas de combinabilidade do equivalente, o que deverá ser feito no espaço para observações contido nesse campo da ficha terminológica.

Se o equivalente configurar uma colocação que também se encontra no glossário, isto será indicado mediante o uso de um símbolo, para que o usuário saiba que poderá encontrar também o verbete daquela colocação.

Evidentemente, o ideal será que o equivalente seja localizado dentro do *corpus* da língua de chegada. Todavia, como nem sempre isto será possível, dada a peculiaridade de cada idioma (o que fará com que o equivalente não represente também uma colocação) e dadas as diferenças culturais que condicionam procedimentos comerciais diversos de um idioma para outro (o que acarretará o fato de simplesmente não haver um equivalente na língua de chegada), o fato de termos compilado *corpora* com o mesmo tipo de documento não implica que encontraremos equivalente para todas as colocações.

Dessa forma, muitas vezes se fará necessário extrapolar o *corpus* e recorrer a outros textos jurídicos, disponíveis na Internet, para a busca da equivalência, ou então fornecer uma opção de tradução ou paráfrase para a colocação. Caso isto ocorra, será devidamente informado no campo do equivalente e do contexto de ocorrência.

Assim como a atualidade e a freqüência da colocação serão anotadas no campo específico, se o equivalente não corresponder ao mesmo nível de atualidade ou se seu uso não for tão freqüente, isto deverá ser registrado nas observações.

Campos 15 e 17 – Contexto 1 (LC) e Contexto 2 (LC)

Nesses campos serão inseridos os contextos de ocorrência da colocação registrada como equivalente na língua de chegada.

Conforme afirmamos, o contexto pode fornecer dados que não podem ser explicitados ou detalhados em uma ficha terminológica, mas que podem ser úteis para a pesquisa.

Como afirmamos acima, se o equivalente não constar do *corpus*, mas tiver sido buscado em outra fonte, isto será registrado nesse campo.

Se, porém, mesmo extrapolando o *corpus*, não tiver sido encontrada forma equivalente da colocação e tivermos oferecido uma opção de tradução ou paráfrase, o contexto a ser inserido será fictício, ou seja, iremos criar um exemplo de contexto, apenas para que o usuário possa observar o funcionamento da colocação em contexto. Esse fato, porém, será assinalado e devidamente informado.

Campos 16 e 18 – Fonte 1(LC) e Fonte 2(LC)

Nesses campos serão inseridas as fontes, ou seja, a indicação dos textos dos quais foram extraídos os contextos registrados nos campos 15 e 17. Dessa forma, visa-se a possibilitar a consulta a contexto maior, caso necessário, no momento de confeccionar o verbete.

Campo 19 – Data de preenchimento da ficha

Nesse campo ficará registrada a data de preenchimento da ficha, para que se tenha controle sobre a atualidade das informações nela contidas.

Exemplos de ficha preenchida

- **Língua de partida: alemão**

01 - Língua de partida (LP) Alemão	02 - Colocação (LP) Beschluss fassen
03 – Contexto 1 (LP) Beschlüsse des Aufsichtsrates werden in der Regel in Sitzungen gefasst.	04 – Fonte 1 (LP) Est25
05 – Contexto 2 (LP) Der Vorstand fasst seine Beschlüsse mit einfacher Mehrheit der abgegebenen Stimmen.	06 – Fonte 2 (LP) Est6
07 – Estrutura interna: Base: (x) base no singular (x) base no plural Obs.: Uso de determinante:	

<p> <input type="checkbox"/> obrigatório <input checked="" type="checkbox"/> facultativo <input type="checkbox"/> impossível Quais: die/seine/ihre/keine Obs.: Nas ocorrências com o substantivo no plural foram registrados os determinantes “seine”, “ihre”, “die”, “keine”. Nas ocorrências com o substantivo no singular foi registrada também a ausência de determinante. </p> <p> É possível a separação dos elementos constitutivos? <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Obs.: A colocação respeita as regras normais da gramática do alemão e, portanto, seus elementos constitutivos são separáveis de acordo com a posição do verbo na oração. </p> <p> Forma verbal: <input checked="" type="checkbox"/> voz ativa <input checked="" type="checkbox"/> voz passiva <input type="checkbox"/> outra estrutura Obs.: </p>	
<p> 08 – Estrutura externa: </p> <p> <input checked="" type="checkbox"/> colocação com valência tipo I <input checked="" type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano </p> <p> Obs: Quando a colocação está inserida em uma construção com voz ativa, o sujeito é constituído de entidade formada por seres humanos, como “Vorstand”, “Aufsichtsrat”, “Verwaltungsrat”. Quando está inserida em construção com voz passiva, o sujeito é a própria base da colocação. </p> <p> <input type="checkbox"/> colocação com valência tipo II <input type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano estrutura morfossintática possível: </p> <p> Obs.: </p> <p> <input type="checkbox"/> colocação com valência tipo III <input type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano estrutura morfossintática possível: </p> <p> Obs.: </p> <p> outros elementos de relevância: A estrutura em que a colocação está inserida geralmente inclui uma expressão que determina a forma como as “deliberações serão tomadas”, exemplos: “mit einfacher Mehrheit der abgegebenen Stimmen” “mit einer Mehrheit von x Stimmen” “mit einfacher Stimmenmehrheit” </p>	
<p> 09 – Sinônimos beschliessen Obs.: Em alguns contextos de ocorrência com voz ativa é possível substituir a colocação pelo verbo </p>	

“beschliessen”.	
10 – Atualidade da colocação: (x) atual () em desuso () obsoleta	11 – Frequência: Nº de ocorrências no <i>corpus</i> : 19
12 – Forma nominalizada (LP) die Beschlussfassung	
13 – Língua de chegada (LC) Português	14 – Equivalente (LC) tomar deliberação* Obs.: O verbo “deliberar” tem maior frequência no <i>corpus</i> de português do que a colocação “tomar deliberação”.
15 – Contexto 1 (LC) As deliberações serão tomadas por maioria de votos dos presentes.	16 – Fonte 1 (LC) Est24
17 – Contexto 2 (LC) É vedado aos administradores intervirem em qualquer operação em que tiverem interesse conflitante com o da CENTRAL, bem como na deliberação que a respeito tomarem os demais administradores, cumprindo aos administradores impedidos dar ciência aos demais de seu impedimento e fazer consignar em ata do Conselho de Administração ou da Diretoria.	18 – Fonte 2 (LC) Est22
19 – Data de preenchimento da ficha 30/05/2003	

- **Língua de partida: português**

01 - Língua de partida (LP) Português	02 - Colocação (LP) emitir ações
03 – Contexto 1 (LP) Todas as ações da Companhia serão emitidas como ações nominativas.	04 – Fonte 1 (LP) Est2
05 – Contexto 2 (LP) A sociedade, mediante deliberação do Conselho de Administração, independentemente de reforma estatutária, está autorizada a aumentar o capital social até o limite referido no “caput” deste artigo, emitindo as ações correspondentes a cada espécie, respeitada a proporção das ações existentes.	06 – Fonte 2 (LP)
07 – Estrutura interna: Base: () base no singular (x) base no plural Obs.: Uso de determinante: () obrigatório (x) facultativo () impossível Quais: as Obs.: No <i>corpus</i> de pesquisa, a colocação ocorreu somente no plural, sendo que o artigo definido plural “as” acompanhou todas as ocorrências. Ainda assim, a partir da pesquisa em textos jurídico-comerciais da Internet, localizamos várias ocorrências da colocação sem o uso de determinante, na forma:	

<p>“emitir ações”.</p> <p>É possível a separação dos elementos constitutivos? <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Obs.:</p> <p>Forma verbal: <input checked="" type="checkbox"/> voz ativa <input checked="" type="checkbox"/> voz passiva <input type="checkbox"/> outra estrutura Obs.:</p>	
<p>08 – Estrutura externa:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> colocação com valência tipo I <input checked="" type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano Obs: Nos casos de ocorrência com voz ativa, o sujeito que mais co-ocorreu com esta colocação foi “a sociedade”.</p> <p><input type="checkbox"/> colocação com valência tipo II <input type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano estrutura morfossintática possível:</p> <p>Obs.:</p> <p><input type="checkbox"/> colocação com valência tipo III <input type="checkbox"/> sujeito humano <input type="checkbox"/> sujeito não-humano estrutura morfossintática possível:</p> <p>Obs.:</p> <p>outros elementos de relevância:</p>	
<p>09 – Sinônimos Obs.:</p>	
<p>10 – Atualidade da colocação: <input checked="" type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> em desuso <input type="checkbox"/> obsoleta</p>	<p>11 – Frequência: Nº de ocorrências no <i>corpus</i>: 8</p>
<p>12 – Forma nominalizada (LP) A emissão de ações</p>	
<p>13 – Língua de chegada (LC) Alemão</p>	<p>14 – Equivalente (LC) Aktien ausgeben* Obs.:</p>
<p>15 – Contexto 1 (LC) Sind Aktien (Zwischenscheine) nicht ausgegeben, so ist bei der Einladung zur Hauptversammlung bekanntzugeben, unter welchen Voraussetzungen die Aktionäre zur Teilnahme an der Hauptversammlung zugelassen werden.</p>	<p>16 – Fonte 1 (LC) Est28</p>
<p>17 – Contexto 2 (LC) Der Vorstand ist schliesslich ermächtigt, mit Zustimmung des Aufsichtsrats über den Ausschluss des Bezugsrechts der Aktionäre ein- oder mehrmalig für einen Betrag von insgesamt bis zu Euro 705.000,00 zu entscheiden, wenn die neuen Aktien gegen Sacheinlage ausgegeben werden.</p>	<p>18 – Fonte 2 (LC) Est5</p>
<p>19 – Data de preenchimento da ficha 24.03.2003</p>	

* O asterisco indica que também há ficha terminológica para a colocação assinalada.

6 Contexto, colocações e recorte de sentido específico. O problema dos dicionários

As obras lexicográficas procuram compilar os vocábulos e os sentidos potenciais que podem apresentar. Os vocábulos, por sua vez, apresentam características semânticas muito diversas. Alguns tendem à monossêmia ou evocam poucos sentidos diferentes; é o caso de verbos como *singrar*, *espreguiçar*, *zarpar*, *chicotear*, *pestanejar*. Já outros evocam múltiplos sentidos, como o substantivo *manga*, que pode significar uma fruta, uma parte da roupa onde se enfiam os braços ou representar a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *mangar*.

Há, ainda, vocábulos, que podem até possuir isoladamente um sentido pleno, mas que se revelam semanticamente fracos quando estão ligados a outros. Isto é muito comum sobretudo em relação a alguns verbos. Há autores que os chamam de verbos deslexicalizados, bem como de semanticamente fracos. Temos, por exemplo, conforme já vimos, o verbo *tomar*, que pode admitir múltiplas acepções, em função da colocação que formar (*tomar café*, *tomar o ônibus*, *tomar banho*, *tomar providências*, *tomar as medidas judiciais cabíveis*, *tomar conhecimento/ciência...*).

O fato é que, exceto em relação aos vocábulos que tendem à monossêmia, em quaisquer dos demais casos, a especificação de sentido será fornecida pelo contexto. É o contexto que irá descartar as outras possibilidades de sentido, previstas no sistema da língua para aquele vocábulo.

É bem verdade também que por mais dependentes de contexto que sejam as relações de sentido de um certo vocábulo (LYONS, 1979:476), temos uma tendência natural a atribuir um sentido primordial ou básico aos vocábulos, geralmente o sentido mais usual que ele apresenta. O problema é que este procedimento natural pode nos levar a cometer erros na tradução. Vejamos um exemplo concreto a partir da análise de um verbo.

O verbo *abrir*, em português, evoca de antemão a idéia de algo fechado que será aberto/descerrado: pode ser uma porta, uma janela, uma caixa, um pacote etc. Este verbo, porém, adquire outra significação, na colocação *abrir uma filial*. Ele pode até guardar uma certa semelhança com o sentido de *abertura*, *começo*, *início*, mas concretamente representa o ato de se *montar* uma empresa.

O complicador é: se nos ocorrer de pronto o primeiro sentido mencionado e não nos dermos conta de que a expressão *abrir uma filial* é peculiar a nosso idioma, tenderemos a

traduzir para o alemão o verbo *abrir* de forma literal, obtendo a expressão *eine Zweigniederlassung/Tochtergesellschaft öffnen*, o que não corresponde à colocação alemã, que é *eine Zweigniederlassung/Tochtergesellschaft errichten*⁵¹.

É claro que também os substantivos são polissêmicos e podem admitir significações variadas, mas se estivermos circunscritos a um determinado âmbito técnico e possuímos dicionários bilíngües específicos desse âmbito, a probabilidade de encontrarmos o equivalente de um substantivo será muito maior do que a de localizarmos o de um verbo, sobretudo se for muito polissêmico ou semanticamente fraco. No caso da expressão acima, encontramos no Dicionário Michaelis de Direito e Economia (alemão-português, português/alemão) o equivalente do termo *filial*, mas para o verbo *abrir* encontramos apenas *eröffnen* e *öffnen*. No verbete desse verbo há, ainda, o registro de algumas colocações como *abrir exceção (die Ausnahme machen*⁵²), *abrir mão de alguma coisa (sich einer Sache begeben)* etc., mas não consta *abrir uma filial*.

Retomando HAUSMANN (1985) e sua teoria sobre *base* e *colocado*, reforçamos que, na tradução, encontramos com certa facilidade o equivalente à *base*, principalmente se estivermos restritos a um determinado domínio específico; o problema maior repousa sempre no *colocado*.

A atualização de um verbo dentro de uma colocação específica, no caso, na associação com um substantivo, já forma um pequeno contexto. Se o âmbito em questão estiver de antemão circunscrito a uma área determinada, esta concretização no nível sintagmático, ainda que simples, excluirá as outras acepções que o verbo em questão possa apresentar, limitando-o a uma significação mais precisa e viabilizando a busca pela equivalência respectiva.

Em relação às colocações, é preciso ressaltar que nem sempre a simples verificação no dicionário do sentido isolado de cada componente permite deduzir seu sentido global, ainda que as colocações não sejam consideradas expressões idiomáticas, ou seja, de sentido opaco.

Assim, se verificarmos isoladamente o sentido dos elementos integrantes da colocação *guardar proporção*, temos que o sentido primordial de *guardar* não pode ser aqui entendido,

⁵¹ Aqui, faz-se necessário salientar que localizamos a colocação construída com o derivado de *öffnen*, *eröffnen*, em textos provenientes da mídia (jornais, revistas e informativos), porém, as colocações encontradas nos contratos sociais e estatutos são em 100% constituídas pelo verbo *errichten*.

⁵² Ressalte-se que segundo consulta a falantes nativos de alemão, bem como mediante busca por meio da Internet, tomamos conhecimento de que o melhor equivalente de “abrir exceção” seria formado com o artigo indeterminado, *eine*, resultando na colocação *eine Ausnahme machen*, e não com o artigo definido, *die*, conforme consta no dicionário.

já que não procederemos à *guarda* de alguma coisa, mas sim à manutenção, ao cumprimento ou observância de uma proporção. Notamos, pois, que na ligação com a base, *proporção*, o colocado, *guardar*, adquire um sentido próprio, específico dessa combinação. Por isso, nesse caso, o que importa é seu sentido dentro da colocação. O mesmo se diga em relação à colocação *entrar em vigor*. Nem o verbo *entrar* está sendo aqui utilizado no sentido de *passar de fora para dentro, adentrar*, nem o substantivo *vigor* está sendo utilizado no sentido de *força*. *Entrar em vigor* quer dizer passar a ter vigência, a ser válido. Temos, ainda, exemplos como *levantar balanço, instalar assembléia, mover ação, perceber remuneração, suportar prejuízos, traçar diretrizes, levar à conta* etc. Notamos, assim, que o sentido global dessas colocações é diferente da soma dos sentidos isolados de cada um de seus componentes, ou pelo menos do colocado, o verbo. É por isso que frisamos a importância do sentido global ou do sentido dos vocábulos dentro de uma colocação específica e a ineficácia de obras lexicográficas tradicionais para elucidar o sentido de muitas colocações.

Na operação bilíngüe, de busca de equivalentes de colocações, torna-se ainda mais necessário ter o equivalente já como um bloco frástico completo, o que evitará que o falante não-nativo, ao produzir uma colocação no idioma estrangeiro, opte por um sinônimo inadequado ou por combinar dois elementos que, na prática, não se associam, embora virtualmente possíveis.

O fato é que ainda que não haja uma incompatibilidade sintático-semântica e que do ponto de vista composicional seja possível proceder-se a determinadas combinações, é preciso que se saiba se tais combinações são de fato usuais, se correspondem às preferências lingüísticas consolidadas no idioma em que o texto está sendo produzido.

Para ilustrar a questão, citamos o exemplo da colocação *aumentar o capital*. Partindo da base, *capital*, localizamos facilmente o equivalente no dicionário Michaelis de economia e direito, *Kapital*. Já a busca do colocado suscita dúvida quanto à escolha de um dos vocábulos, já que o mesmo dicionário registra para o verbo *aumentar* os equivalentes alemães *aufbessern, vergrössern, erhöhen, arrondieren*. A lista do dicionário de língua geral *Langenscheidt* é ainda maior, oferecendo: *vermehrten, vergrössern, erhöhen, steigern, sich mehren, zunehmen, wachsen, steigen*.

Ocorre que, assim como no português, para representar a significação desejada, a combinação da base, *capital*, somente se dá com o colocado *aumentar* (não admitindo, por

exemplo, *elevant*), também a combinação alemã só admite o verbo *erhöhen*, descartando todos os demais.

Assim, a simples seqüência de sinônimos, oferecida pelo dicionário, torna-se inútil para a produção da colocação.

É bem verdade que alguns lexicógrafos têm se dado conta da necessidade de catalogação de colocações, para relatar os diversos sentidos que os vocábulos podem adquirir. Vejamos, por exemplo, o verbete do *Langenscheidt* para o verbo *erstatten* (de grande ocorrência em nosso *corpus* de pesquisa):

erstatten (-e; -) restituir, devolver; **Kosten**: reembolsar;
Bericht~ fazer um relatório; relatar, informar;
Anzeige~(gegen) denunciar (ac.)

Temos, no verbete, pelo menos três combinações do verbo, formando três colocações diferentes e, nelas, ele adquire sentidos totalmente diversos. Essas combinações são muito úteis para elucidar o sentido do verbo para quem o lê em um texto. Para um falante do português é muito importante, por exemplo, saber que *Bericht erstatten* não significa *restituir relatório*, mas sim *fazer, elaborar relatório*. Ocorre, porém, que se esse falante estiver redigindo em alemão ou fazendo uma versão e, desconhecendo essa combinação específica do idioma, precisar construí-la a partir de seu conhecimento da língua e da ajuda dos dicionários, ele não obterá êxito. Nada consta, no mesmo dicionário, sobre as combinações possíveis da base, *relatório*, constando apenas o equivalente *Bericht*. O verbo *fazer*, que é uma das opções de colocado na colocação portuguesa, apresenta inúmeros equivalentes alemães. A opção por um deles seria totalmente aleatória. A outra opção de colocado seria o verbo *elaborar*. Registre-se, porém, que o verbo alemão *erstatten* não figura nem no verbete das equivalências do verbo *fazer* nem no de *elaborar*.

Assim, para que um dicionário ou glossário bilíngües fossem eficientes para a produção textual seria necessário que registrassem junto com as bases, os colocados possíveis com as respectivas equivalências.

Conforme já mencionamos, o elemento que oferece maiores dificuldades é o colocado, pois é geralmente o elemento desconhecido, ou seja, aquilo que o consulente procura. Já as

bases, que configuram elemento nominal, estão geralmente compiladas em dicionários terminológicos, e são mais facilmente encontráveis.

Ainda não delineamos o modelo lexicográfico que aplicaremos à confecção de nosso glossário, mas junto com HAUSMANN (1995), estamos certos de que o verbete deverá apresentar todos os colocados possíveis de uma determinada base.

Pelo raciocínio acima desenvolvido, as colocações deverão constar no glossário a partir da base, ao contrário do que verificamos nesse caso específico do verbo *erstaten* e de outros, em que as colocações estão registradas no verbete do verbo, ou seja, do colocado, fazendo com que a informação sobre a combinação seja útil apenas para a operação de tradução ou recepção de texto; já para a operação de versão e produção, essa forma de registrar as colocações não tem utilidade.

Ressalte-se que, no mesmo dicionário *Langenscheidt*, em que detectamos o registro de algumas colocações no verbete de certos verbos, também pudemos averiguar o registro de colocações no verbete de substantivos. É o caso da colocação *Recht sprechen* (julgar, sentenciar), cujo registro foi feito no verbete do substantivo *Recht* (direito).

Constata-se, assim, a falta de critério para o registro das colocações nos dicionários.

7 Considerações finais

As obras lexicográficas monolíngües prestam-se a esclarecer o sentido dos vocábulos, mediante definições conceituais e a utilização de sinônimos. As obras bilíngües ocupam-se de oferecer, na língua de chegada, o equivalente a um determinado vocábulo da língua de partida. Elas se configuram, assim, como ferramenta essencial para o trabalho de tradução e produção de texto no idioma estrangeiro.

Ocorre que nem sempre, ou melhor, quase nunca existe uma correspondência de um para um, na relação de equivalências de uma língua para outra. Ou seja, raramente a um vocábulo de um dado idioma corresponde apenas um vocábulo, no outro. Geralmente, os dicionários bilíngües registram para cada vocábulo de uma língua uma seqüência de equivalências na outra. Isto ocorre, porém, sem a inclusão de informações adicionais ou referências sobre seus sentidos e seu uso, o que desorienta o tradutor ou consulente na escolha de um dos equivalentes.

Vários são os aspectos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos no ato da produção textual e a reprodução de um texto por meio da tradução deverá levar em conta essa série de fatores, de forma a buscar o máximo de equivalência possível entre o texto original e o traduzido.

Muitas vezes, informações relativas ao registro do vocábulo, a sua freqüência e atualidade, à fraseologia, ao ambiente semântico ao qual pertencem etc. são negligenciadas nas obras lexicográficas, ausência esta que configura grande dificuldade para o tradutor ou consulente que, desinformado, não tem elementos e critérios concretos para pautar suas escolhas. Sobretudo a falta de informação sobre fraseologia pode levar o tradutor/falante não-nativo a produzir frases não usuais ou não naturais no idioma estrangeiro.

Em relação às traduções técnicas, é preciso que o tradutor tenha familiaridade com a linguagem do âmbito ao qual pertence o texto a ser traduzido, sob pena de pecar em suas escolhas, ao utilizar vocábulos e expressões que não são correntes na área. Isto implica saber quais são os vocábulos e as combinações privilegiadas dentro de cada domínio técnico, o que geralmente não pode ser obtido a partir da simples leitura do verbete do dicionário, mas apenas por meio da observação dos vocábulos e combinações em *corpus*.

Assim, um trabalho lexicográfico, ou melhor, fraseográfico, elaborado a partir de *corpora* específicos, contendo as combinações usuais, configura-se como uma ferramenta mais apropriada, sobretudo para o trabalho de tradução e de produção textual.

Já existe algum impulso no sentido de se elaborar dicionários fraseológicos e mesmo os dicionários tradicionais têm registrado, ainda que de forma desordenada, algumas combinações usuais de vocábulos.

O dicionário *Langenscheidt* registra, para o verbo *abrir*, várias associações com substantivos, apresentando, em cada caso, as respectivas equivalências. Vejamos:

Buch, Bett aufschlagen; **Ausstellung, Konkurs** eröffnen;
Weg bahnen; **Strasse, Hafen** anlegen; **Tunnel, Brunnen**
bohren; **Graben** ausheben; **Land** umbrechen; **Licht**
anknipsen; **Wettbewerb** ausschreiben; **Buchstaben**
schneiden od. stechen; **Appetit** anregen; den **Weg**
freigeben (abrir caminho); aufgeben (abrir mão de); die
Hand aufhalten (abrir as mãos - fig.)

Apesar dessa vasta gama de equivalentes, conforme já mencionamos anteriormente, não localizamos a colocação *abrir uma filial*. Mesmo buscando em dicionário específico, como o de economia e direito da Michaelis, também não encontramos a colocação equivalente, até porque são poucas as combinações oferecidas pelos dicionários específicos. Como já dissemos na introdução e frisamos durante esse trabalho, a fraseologia é muitas vezes negligenciada nas obras lexicográficas, ou não é tratada com método.

Notamos, assim, que as diversas configurações de sentido de um vocábulo em função de suas variadas combinações é um complicador da atividade tradutória. O grande problema reside no fato de que os dicionários bilíngües se limitam a fornecer as equivalências isoladas de vocábulos, abstendo-se do registro de colocações ou relacionando-as de maneira desordenada, ora no verbete do substantivo, ora no do verbo.

As colocações são combinações fraseológicas que se caracterizam pela co-ocorrência sistemática e significativa de certos elementos lexicais. No caso das colocações verbais, esses elementos são verbos e substantivos. Ocorre que elas são combinações que muitas vezes diferem de um idioma para outro, sendo portanto formações peculiares a cada idioma. Assim,

enquanto em português se diz *embaralhar as cartas*, em alemão, se diz *misturar as cartas* (*die Karten mischen*). Dessa forma, a produção de uma tal combinação dependerá de uma experiência lingüística prévia com a colocação em questão, sob pena de proceder-se a uma tradução literal, inadequada e não natural.

No âmbito técnico, caracterizado por vocábulos de uso específico, é também importante ao usuário de uma determinada linguagem de especialidade conhecer, além das formas nominais, que constituem as bases das colocações e que são geralmente descritas em obras terminológicas, os vocábulos que são colocados usualmente junto a elas, e que caracterizam uma formulação recorrente, cristalizada pelo uso.

A obra lexicográfica que pode oferecer esse tipo de informação ao usuário é o glossário fraseológico.

O ideal é que o glossário seja sempre circunscrito a um determinado âmbito da língua, de forma a ser o mais abrangente possível.

Deve também ser elaborado a partir de *corpora*, já que visa a fornecer combinatórias usuais e convencionais do idioma e está baseado no aspecto pragmático da língua. Ele não visa, portanto, a abordar as potencialidades do sistema da língua, mas a informar as ocorrências concretas.

O estudo empreendido detectou que existem muitos aspectos morfossintáticos e semânticos importantes na produção de uma colocação. Esses aspectos se relacionam à estrutura morfossintática interna e externa da colocação, ou seja, à forma como os elementos da colocação se combinam entre si e à maneira como se encaixam dentro de um contexto. É preciso registrar a presença de vários elementos, como o uso de determinante acompanhando a base da colocação, a preferência por uma determinada forma verbal do colocado, a valência interna e externa da colocação etc.

Enfim, trata-se de diversos detalhes que deverão ser observados e registrados no momento de se compilar uma colocação a ser inserida em um glossário, para que o futuro usuário possa traduzir e produzir textos com maior facilidade e propriedade.

Estamos cientes de que o trabalho desenvolvido até aqui consubstancia-se apenas como a pedra fundamental para o trabalho de maior envergadura, que será a confecção do glossário. Esse estudo, porém, mostrou-se necessário e essencial para estruturar tal trabalho sobre bases teóricas firmes, e fornecer as diretrizes para a sua execução.

8 Referências bibliográficas

ALLERTON, D. J. Linguistically strange Word combinations. In: BRIDGES, Margaret (ed.). *On Strangeness*. Tübingen: Narr, p. 25-38.

ALVAREZ, María Luisa Ortíz. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. 334 f. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas.

ALVES, Ieda Maria. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 69-97.

AZENHA JR., João. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

BALLY, Ch. *Traité de stylistique française*. 2 Bde. Heidelberg, 1909.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília, 1990, p. 152-158.

_____. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. In: *Acta semiótica e lingüística*. São Paulo: Plêiade, 1998, v.7, p.23-42.

BIBER, Douglas. Lexicography. In: _____; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics – Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 21-53.

BOWKER, Lynne. Using specialized monolingual native-language corpora as a translation resource: a pilot study. In: *META XLIII*, nº 4, p. 631-651, 1998.

BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. *Para a produção de um vocabulário sistemático da área de telefonia celular*. 2000. 356 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BURGER, Harald; BUHOFER, Annelies; SIALM, Ambros. *Handbuch der Phraseologie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter Verlag, 1982.

BURGER, Harald. *Phraseologie - Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1998.

BUSSE, Winfried e VILELA, Mário. *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina, 1986.

CAMARGO, Sidney. Expressões idiomáticas do alemão e do português. Palestra proferida no dia 09.05.2002, durante a *X Semana de Língua Alemã – 2002: "A língua alemã em estudo"*, de 06 a 09.05.2002, na FFLCH, Universidade de São Paulo. Manuscrito.

CATFORD, John Cunnison. *Uma teoria lingüística da tradução*. Trad. do Centro de Especialização de Tradutores de inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. RJ/SP: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.

COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

DAL BELLO, João Alfredo. *Verbos funcionais: uma contribuição para o ensino de alemão a falantes de português*. 1987. 99 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIALA, P. Pour une approche discursive de la phraséologie: Remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent, sans doute. In: *Language et société*, 42, Maison des Sciences de l'Homme/Centre National de la Recherche Scientifique, 1988, p. 27-44.

FLEISCHER, Wolfgang. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache. 2. durchgesehene und ergänzte Auflage*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.

FONTENELLE, Thierry. Towards the construction of a collocational database for translation students. In: *Meta XXXIX*, n°1, 1994, p. 47-56.

GECKELER, H. *Semântica estrutural, teoria del campo léxico*. Madri: Gredos, 1984.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra: Editora Almedina, 1974.

GLENK, Eva M.F. Carregar água no cesto e outras façanhas. As imagens nossas de cada dia – um desafio para a tradução. Palestra proferida no dia 09.05.2002, durante a *X Semana de Língua Alemã – 2002: "A língua alemã em estudo"*, de 06 a 09.05.2002, na FFLCH, Universidade de São Paulo. Manuscrito.

_____. *Die Funktion der Sprichwörter im Text*. Viena: Edition Praesens, 2000.

_____. Vorüberlegungen zur Problematik der Phraseologismes im DaF-Wörterbuch. In: WIESINGER, Peter; DERKITS, Hans (Eds.). *Akten des X. Internationalen Germanistenkongresses Wien 2000. Zeitenwende – Die Germanistik auf dem Weg vom 20. ins 21. Jahrhundert*. Bern: Peter Lang Verlag, 2002b.

GRÉCIANO, Gertrud. Sprachfertigteile, ihre kognitive und kommunikative Performanz. In: Institut zur Erforschung und Förderung österreichischer und internationaler Literaturprozesse. Disponível em: <http://www.inst.at/studies/s_0103_d.htm>. Acesso em: out. 2001.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad. Miguel Maillet, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

GÜLICH, Elisabeth. Routienformeln und Formulierungsroutinen. In: WIMMER, Rainer; BERENS, Franz-Josef (ed.). *Wortbildung und Phraseologie*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1997.

HAUSMANN, Franz Josef. Kollokationen im deutschen Wörterbuch – ein Beitrag zur Theorie des lexikographischen Beispiels. In: BERGENHOLTZ, Henning; MUGDAN, Joachim (Eds.). *Lexikografie und Grammatik. Akten des Essener Kolloquiums zur Grammatik im Wörterbuch*. Lexicographica, Series Maior 3, 1985, p. 118-129.

_____. Von der Unmöglichkeit der kontrastive Lexikologie. In: KROMAN, Hans-Peter; KJAER, Anne Lise (Eds.). *Von der Allgegenwart der Lexikologie – Kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikografie; Akten des Internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29 – 31.10.1994*, Lexicographica, Series Maior 6. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1995, p. 19-23.

HEID, Ulrich; FREIBOTT, Gerhardt. Collocations dans une base de données terminologique et lexicale. In: *Meta XXXVI:1*, 1991, p. 77-91.

HEID, Ulrich; MARTIN, Willy; POSCH, Ilse. Feasibility of standands for collocational description of lexical items. In: *Eurotra 7-report*, Stuttgart/Amsterdam, 1991.

HEINEMANN, W./VIEHWEGER, D. Text, Textsorte, Texttyp. In: _____. *Textlinguistik: Eine Einführung*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, p. 129-175.

HEYLEN, Dirk; MAXWELL, Kerry. Lexical functions and the translation of collocations. In: *Euralex '94 Proceedings*, Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 1994, p. 298-305.

HOEY, Michael. From concordance to text structure: new uses for computer corpora. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B.; MELIA, P. J. (Eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*, Lodz: Lodz University Press, 1997, p. 2-23.

KETTEMAN, Bernhard. Concordancing as input enhancement in ELT. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B.; MELIA, P. J. (Eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*, Lodz: Lodz University Press, 1997, p. 63-73.

KJAER, Anne Lise. Normbedingte Wortverbindungen in der juristischen Fachsprache (Deutsch als Fremdsprache). In: *Fremdsprachen Lehren und Lernen – FluL – 21* (1992), (Themenschwerpunkt: Idiomatik und Phraseologie). Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1992, p. 46-64.

_____. Vergleich von Unvergleichbarem. Zur kontrastiven Analyse unbestimmter Rechtsbegriffe. In: KROMAN, Hans-Peter; _____. (Eds.). *Von der Allgegenwart der Lexikologie – Kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikografie; Akten des Internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29 – 31.10.1994*, Lexicographica, Series Maior 6. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1995, p. 39-56.

_____. Zur kontrastiven Analyse von Nominationsstereotypen der Rechtssprache deutsch-dänisch. In: SANDIG, Barbara (Ed.). *Europhras 92: Tendenzen der Phraseologieforschung*. Bochum: Universitätsverlag Brockmeyer, 1994, p. 317-347.

KJELLMER, Göran. A mint of phrases. In: AIJMER, K.; ALTENBERG; B. (Eds.). *English corpus linguistics, studies in honour of Jan Svartvik*, London: Longmann, p. 111-127.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Estratégias de processamento textual. In: *IEL-UNICAMP*. Campinas: IEL-UNICAMP, 1999. Manuscrito.

KRISHNAMURTHY, Ramesh. Keeping good company: collocation, corpus, and dictionaries. *Cicle de Conferències 95-96 Lèxic, corpus i diccionaris*, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1997, p. 31-56.

KROMANN, Hans-Peter. Von den Möglichkeiten einer kontrastiven Optik und Mikroskopie in der Lexikologie. In: KROMAN, Hans-Peter; KJAER, Anne Lise (Eds.). *Von der Allgegenwart der Lexikologie – Kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikografie; Akten des Internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29 – 31.10.1994*, Lexicographica, Series Maior 6. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1995, p. 114-126.

_____. Zur Typologie und Darbietung der Phraseologismen in Übersetzungswörterbüchern. In: KORHONEN, Jarmo (Ed.). *Beiträge zur allgemeinen und germanistischen Phraseologieforschung. Internationales Symposium in Oulu, 13-15.06.1986*, Finland: Universität Oulu, 1987, p. 183-191.

LAINÉ, Claude; PAVEL, Silvia; BOILEAU, Monique. La phraséologie – Nouvelle dimension de la recherche terminologique. Travaux du module canadien du Rint. In: *L'actualité terminologique/Terminology update 25:3*, 1992, p. 5-9.

LARANJINHA, Ana Lucinda Tadei. *Para um glossário bilíngüe – português/inglês – de termos do Direito Comercial: colocações verbais*. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1981.

LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional: EDUSP, 1979.

MARTIN, W. Remarks on collocations in sublanguages. In: *Terminologie et Traduction 2/3*, Bruxelles/Luxembourg: Commision des Communautés Européennes, 1992, p. 157-164.

McENERY, Tony; WILSON, Andrew. Early corpus linguistics and the Chomskyan revolution. In: *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997, p. 1-21.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. In: *Revista Brasileira de Lingüística*, v. 7, nº 1. São Paulo: Global Editora, 1984, p. 43-65.

PALM, Christine. *Phraseologie - Eine Einführung*. 2ª Ed. Tübingen: Narr Studienbücher, 1997.

SANCHEZ, A. Definición e historia de los corpus. In SANCHEZ, A. et al (Org.) *CUMBRE – Corpus Lingüístico de Español Contemporáneo*, Madrid: SGEL, 1995, p. 7-24.

SARDINHA, Tony Beber. *O que é um corpus representativo?*. São Paulo: PUC, 1999 (manuscrito não publicado).

_____. Lingüística do corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.* 16,2, 2000, p. 323-367.

_____. Prosódia Semântica na Tradução do Português e Inglês: um Estudo baseado em *corpus*. In: *Actas do V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR 2000)* (Atibaia, São Paulo, Brasil) 1 a 22 de novembro de 2000b, p. 93-104.

SCHANK, Roger & ABELSON, Robert. *Scripts plans goals and understanding*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

SINCLAIR, J. M. Collocation: a progress report. In: STEEL, Ross; THREADGOLD, Terry (Eds.). *Language Topics: essays in honour of Michael Halliday*, vol I, Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 319-331.

SPENCER, John et. al. *Lingüística e estilo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

TAGNIN, Stella Ortweiler. *Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português – português/inglês*. 1998. 102 f. Tese (Livre-docência em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

ULRYCH, Margherita. The impact of multilingua parallel concordancing on translation. In LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B.; MELIA, P. J. (Eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*, Lodz: Lodz University Press, 1997, p. 421-435.

VALENTE, Renata Stela. Pode-se considerar o verbo uma unidade lexical especializada? Descrição de verbos especializados do português. In: *Tradterm 6 – Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH/USP n° 6*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 190-205.

VAN DIJK. Teun A. *Cognição, discurso e interação*. Apresentação e organização de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1992.

VILELA, Mário. *Tradução e análise contrastiva: teoria e aplicação*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

WERLEN, Iwar. Kontrastive Lexikologie: Tagalog – Deutsch. In: KROMAN, Hans-Peter; KJAER, Anne Lise (Eds.). *Von der Allgegenwart der Lexikologie – Kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikografie; Akten des Internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29 – 31.10.1994*, Lexicographica, Series Maior 6. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1995, p. 24-38.

Dicionários

CAMARGO, Sidney; BORNEBUSCH, Herbert. *Wörterbuch metaphorischer Redewendungen Deutsch-Portugiesisch mit thematischem Inhaltsverzeichnis. Dicionário de expressões idiomáticas alemão-português com índice remissivo temático*. São Paulo: E.P.U., 1996.

DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão integral do Novo Dicionário Aurélio, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, publicado pela Editora Nova Fronteira. Produzido por Lexikon Informática Ltda. Versão 3.0, 1999.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

EHLERS, Edel Helga Kick; EHLERS, Gunter. *Michaelis Tech – Dicionário de Economia e Direito alemão português, português-alemão*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.

HOUAISS, Antônio (+); Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRMEN, Dr. Friedrich; KOLLERT, Ana Maria Cortes. *Langenscheidts Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache*. Berlin/München/Wien/Zürich: Langenscheidt Verlag, 1982.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionário de verbos alemão-português*. Disponível em: www.unb.br/il/let/welker/dici. Acesso em: agosto de 2003.

Sites e ferramentas eletrônicas

IDS – Institut für Deutsche Sprache, disponível em: <http://corpora.ids-mannheim.de/~cosmas/>

Webcorp, disponível em: <http://webcorp.connect.org.uk/cgi-bin/webcorp>

WordSmith Concordancer, disponível em <http://www.liv.ac.uk/~ms2928/>



9 Apêndices

Apenas como ilustração, arrolamos a seguir as colocações extraídas de nosso *corpus* de português e de alemão, separadamente, agrupando-as pela base, em ordem alfabética.

Tabela de colocações – português

base	colocado	determinante/ preposição	complemento
ação	mover	Ø/a/uma	contra (empresa, pessoa, ato)
ações	adquirir	Ø/as/as próprias	de um tipo em outro tipo
ações	alienar	Ø/as/suas	
ações	converter	Ø/	
ações	emitir	Ø/as	
acordo(s)	rescindir	Ø/o/um	
acordo(s)	celebrar	Ø/o/um	
agências	abrir	Ø	
agências	criar	Ø	
agências	encerrar	Ø	
agências	estabelecer	Ø	
agências	extinguir	Ø	
agências	fechar	Ø	
agências	suprimir	Ø	
apoio técnico	prestar	Ø	a, para alg./para a.c.
assembléia(s)	instalar	Ø/a	
assembléia(s)	convocar	Ø/a/uma	
assessoria	prestar	Ø	a, para alg.
assinatura	apor	Ø	em
ata(s)	lavrar	Ø/a/uma	sobre
atividade(s)	exercer	Ø/a(s)/outras/ qualquer outra/ quaisquer das	

atividade(s)	dirigir	as	
atividade(s)	encerrar	as/suas	
atividade(s)	executar	Ø/outras/quaisquer	
atividades	gerir	as	
atos	baixar	os	
atos	praticar	Ø/todos os/quaisquer	
atribuições	conferir	Ø	a alg.
atribuições	exercer	as	
atribuições	fixar	as	
balanço	elaborar	um	
balanço	levantar	Ø/o/um	
balanço	realizar	o	
bens	alienar	Ø	
bônus de subscrição	emitir	Ø	
capital	abrir	o	
capital	aumentar	o	em R\$..../ de R\$... p/ R\$...
capital	realizar	o	
cargo	assumir	o	
cargo	exercer	Ø/o/um	
cargo	ficar	a	de alg.
cargo	investir	no	
cargo	ocupar	Ø/o	
cargos	prover	os/esses	
caução	prestar	Ø	
certificados	emitir	Ø	
certificados	expedir	Ø	
cheques	endossar	Ø	
ciência	dar	Ø	de a.c. a alg.
comissões	criar	Ø	
comitê	instalar	um	
comitês	constituir	Ø	

comitês	instituir	Ø	
competência	delegar	Ø	a alg. para fazer a.c.
comunicados	expedir	Ø	
concordata	pedir	Ø	
condições	estabelecer	as	
condições	fixar	Ø/as	
conhecimento	tomar	Ø	
consideração	tomar	em	
conta	levar	à	
conta	ter	em	
conta	tomar	em	
conta(s) bancária(s)	encerrar	Ø	
conta(s) bancária(s)	abrir	Ø	
contas	tomar	as	
contrato	violar	o	
contrato(s)	celebrar	Ø/o/um	com
contrato(s)	rescindir	Ø/o	com
controle	deter	Ø/o	sobre
controle	exercer	Ø/o	sobre
controle	manter	Ø/o	sobre/de
controvérsias	dirimir	Ø	
convênios	celebrar	Ø	
cotas	alienar	as/suas	
crédito	abrir	Ø	
critério(s)	estabelecer	Ø/os	
critério(s)	fixar	Ø/o	
danos	causar	Ø	a alg/a a.c.
debêntures	emitir	Ø	

decisão(ões)	tomar	Ø	sobre
deliberações	tomar	Ø	sobre
demonstrações fi- nanceiras	elaborar	Ø/as	
demonstrações fi- nanceiras	levantar	Ø/as	
direito	dar	Ø	a a.c.
direito	ter	Ø	a a.c.
direito(s)	conferir	Ø/os	a alg. para fazer a.c.
direitos	gozar	de	
diretrizes	estabelecer	Ø/as	
diretrizes	fixar	Ø/as	
diretrizes	traçar	as	
disposição	colocar	à	
disposição	pôr	à	
disputas	dirimir	as	
disputas	resolver	Ø/as	
dissolução	entrar	em	
dividendos	distribuir	Ø/tais	
dúvidas	dirimir	Ø/quaisquer	
efeitos	produzir	Ø	
empregados	admitir	Ø	
empregados	demitir	Ø	
empréstimos	contrair	Ø	
escritórios	abrir	Ø	
escritórios	criar	Ø	
escritórios	encerrar	Ø	
escritórios	estabelecer	Ø	
escritórios	extinguir	Ø	
escritórios	fechar	Ø	
escritórios	instalar	Ø	
escritórios	suprimir	Ø	
exercício	entrar	em	

faturas	emitir	Ø	
férias	gozar	Ø	
filiais	abrir	Ø	
filiais	criar	Ø	
filiais	encerrar	Ø	
filiais	estabelecer	Ø	
filiais	extinguir	Ø	
filiais	fechar	Ø	
filiais	instalar	Ø	
filiais	suprimir	Ø	
fim	pôr	Ø	a a.c.
fim	ter	como	
finalidade	ter	por	
foro	eleger	o	
funcionamento	entrar	em	
funções	desempenhar	Ø/as/quaisquer	
funções	exercer	Ø/as/suas/outras	
funções	ocupar	as	
garantia	prestar	Ø/outra	
gratificações	fixar	as	
honorários	estabelecer	Ø/os	
honorários	fixar	Ø/os/seus/os seus	
honorários	perceber	os	
informações	prestar	Ø/as	
instrumento	lavrar	o/o presente/este	
jus	fazer	Ø	a a.c.
limites	estabelecer	Ø/os	
limites	fixar	Ø/os	
liquidação	entrar	em	
livros	examinar	os	
lucros	apurar	Ø/os	
lucros	auferir	Ø	

lucros	distribuir	Ø/os/parte de seus	
lugar	assumir	o	de alg.
mandato	exercer	Ø/o	
medidas	adotar	Ø/as	
mora	constituir	em	
negócios	gerir	Ø/os	
normas	estabelecer	Ø/as	
normas	fixar	Ø/as	
objetivo	ter	por	
objeto	ter	por	
objeto	ter	como	
obrigações	assumir	Ø	
obrigações	contrair	Ø	
obrigações	cumprir	Ø	
ônus	constituir	Ø	
orientação geral	fixar	a	
parecer	dar	Ø	sobre
parecer	emitir	Ø/o/o seu	sobre
parte	fazer	Ø	de
parte	tomar	Ø	em
pedidos	formular	Ø	
perdas	cobrir	as	
poderes	conferir	Ø	
poderes	delegar	Ø/os/esses	
poderes	outorgar	Ø	
posse	tomar	Ø	
prazo	fixar	Ø	

prejuízo(s)	suportar	Ø	a alg./a a.c.
prejuízo(s)	causar	Ø	
prejuízos	tolerar	Ø	
prioridade	ter	Ø	
procuração	conceder	Ø	
procuração	outorgar	Ø	
procurador(es)	constituir	Ø/um	
proporção	guardar	Ø	
providências	adotar	Ø	
quitação	dar	Ø	
quotas	alienar	as/suas	
recurso	apresentar	Ø	
recurso	interpor	Ø	
recursos	captar	Ø	
regras	fixar	Ø/as	
relatório	elaborar	Ø/o	
remuneração	estabelecer	a	
remuneração	fixar	Ø/a/sua	
remuneração	receber	Ø/uma	
remuneração(ões)	perceber	Ø/uma/a	
respeito	dizer	Ø	
reunião(ões)	convocar	Ø/a/uma/as	
reuniões	presidir	Ø/as/suas	
sede	ter	Ø/sua	
serviços	executar	Ø	
serviços	prestar	Ø	
sigilo	guardar	Ø	
sociedade(s)	constituir	Ø/uma	

sucursais	abrir	Ø	
sucursais	criar	Ø	
sucursais	encerrar	Ø	
sucursais	estabelecer	Ø	
sucursais	extinguir	Ø	
sucursais	instalar	Ø	
sucursais	suprimir	Ø	
tarefas	executar	Ø	
termo de compromisso	celebrar	Ø/o	
termo de compromisso	firmar	Ø/o	
títulos	emitir	Ø	
uso	fazer	Ø	de a.c.
vaga	ocupar	Ø	
vantagem	obter	Ø	
vigor	entrar	em	
vista	ter	em	
voto de qualidade	exercer	o	

Tabela de colocações em alemão

base	colocado	determinante/compl.	preposição
Abschlüsse	erstellen	Ø	
Abstand	nehmen	Ø	von + dat.
Aktien	ausgeben	Ø	
Aktien	einziehen	Ø	
Aktien	erwerben	Ø	
Aktien	hinterlegen	Ø	
Aktien	umwandeln		Ø
Aktien	veräußern	Ø	
Aktienurkunden	ausstellen	Ø	
Aktienurkunden	ausgeben	Ø	
Amt	erlöschen	sein	
Amt	niederlegen	sein/ihr	
Anrecht	geben	Ø	auf + akk.
Anspruch	haben	Ø	auf + akk.
Antrag	stellen	Ø	
Anwendung	finden	keine/entsprechende	
Aufgabe	erfüllen	die/seine/ihre	
Auflagen	erfüllen	Ø	
Ausschlag	geben	den	
Ausschüsse	bilden	Ø	
Bankkonto	halten	ein	
Bar	einzahlen	in	
Bedingungen	erfüllen	Ø	
Befugnis	erteilen	Ø/die	
Beirat	installieren	einen	

Beitrag	leisten	einen	
Bericht	erstatten	Ø/ein	über + akk.
Beschluss	fassen	Ø/seine/ihre	über + akk
Beschränkungen	einhalten	Ø	
Beträge	einstellen	Ø	in Gewinn- rücklagen
Bezeichnung	führen	die	
Bücher	einsehen	Ø/die	
Bücher	führen	Ø/die	
Bücher	prüfen	Ø/die	
Bürgschaften	eingehen	Ø	
Ziel/e	verfolgen	das/die	
Dividenden	ausschütten	Ø	
Einklang	stehen	in	
Einlage(n)	leisten	Ø	
Einspruch	erheben	Ø	gegen + akk.
Empfang	nehmen	in	
Erklärung	abgeben	Ø	
Firma	führen	die	
Folge	haben	zur	etwas (akk.)
Frist	abkürzen	die	Ø/bis auf ...Tage
Frist	ansetzen	eine	von ...Tage
Frist	bestimmen	eine	
Frist	einhalten	eine	
Frist	verkürzen	die	
Garantien	eingehen	Ø	
Gebrauch	machen	Ø	von + dat.

Gelegenheit	geben	Ø/diesen	
Geschäfte	betreiben	alle	
Geschäfte	durchführen	alle	
Geschäfte	eingehen	alle	
Geschäfte	erledigen	alle	
Geschäfte	führen	die	
Geschäfte	leiten	Ø	
Geschäfte	tätigen	Ø/alle/sämtliche	
Geschäfte	vornehmen	Ø	
Geschäftsbericht	auflegen	Ø	
Geschäftsbericht	aufstellen	den	
Geschäftsbericht	erstellen	einen	
Geschäftsordnung	erlassen	eine	
Geschäftsordnung	festsetzen	eine	für + akk.
Geschäftsordnung	geben	eine	sich
Gesellschaft	errichten	eine	
Gesellschaftsverpflichtungen	nachkommen	seinen	
Gewinne	erzielen	Ø	
Gründungskosten	übernehmen	die	
Handlungen	führen	alle	
Handlungen	vornehmen	alle	
Insolvenz-/ Vergleichsverfahren	eröffnen	ein	
Jahresabschluss	aufstellen	Ø/den	
Jahresabschluss	erstellen	Ø/den	
Jahresabschluss	feststellen	den	
Kapital	erhöhen	das	um \$... bis \$...
Kapitalkonto	führen	ein	
Kenntnis	setzen	in	
Konkurrenz	treten	in	
Konkurs	anmelden	Ø	

Kosten	tragen	die	
Kraft	treten	in	
Kriterien	orientieren	an	
Lagebericht	aufstellen	den	
Lasten	gehen	zu	+ gen.
Leitung	übernehmen	die	
Massnahmen	durchführen	Ø	
Massnahmen	ergreifen	alle/sonstige	
Massnahmen	treffen	alle/sämtliche	
Neuwahl	vornehmen	eine	
Niederschrift	anfertigen	die/eine	
Niederschrift	aufnehmen	die/eine	
Niederschrift	fertigen	die/eine	
Pflicht	erfüllen	die/ihre	
Preis	bestimmen	den	
Protokoll	ausfertigen	das	
Protokoll	erstellen	ein	
Protokoll	führen	ein	über + akk
Rechnung	stellen	in	
Recht	anwenden	das	
Recht	einräumen	das/ein	jdm
Recht	ausüben	das	
Regelung	treffen	eine	
Reglement	erlassen	ein	über + akk.
Revisionbericht	auflegen	Ø	
Schadenersatz	fordern	Ø	
Sitz	haben	den/seinen/ihren	in einer Stadt
Sitz	verlegen	den	nach einer Stadt

Sitzung	einberufen	Ø/die/eine	
Sitzung	eröffnen	die	
Sitzung(en)	leiten	die	
Stelle	treten	an die	+ gen.
Stillschweigen	bewahren	Ø	
Stimme	abgeben	Ø	
Stimme	gewähren	eine	
Streit	lösen	den	
Tätigkeiten	ausüben	Ø	
Unternehmen	gründen	Ø	
Unternehmen	beteiligen	an anderen	sich
Vereinbarung	treffen	eine	
Vereinbarungen	schliessen	Ø	
Verfügung	stehen	zur	
Verfügung	stellen	zur	
Vergütung	erhalten	die/eine	
Verhandlung/en	leiten	die	
Versammlung	abhalten	eine	
Versammlung	einberufen	die	
Versammlung	eröffnen	die	
Versammlung	leiten	die	
Vertrag/"e	kündigen	Ø/die	
Vertrag/"e	abschliessen	Ø/einen	
Vollmacht	erteilen	Ø	
Vorschriften	einhalten	Ø	
Vorsitz	führen	den	
Vorsorge	treffen	Ø	
Wahl/en	vollziehen	die/seine/ihre	

Widerspruch	erheben		
Zertifikate	ausgeben	Ø	Ø/über eine Anzahl von Aktien
Zusammenhang	stehen	im	mit + dat.
Zustimmung	einholen	die vorherige	
Zustimmung	erteilen	die	
Zweck	dienen	dem	
Zweck	erreichen	den	
Zweck	fördern	den	
Zweck/e	verfolgen	Ø/den	
Zweigniederlassungen/ Niederlassungen	errichten	Ø	